



FIEI FORMAÇÃO INTERCULTURAL
PARA EDUCADORES INDÍGENAS

FaE
Faculdade de Educação

VANESSA GONÇALVES DOS SANTOS

**DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS ESTUDANTES XAKRIABÁ PARA A
PERMANÊNCIA NO FIEI**

**BELO HORIZONTE
2024**



FIEI FORMAÇÃO INTERCULTURAL
PARA EDUCADORES INDÍGENAS

FaE
Faculdade de Educação

VANESSA GONÇALVES DOS SANTOS

**DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS ESTUDANTES XAKRIABÁ PARA A
PERMANÊNCIA NO FIEI**

Percorso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da UFMG como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Línguas, Arte e Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shirley Aparecida de Miranda

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Symaira Poliana Nonato

**BELO HORIZONTE
2024**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui nessa renomada Universidade e conclui um curso de grande importância para os povos indígenas, agradeço a minha família, aos meus irmãos e sobrinhos pelo apoio e incentivo.

Agradeço aos meus entrevistados pelo compartilhamento dos seus saberes.

Agradeço aos meus colegas e amigos de turma, na qual passamos por momentos muito enriquecedores que contribuiu para a nossa formação.

Agradeço a família FIEI Xakriabá por ter partilhado de todos os momentos, pois somos um grupo unido e a união faz a força e sendo assim nos fortalece para chegarmos aos nossos objetivos.

Agradeço aos colegas e amigos Pataxós, Guarani, Krenak, Maxakali e Xucuru Kariri, pelas trocas de experiências e conhecimentos na qual irei levar para a vida.

Agradeço ao povo Xakriabá, aos caciques e lideranças pela força e coragem que sempre lutou pelos nossos direitos a conquistar.

Agradeço a minha comunidade Aldeia Prata juntamente com a liderança senhor Valdemar Ferreira dos Santos, a vice liderança Diana Pereira de Araújo Rocha e a Escola Oaytomorim.

Agradeço aos nossos professores e bolsistas pelas trocas de conhecimentos e pelas experiências vivenciadas.

Agradeço as minhas orientadoras, pela paciência que teve comigo em todos os encontros e pelos incentivos, pois em cada argumento, me inspirava a buscar novos conhecimentos para aqui compartilhar. A vocês Shirley Miranda e Symaira Nonato, GRATIDÃO e muito obrigada por tudo!

Agradeço a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, a Faculdade de Educação – FaE, ao Curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), aos professores, bolsistas, enfim obrigada pelo acolhimento e apoio nesses quatro anos de estudo, sendo ele remoto ou presencial.

RESUMO

Esta pesquisa de finalização de curso apresenta vários levantamentos dos estudantes indígenas Xakriabá, com o objetivo de compreender os desafios enfrentados por esses estudantes desde o início do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas - FIEI, desde 2009 até o ano de 2023. Na pesquisa há várias entrevistas que foram realizadas com os estudantes representantes de colegiado, também tem gráfico, tabelas organizadas por habilitação, ano de ingresso, aldeias e por sexo, além de apresentar o desenho do mapa do território com quantidade de estudantes por aldeias e análise das entrevistas por categorias. Dentro das análises, das entrevistas por categorias, destacamos os seguintes pontos relacionados aos desafios. Chegar a ficar na UFMG, que cita o acolhimento, transporte e moradia; Irrigar o Curso que se trata dos recursos para a permanência; Desafios da Convivência, que entra a questão do racismo e preconceito e a saúde; Mulheres no Curso, que mostra um pouco sobre os desafios das mulheres no decorrer do curso; Lutas para Consolidar o Curso, que engloba a participação no colegiado e a importância do curso; Desafios de Estudar na Pandemia e Desafios da minha Trajetória no Curso. Espero que essa pesquisa tenha uma contribuição para a minha comunidade da Aldeia Prado e para o Território Indígena Xakriabá em geral, assim como para outras comunidades ou Povos.

Palavras-chave: Território; Xakriabá; estudantes indígenas, permanência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 Apresentação da Autora	7
1.1.1 Trajetória Escolar	8
1.2 O Meu Interesse no Tema.....	11
1.3 Percurso de referência	12
1.4 O Território Xakriabá	13
2. METODOLOGIA	17
2.1. Levantamento de estudantes Xakriabá do curso FIEI por habilitação desde 2009 a 2023	17
2.2. Organização e análise dos dados de inserção dos estudantes	20
3. APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	28
4. DESAFIOS E CONQUISTAS DA PERMANÊNCIA NO FIEI	39
4.1. Chegar e ficar na UFMG	39
4.2. Irrigar o curso (Recursos da permanência)	45
4.3. Desafios da convivência	47
4.3.1. Racismo e preconceito	47
4.3.2. Saúde	48
4.4. Mulheres no Curso	50
4.5. LUTAS PARA CONSOLIDAR O CURSO	52
4.5.1. A participação no Colegiado	53
4.6. A importância do Curso	54
4.7. Desafios de estudar na pandemia.....	56
4.8. Desafios da minha trajetória no curso.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
APÊNDICE – ENTREVISTAS COMPLETAS	64
Entrevista 1	64
Entrevista 2	67
Entrevista 3	69
Entrevista 4	75
Entrevista 5	76
Entrevista 6	79
Entrevista 7	81
APÊNDICE 2 - TABELA COMO LEVANTAMENTO DOS ESTUDANTES XAKRIABÁ DO CURSO FIEI POR HABILITAÇÃO DESDE 2009 A 2023	86
APÊNDICE 3 - ORGANIZAÇÃO E ANALISE DESSES ESTUDANTES POR HABILITAÇÃO E POR SEXO (HOMENS E MULHERES).....	92

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de conclusão de curso, cujo tema é Desafio Enfrentado pelos Estudantes Indígenas Xakriabá para a Permanência no FIEI, realizada por mim, sobre a orientação da professora Shirley Aparecida Miranda e a coorientadora Symaira Poliana Nonato.

Esse tema é importante porque contém várias informações que são de suma importância para os estudantes Xakriabá, onde busco relatar, através das análises das entrevistas, pontos sobre os desafios vivenciados por esses estudantes, desde 2009 à atualidade, em relação à permanência no curso e também relatar um pouco do desafio enfrentado por mim, no curso de Ciências Biológicas, além de mencionar o acolhimento dos professores e estudantes do curso FIEI.

Esse tema tem como objetivos, compreender e entender como esses estudantes indígenas Xakriabá do curso FIEI, enfrentaram e enfrentar esses desafios e que estratégias constroem para a permanência no mesmo.

Iniciei a pesquisa fazendo um levantamento com algumas pessoas que fez o curso FIEI, na qual tive como referência para saber quem foram os estudantes indígenas Xakriabá que passou pelo FIEI, também fiz uma busca na secretaria do colegiado, na qual foi disponibilizada uma lista com todos os nomes, habilitações e ano de ingresso dos estudantes indígenas pela secretária Luciana.

Analisei essa lista, nomes por nomes, e ia conferindo com o levantamento que eu já tinha feito anteriormente. E nesse levantamento tinha a habilitação, ano de ingresso e aldeia onde cada um mora. Consultei também a lista do resultado preliminar e geral disponibilizado pelo site COPEVE com os nomes dos estudantes aprovados no curso FIEI nos anos de 2020 (habilitação em Línguas, Arte e Literatura), 2021 (habilitação em Ciências Sociais e Humanidades), 2022 (habilitação em Matemática) e 2023 (habilitação em Ciências da Vida e da Natureza).

Após fazer toda essa análise, busquei realizar as entrevistas com os estudantes representantes de colegiado do Povo Xacriabá, então foi aí, que mais uma vez fui até a Secretaria do curso e novamente a Luciana disponibilizou os livros de atas do colegiado para que eu identificasse os nomes dos estudantes que eram e é representantes de colegiado.

Enfim, com todos esses levantamentos prontos, iniciei mais uma etapa que foi pensar quais estratégias seria para a realização das entrevistas, onde elaborei uns questionários com perguntas iguais e específicas para cada um dos meus entrevistados.

As entrevistas foram desenvolvidas com os estudantes indígenas Xakriabá, representantes do colegiado do curso FIEI.

Primeiro Capítulo, Introdução, conta com a minha apresentação, trajetória escolar, meu interesse no tema, percurso de referência e fala um pouco sobre o Território Xakriabá dando ênfase na minha Aldeia Prata.

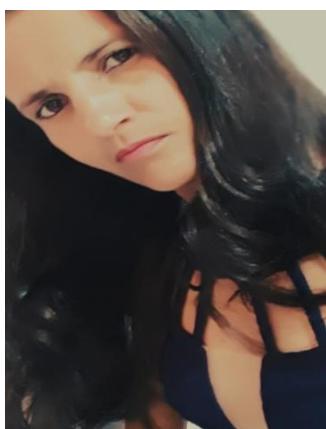
Segundo Capítulo, apresenta a metodologia com levantamento de estudantes Xakriabá do curso FIEI por habilitação desde 2009 a 2023, organização e análise dos dados de inserção dos estudantes.

Terceiro Capítulo, fala da lista com os nomes de todos os estudantes Xakriabá, representantes de colegiado e uma breve apresentação dos mesmos, que são eles: Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz, Edgar Kanaykō, Jair Cavalcante Barbosa, Miranda Fernandes de Oliveira, Eliane Pereira de Araújo Neves Sêwakmôwe Xakriabá, Edvan e Sandy Gonçalves Queiroz.

Quarto Capítulo apresenta desafios e consequências da permanência no FIEI, onde conta com as análises das entrevistas por categorias que são Chegar e ficar no UFMG; Irrigar o Curso (recursos de permanência); Desafios da Convivência, que cita sobre o preconceito e racismo e a saúde; Mulheres no Curso; Lutas para Consolidar o Curso, que apresenta a participação no colegiado e a importância do curso; Desafios de Estudar na Pandemia; Desafios na Minha Trajetória no Curso.

Enfim, termino com algumas considerações finais, e além disso apresento o apêndice com as entrevistas completas e tabelas.

1.1 Apresentação da Autora



Meu nome é Vanessa Gonçalves dos Santos, nasci no dia 14 de abril de 1983 na Cidade de Araguari Estado de Minas Gerais. Sou filha de Valdir Gonçalves dos Santos e Nelcina Caetana dos Santos. Sou solteira e tenho quatro irmãos e sete sobrinhos. Desde meus dois anos resido na Aldeia Prata Território Indígena Xakriabá, sou pertencente desse povo pois meus pais são indígenas e nasceram nesse mesmo território. Quando meus pais se casaram, eles saíram da aldeia para ir em busca de trabalho e melhores condições de vida. Na época em que saíram a terra indígena Xakriabá ainda não estava demarcada e os conflitos com os fazendeiros eram muito grandes. Meus pais saíram por ausência de perspectivas e por quererem ter uma família com uma vida menos sofrida.

Depois da mudança dos meus pais para a cidade, a minha mãe ficou grávida do meu primeiro irmão, que morreu com três meses de idade. Depois de alguns meses minha mãe ficou grávida de novo e eu nasci em um local não indígena, porém meus pais voltaram pra aldeia, eu ainda era pequena então isso não fez com que deixasse de conhecer minhas verdadeiras origens e a qual povo pertenço, ou seja, ao povo Xakriabá, um povo que luta constantemente em busca de melhorias para nosso território.

O povo Xakriabá se encontra a margem esquerda do Rio São Francisco no Norte de Minas Gerais Município de São João das Missões. Passamos por grandes momentos de conflitos para demarcar a nossa terra. Foram grandes desafios no decorrer da nossa história para termos nossas tradições resgatadas e nossos direitos conquistados.

1.1.1 Trajetória Escolar

Quando iniciei meus estudos com oito anos de idade em 1991, a minha escola se chamava Escola Municipal Alvarenga Peixoto. Essa escola funcionava aqui mesmo dentro da Aldeia Prata, mas fazia parte de outro município, a Cidade de Itacarambi, Minas Gerais. Os professores que atuava naquela época não eram indígenas. Vinham da cidade para lecionar suas aulas, porém, eles também faltavam muito e isso acabava nos prejudicando no aprendizado. Eu e meus amigos saímos bem cedinho para ir estudar, isso porque a escola era distante e não tinha carteiras suficientes para todos. Caso não chegasse cedo tinha que estudar em pé ou sentada no chão.

Ainda no período que iniciei os meus estudos passei por um momento muito triste que marcou profundamente minha vida, que foi o falecimento do meu pai. Ele morreu no dia 13 de fevereiro de 1993. Desde então começaram a vir as dificuldades. Minha mãe ainda estava de resguardo, pois meu irmão mais novo não tinha nem um mês quando isso aconteceu na

nossa família. Depois desse ocorrido eu, por ser a filha mais velha, tive que cuidar dos irmãos mais novos e com isso deixei de ir à escola por um bom tempo, pois as dificuldades aumentavam e minha mãe tinha que trabalhar para garantir o nosso sustento. Lembro que minha mãe batalhou muito em busca da aposentadoria (pensão). Não foi uma luta fácil, depois de tantas lutas e correria minha mãe finalmente conseguiu a pensão que ajudou bastante nossa família. Apesar de todos os fatos marcantes em minha vida e na vida de meus irmãos e da minha mãe, eu fui uma criança feliz, pois lutei cada momento junto com minha mãe e irmãos. Depois que minha mãe conseguiu receber a pensão, ela pode ficar mais em casa e eu pude voltar para a escola. Às vezes faltava porque eu e meus irmãos tínhamos que ajudar minha mãe a trabalhar na roça no plantio de milho, feijão, abóbora e melancia para ajudar na nossa alimentação.

Durante o período que fiquei estudando da 1^a a 4^a série, passei por muitas dificuldades, mas nem todos esses obstáculos me fizeram desistir dos meus estudos. Tive que repetir de série uns dois anos seguidos, porque aqui não tinha as séries. Não porque eu tivesse sido reprovada, mas sim porque eu queria estudar e não havia os anos seguintes, então, estudava novamente a mesma série. A partir daí então conversei com minha mãe para me deixar sair para o Município de São João das Missões para dar continuidade aos estudos, só que minha mãe tinha receio de me deixar sair de casa.

Em 1999 minha mãe finalmente me deixou sair para continuar meus estudos e isso pra mim foi uma grande conquista, pois estava prestes a dar sequência em um dos primeiros sonhos da minha vida. Desde então comecei a estudar na Escola Municipal Teodomiro Correia, na Cidade de São João das Missões. Durante o primeiro ano que comecei a estudar nessa escola passei por algumas dificuldades. Tive que trabalhar em casa de família para garantir o meu estudo e suprir minhas necessidades no período que estivesse estudando fora da Aldeia.

Nesse mesmo ano de 1999, no mês de outubro, eu fui passear na casa de uma colega e acabei gostando da família dela e eles também gostaram de mim. Depois de alguns dias eu escrevi um bilhete para minha colega pedindo a ela que conversasse com os pais dela para eu ir morar com eles, porque eu estava sem emprego e sem lugar para morar. Eles então aceitaram e eu morei com essa família por quase oito anos, até terminar meus estudos. Durante todos esses anos de convivência com eles sempre fui tratada como uma filha e até hoje eu considero essa família como minha família também.

Em 2003 comecei a estudar o ensino médio na Escola Estadual Eleazar José Rodrigues, da comunidade de Rancharia. Porém essa escola funcionava no prédio da Escola Municipal Teodomiro Correia, em São João das Missões, no turno noturno. Foram novos desafios, mas com a certeza de uma grande conquista, pois me formei o 3º ano nessa mesma escola em 2005 e isso pra mim foi o começo de uma das primeiras realizações em minha vida.

Quando foi em 2008 tive o privilégio de trabalhar na minha comunidade Aldeia Prata, o local onde comecei toda minha jornada escolar e isso pra mim foi uma grande conquista. Desde então iniciei o meu primeiro trabalho como professora substituta em uma licença maternidade na Escola que hoje se chama Escola Estadual Indígena Oaytomorim.

No ano 2009 fui contratada para trabalhar nessa mesma escola como professora. A partir desse momento vi que todos os meus esforços e desafios enfrentados valeram a pena, pois foram os meus estudos que me fizeram seguir nessa direção, e também o apoio da minha comunidade e da liderança o senhor Valdemar Ferreira dos Santos, que conseguiu o meu emprego como professora indígena dentro da minha comunidade. Em julho desse mesmo ano eu investi mais nos meus estudos e fui em busca de mais um sonho que queria realizar. Com o recurso que recebia como professora eu pude ajudar a minha família nas despesas necessárias e também apliquei na mensalidade de um curso Técnico de Enfermagem na cidade de Manga, Minas Gerais. Durante toda essa trajetória eu trabalhava e estudava até que me formei em Técnica de Enfermagem no ano de 2011.

Em julho de 2015 iniciei uma nova trajetória na minha vida que foi o Magistério Indígena Xakriabá, no qual passei por uma experiência muito rica de sabedoria e troca de conhecimentos, pois tive a oportunidade de estudar com professores indígenas e vivenciar grandes momentos de aprendizado com o conhecimento do nosso povo Xakriabá e de outros Povos Indígenas.

Durante toda minha trajetória em busca de conhecimentos e novas experiências eu já tentei várias vezes uma vaga no FIEI curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), porém sem sucesso. Mas nunca desisti de tentar e acreditar que um dia ia conseguir alcançar mais esse sonho em minha vida. A partir daí então decidi enfrentar mais um desafio, e em novembro de 2018, fiz a prova do processo seletivo do Programa de Vagas Suplementares para Estudantes Indígenas, no qual me inscrevi para concorrer a uma das vagas do curso de Ciências Biológicas, e consegui passar nesse curso. Em 2019 dei início ao curso que pra mim foi um dos desafios maiores que já enfrentei pois tive que sair novamente da minha Aldeia para ir morar na cidade de Belo

Horizonte Minas Gerais, com isso também tive que me afastar do meu trabalho que era de Auxiliar de Secretaria (ATB) e professora de Educação Física.

No ano 2020 eu tentei mais uma vez uma vaga no FIEI, no qual fiz a prova novamente, nessa época a prova foi avaliada através de um memorial, onde relatamos a história de nossas vidas e o nosso conhecimento em relação ao nosso território. A sugestão do memorial surgiu devido a pandemia da corona vírus que afetou nosso país em geral, fazendo com que todos ficassem isolados sem contato com outras pessoas.

Depois de várias tentativas, graças a Deus eu consegui uma vaga no curso FIEI, fiquei muito feliz com essa conquista, pois era um sonho que já tinha tentado várias vezes realizá-lo. Depois que consegui passar no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, eu pedi desligamento do curso de Ciências biológicas. Hoje estou cursando o FIEI e retornoi ao meu emprego de secretaria (ATB) na Escola Estadual Indígena Oaytomorim- Aldeia Prata.

1.2 O Meu Interesse no Tema

O meu interesse em pesquisar esse tema foi devido a ouvir vários relatos sobre as dificuldades e desafios enfrentados pelos estudantes Xakriabá do FIEI em relação a permanência. Os desafios mais citados são o deslocamento até a universidade, a moradia onde ficar, financeiros e culturais, que se refere à convivência com outras culturas, seja de outros povos ou da cidade.

Em 13 de janeiro de 2022 ouvi a professora Shirley Aparecida Miranda, em um seminário transmitido pelo canal da FaE no Youtube, que tinha como tema FIEI - O Papel da Escola e a Universidade nas Re(existências) dos Povos Indígenas. A professora Shirley Miranda citou que ainda não havia nenhum trabalho de percurso que falasse sobre os desafios enfrentados pelos estudantes para a permanência no curso e assim deixou como uma sugestão de tema a ser pesquisado.

Então foi aí que eu achei bem interessante essa temática e me fez relembrar os desafios que enfrentei durante o curso de Ciências Biológicas, no ano de 2019. Esses desafios foram em relação a adaptação na cidade grande (Belo Horizonte) com foco principal ao transporte (ônibus cheio todos os dias de segunda a sexta). Também me sentir sozinha, que para mim foi a pior coisa que já me aconteceu na minha vida, porém esse me sentir sozinha não foi em relação aos companheiros de moradia, muito pelo contrário. Era por dificuldades em fazer amizades com os colegas de curso, devido na primeira semana de aula não ter encontrado com

as pessoas da turma e quando foi na semana seguinte, que consegui encontrar essas pessoas, todos já se conheciam e já tinham seus grupos e com isso eu me senti sozinha mais ainda. A maioria da turma já tinha participado do apadrinhamento pelos veteranos e com isso todos já tinham seu pai e mãe, que é assim que são chamados pelos calouros. Tive a oportunidade de ser apadrinhada também, porém foi quase um mês depois. Tive bastante dificuldade em fazer trabalhos em grupo devido à maioria já ter seus grupos montados, mas mesmo assim fiz algumas amizades, poucas, mas fiz. Mesmo com essas dificuldades citadas acima adquiri grandes conhecimentos que irei levar para a vida toda. Além disso, as amizades que fiz com os colegas de moradia, uns eu já conhecia como o Erick Xakriabá, Simone Nunes e Giovana Fiuza, além de outras que para mim se tornaram irmãos de coração.

Ao ser aprovada no curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) na habilitação de Línguas, Artes e Literatura, no segundo semestre de 2020, optei pela desistência formal do curso de Ciências Biológicas e, sendo assim, ingressei no curso do FIEI. Iniciamos o curso de forma remota, ou seja, com aulas online devido à pandemia do Covid 19, tivemos mais da metade do curso com aulas remotas.

Ao contrário do curso anterior, me senti acolhida desde o primeiro encontro com a turma e com alguns professores, senti uma energia totalmente diferente, não me senti sozinha, muito pelo contrário, senti abraçada por todos, mesmo que não conhecia quase ninguém.

Passar no curso FIEI na habilitação de Línguas, Artes e Literatura foi uma conquista maravilhosa e um sonho realizado, foi acolhimento, resistência, resiliência.

1.3 Percurso de referência

Tive como referência o trabalho de percurso de Viviane Fiuza da Mota formada no Curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), na habilitação de Ciências Sociais e Humanidade - 2017/2021, cujo tema do percurso foi “Gestação, Parto e Nascimento Indígena entre as Estudantes Xakriabá no FIEI”, onde ela descreve as narrativas das entrevistas e como ela organizou. Achei bem interessante por que ela não fez as entrevistas só com as estudantes Xakriabá do curso FIEI que foram mães no decorrer do curso, como também relata as vivências de outras mulheres que não tiveram a oportunidade de acessar o ensino superior, mas traz consigo grande sabedoria e conhecimentos ao longo da vida. Além de relatar os cuidados durante a gestação e o pós-parto, que foi relatado por cada uma das

entrevistadas. Viviane traz em seu trabalho o relato de uma enfermeira a qual cita sobre os conhecimentos científicos e tradicionais.

Enfim, Viviane cita que seu trabalho mostra as dificuldades e os desafios que várias estudantes indígenas Xakriabá passaram durante sua trajetória acadêmica no FIEI. Essa foi uma inspiração para o objetivo dessa pesquisa, que foi “compreender como os estudantes indígenas Xakriabá do curso FIEI enfrentaram e enfrentam os desafios e que estratégias constroem para a permanência na UFMG”.

1.4 O Território Xakriabá

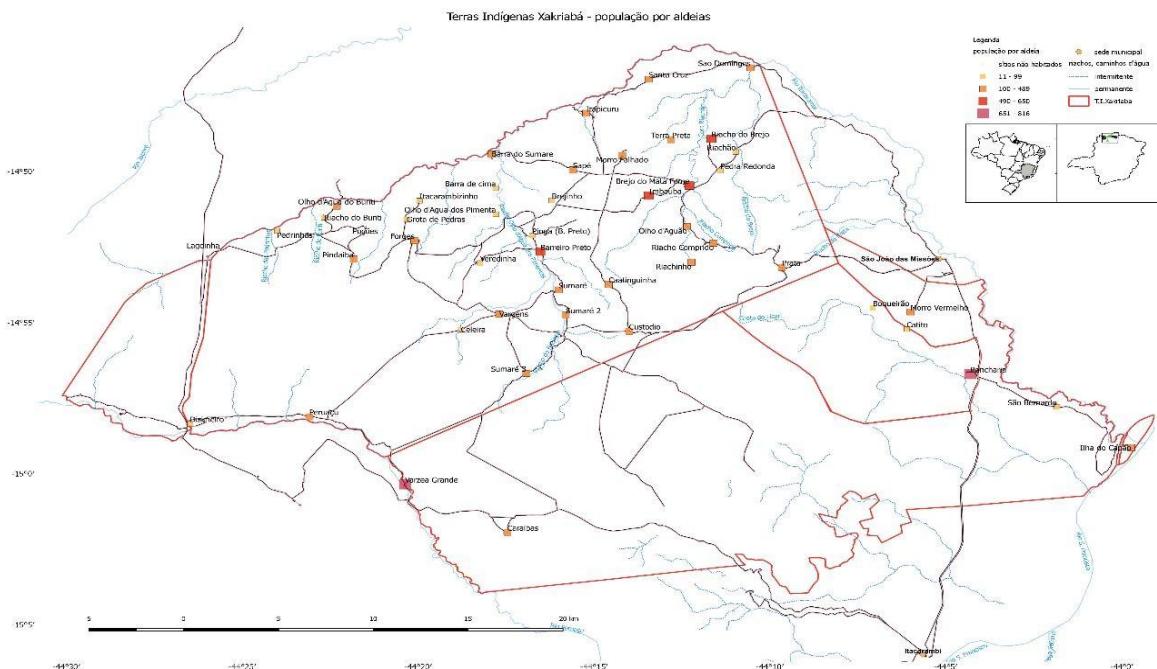
O território Xakriabá está localizado no município de São João das Missões no Norte de Minas Gerais, à margem esquerda do Rio São Francisco, o mesmo é habitado por aproximadamente 12 (doze) mil indígenas e possui uma área com extensão de 54 (cinquenta e quatro) mil hectares e é constituída por 40 (quarenta) aldeias incluindo as sub aldeias, composto por 5 (cinco) caciques e aproximadamente 51 (cinquenta e um) lideranças.

O território Xakriabá foi demarcado em 1979 (mil novecentos e setenta e nove) e homologado em 1987 (mil novecentos oitenta e sete), após um confronto entre posseiros e fazendeiros, onde resultou em uma chacina que levou a morte do líder Rosalino Gomes e de mais dois guerreiros, chacina essa que ocorreu em 12 de fevereiro de 1987 na aldeia Sapé.

Segundo o livro *O Tempo Passa e a História Fica*, Volume 2, as 40 aldeias são:

São Domingo, Santa Cruz, Itapicuru, Olhos Dágua, Olho Dágua Veredinha, Poções, Sapé, Morro Falhado, Barra do Sumaré, Barreiro Preto, Itacarambuzinho, Forges, Pindaíba, Riacho dos Buritis, Pedrinhas, Peruáçu, Sumaré I, Sumaré II, Sumaré III, Vargem, Custódio, Caatinguinha, Imbaúba, Brejo Mata Fome, Terra Preta, Riacho do Brejo, Riachão, Pedra Redonda, Riachinho, Riacho Cumprido, Prata, Catito, Brejinho, Boqueirão, Tenda, Morro Vermelho, Dizimeiro e Várzea Grande e Caraíbas que estão em processo de demarcação. Em 2002 foi demarcada e em 2003 homologada a Terra Indígena Rancharia, com 6798 hectares, também pertencente ao povo Xakriabá. As aldeias Boqueirão, Catito e Tenda Ficam na Terra Indígena Rancharia. (*O Tempo Passa e a História Fica*, Volume 2, Povo Xakriabá, 2019. pág. 95).

Imagen 1 - Mapa das Terras Indígenas Xacriabá



Fonte: Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Xakriabá e Xakriabá Rancharia, 2016.

Entre as 40 (quarentas) aldeias que compõem o território Xakriabá vou descrever um pouco sobre a aldeia onde resido, ou seja, moro que é a Aldeia Prata! A Aldeia Prata Está localizada no Território Indígena Xakriabá no município de São João das Missões no Norte de Minas Gerais e é aldeia mais próxima da cidade. Recebeu esse nome por que.

Segundo o senhor Valdemar, liderança da comunidade da aldeia Prata ele ressalta que a aldeia recebeu esse nome por causa das variedades cores de terra, principalmente, porque a maioria da terra é prata e branca. O nome da aldeia foi dado pelos bandeirantes, que exploraram muitos minérios nessa localidade, e também pelos primeiros moradores que trabalharam juntos com os bandeirantes. Entre os bandeirantes estava o senhor Matias Cardoso que apoderou de muitas histórias relacionadas à cidade de São João das Missões, por ser um dos fundadores da igreja da cidade. (SANTOS, Caetano dos, Laura. Extrativismo, Agricultura e Construção: A Diversidade Dos Solos Da Aldeia Prata (TERRITÓRIO INDÍGENA XAKRIABÁ, MINAS GERAIS). Belo Horizonte, 2019. FIEI/ FaE/UFMG. p 15.)

A Aldeia Prata possui 132 (cento e trinta e duas) famílias e aproximadamente umas 545 (quinhentos e quarenta e cinco) pessoas, na comunidade há escola que atende desde da

Educação Infantil ao Ensino Médio, os servidores da escola são todos da comunidade, uns é graduado no curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígena) e pelo PIEI (Programa de Implantação para Educadores Indígena), tem Unidade Básica de Saúde, duas agentes de saúde, dois agentes de saneamento básico, temos uma liderança que é o senhor Valdemar Ferreira dos Santos e uma vice liderança que é Diana Pereira de Araújo Rocha, são eles que cuidam e ajudam na organização interna da comunidade e também do território juntamente com os demais lideranças e caciques. Vale destacar que a vice-liderança Diana Pereira de Araújo Rocha foi a primeira mulher a integrar o grupo de lideranças do povo Xakriabá.

Na comunidade tem campo de futebol, cruzeiro, casa de oração, borracharia, caixa de água, grotas, cisternas para captação de água da chuva, pois a comunidade passa por uma situação ruim devido à falta de água e a água que utilizamos vem de outra aldeia que chama Riachinho e fica um pouco distante, essa mesma aldeia abastecem outras comunidades do território Xakriabá.

A vegetação conhecida é.

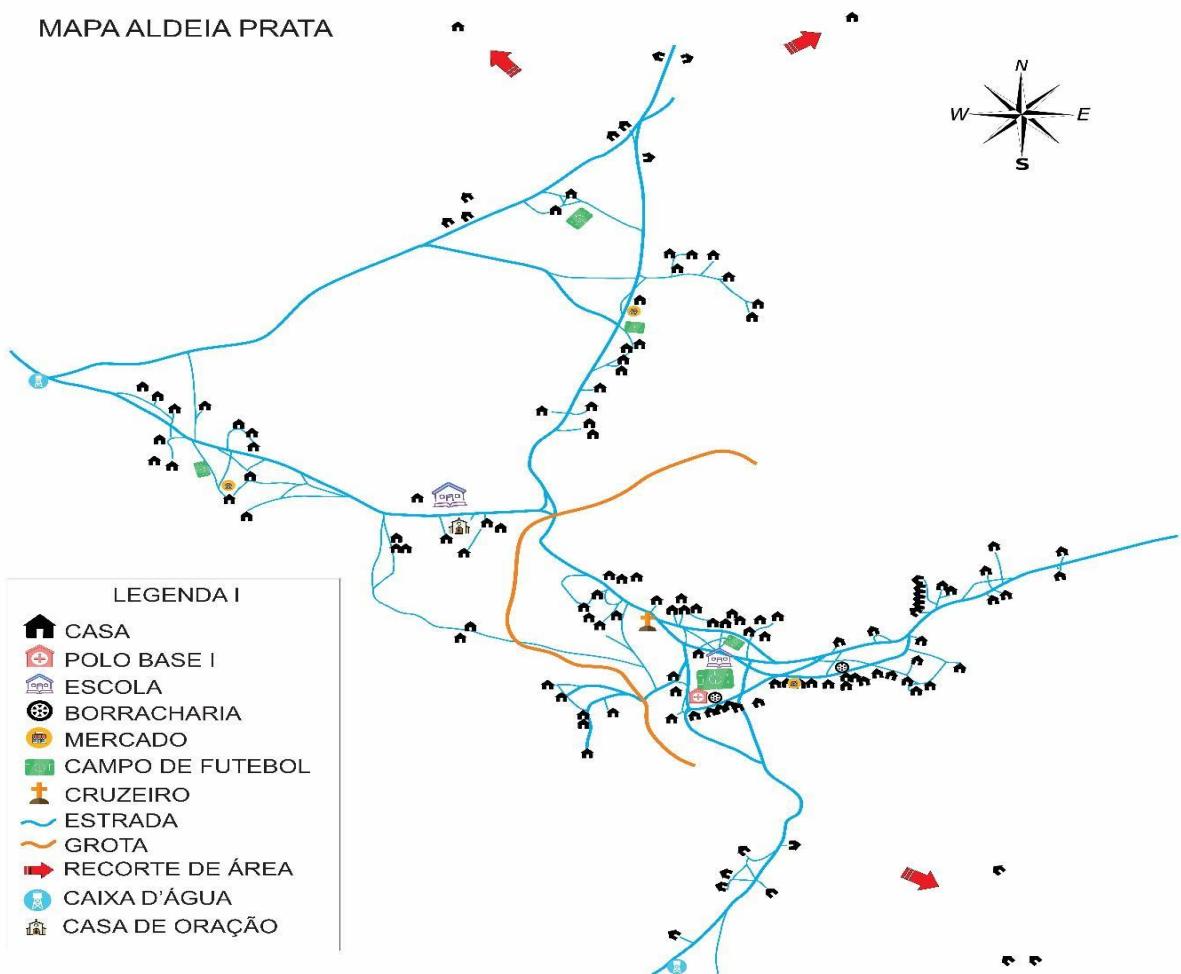
A vegetação que predomina é conhecida pelos mais velhos como tabuleiro, reconhecido também por cerrado. A mesma é muito rica em plantas medicinais, as quais são bastante utilizadas pelos moradores da aldeia como medicina tradicional. (MOTA, Regina Rodrigues da; NEVES, Luciene Rodrigues da Silva. Os percursos acadêmicos realizados na aldeia Prata. Belo Horizonte, 2023. FIEI/ FaE/UFMG. p 17.)

As pessoas da comunidade vivem da agricultura e criação de animais, como foi relatado por Regina e Luciene:

As pessoas da nossa aldeia também vivem da agricultura e criação de animais como: porco, galinha, gado e outros. Apesar das mudanças climáticas dos últimos anos, as pessoas não deixam seus costumes de antes. Mas os homens saem muito para trabalhar em outros Estados para manter a sobrevivência da família, porque em nossa região serviço é muito difícil. Antes nosso povo vivia da agricultura, porque tudo que plantava colhia, mas hoje não é mais assim: faz a plantação, mas a maioria perde por falta de chuva. (MOTA, Regina Rodrigues da; NEVES, Luciene Rodrigues da Silva. Os percursos acadêmicos realizados na aldeia Prata. Belo Horizonte, 2023. FIEI/ FaE/UFMG. p 17.)

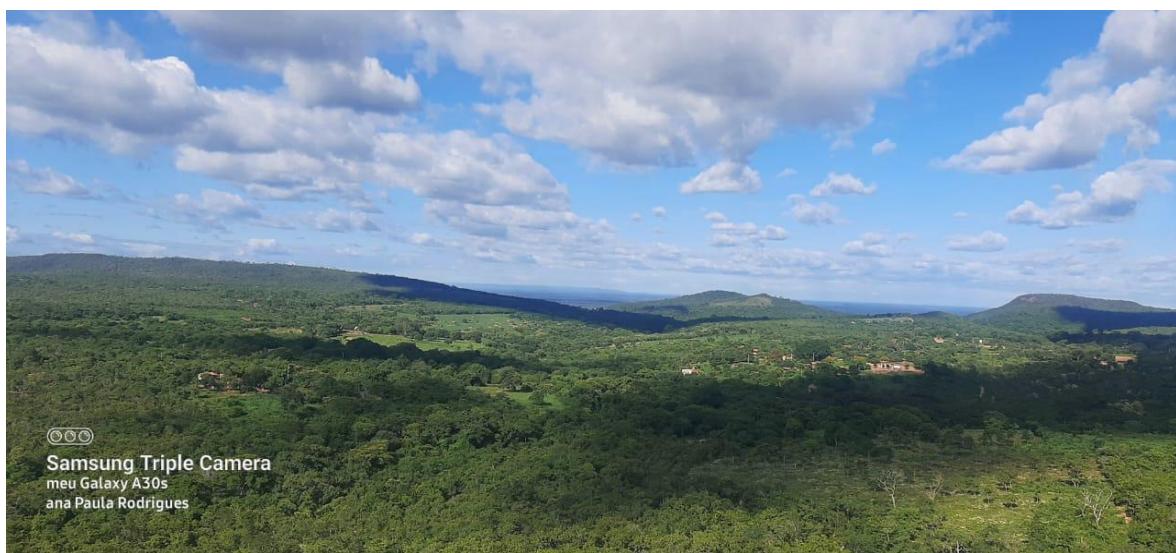
Além das pessoas viverem da agricultura e criação de animais, assim como foi citado por Regina Rodrigues e Luciene Rodrigues, logo acima, também temos aquelas pessoas que trabalham na educação, saúde, produzem artes (artesanato) e outras que dependem das ações do governo na assistência social, como o Bolsa Família.

Imagen 2 - Mapa da Aldeia Prata



Fonte: Equipe de Saúde da Aldeia Prata.

Imagen 3 - Vista da Aldeia Prata, fevereiro de 2024



Fonte: Ana Paula Rodrigues Oliveira Farias – 13/02/2024

2. METODOLOGIA

2.1. Levantamento de estudantes Xakriabá do curso FIEI por habilitação desde 2009 a 2023

Comecei a pesquisa com o levantamento para identificar os estudantes Xakriabá que fizeram e que estão fazendo o FIEI desde 2009, por habilitação. Primeiramente, eu entrei em contato com algumas pessoas da Aldeia Prata que eu conheço e que cursaram o FIEI. Então, em 2009, a pessoa da aldeia Prata que cursou o FIEI na habilitação da Ciências Sociais e Humanidades foi Dolores Santana Oliveira Passos. Entrei em contato com ela e perguntei se ela lembrava quem eram os Xakriabá que estudavam junto com ela no ano de 2009/2013 e de qual aldeia eram. Ela citou os nomes e eu fiz as anotações no meu caderno, porém antes de fazer a pergunta, eu expliquei o objetivo e o motivo da pergunta.

Para a turma da matemática de 2010 a 2014, entrei em contato novamente com uma estudante egressa da aldeia Prata que cursou o FIEI e essa pessoa de referência foi Santilia Ferreira de Souza. Fiz a mesma pergunta que fiz para Dolores.

Na habilitação de Ciências da Vida e da Natureza cujo ano de curso foi de 2011 a 2015 entrei em contato com a estudante egressa Xakriabá da aldeia Prata, a Hilda Rodrigues da Silva Araújo e fiz a mesma pergunta: quem eram os estudantes Xakriabá e de qual aldeia eram e quem estudou na mesma turma que ela.

Na turma de 2012 a 2016, na habilitação de Línguas, Artes e Literatura, não tinha nenhum estudante Xakriabá da aldeia Prata. Então eu perguntei para Hilda se ela conhecia alguém dessa turma e se poderia me passar o contato se caso tivesse. Ela não tinha contato no momento, mas buscou esse contato e me enviou. Então a pessoa de referência foi Luzionira, da aldeia Itacarambizo. Entrei em contato com ela e expliquei o objetivo do meu contato com ela e fiz a pergunta.

Para fazer o levantamento dos estudantes da turma da CSH de 2013 a 2017, eu entrei em contato com Marco Antônio, que cursou Ciências Sociais e Humanidades e perguntei para ele se ele ainda lembrava quem era os estudantes da turma dele e o mesmo citou quem era esses estudantes e quais aldeias eles se localizavam.

Na turma da Matemática de 2014 a 2018 a minha referência foi Neusa Rodrigues da Silva. Então, eu fiz a mesma pergunta que já citei acima nas outras habilitações.

Na habilitação das Ciências da Vida e da Natureza eu pesquisei com a minha irmã, Laura Caetano, que cursou essa habilitação entre 2015 a 2019. Perguntei também se ela ainda lembrava quem eram esses estudantes.

Na turma da LAL que é Línguas, Artes e Literatura, a minha referência foi Eliane Pereira de Araújo e Maria Xavier. As duas me responderam quem foram esses estudantes e de qual aldeia eles eram. O período de curso delas foi entre 2016 a 2020.

A turma Ciências Sociais e Humanidades, de 2017 a 2021, a referência a quem eu fiz as perguntas sobre quem eram os estudantes Xakriabá e de qual aldeia eram esses estudantes foi Maurício Xavier.

A turma Ciências da Vida e da Natureza, de 2019 a 2023, a referência a quem eu fiz as perguntas sobre quem eram os estudantes Xakriabá, foi Regina Rodrigues.

A turma Matemática de 2018 a 2022. Tive como referência para perguntar quem era os estudantes Xakriabá que cursou essa habilitação foi a Valdirene Pinheiro da Silva.

A turma que ingressou em 2020 a 2024 que é a turma Línguas, Artes e Literatura. A habilitação da CSH, que está em curso entre 2021 a 2025. A turma matemática que está curso entre 2022 a 2026 e a habilitação da CVN a turma nova que está em curso entre 2023 a 2027, essas turmas eu fiz o levantamento através dos resultados preliminares e final que são disponibilizados no site da COPEVE. Então esse levantamento foi feito dessa forma, onde eu pude identificar quem eram esses estudantes dessas turmas e qual aldeia esses estudantes moram.

Antes de fazer este levantamento, eu já tinha conversado com a Luciana, secretária do curso FIEI. Tinha pedido pra ela se teria como me passaram os nomes dos estudantes Xakriabá por habilitação e aldeia, a mesma me disse que não conseguiria separar só os estudantes Xakriabá e nem identificar as aldeias, porém, ela disse que conseguia a lista com todos os estudantes e por habilitação e assim ela fez.

Então enquanto eu a esperava organizar essa lista com esses nomes, eu fiz todo esse levantamento que foi citado acima. Assim que ela me passou essa lista, eu só conferi todos os nomes que eu já tinha feito o levantamento com cada referência que foi citada.

Além de todos esses levantamentos feitos por mim, citando as referências de alguns nomes, na qual fiz uma busca ativa dos estudantes Xakriabá, assim como a consulta na lista dos resultados preliminares e resultado final disponibilizado pelo site da COPEVE das turmas atuais de 2020 a 2023, assim como também consultei as referências dos percursos acadêmicos dos estudantes do curso FIEI na biblioteca online da FaE, onde há a relação de todos os trabalhos desses estudantes de 2013 a 2023, onde uns contém só as referências bibliográficas, assim como os PDFs disponível para fazer download.

Após esse levantamento feito, com essas pessoas que foram minha referência, busquei na secretaria do FIEI com Luciana outra lista com os nomes de todos os estudantes do curso FIEI de todas as habilitações de 2009 a 2023, para fazer a identificação dos estudantes Xakriabá., Em seguida após a identificação desses estudantes Xakriabá, fiz uma outra busca nos documentos do colegiado, especificamente nas atas das reuniões de colegiado do FIEI para identificação dos estudantes Xakriabá que eram os representantes de aluno do povo Xakriabá, onde identifiquei quem eram esses estudantes e de qual turmas, baseado nessas busca pude identificar a aldeia onde cada um deles mora, após isso pude pensar na minha estratégia de iniciar o planejamento para a entrevista. Isso por que as entrevistas que eu ia fazer eram com os representantes de colegiado, sendo assim fiz a identificação e onde cada um morava para que eu entrasse em contato com cada um deles.

Assim que identifiquei os representantes de colegiado, analisei todos os nomes, aldeias, habilitações e ano de ingresso no curso e após isso escolhi 8 pessoas para eu fazer realizar as entrevistas, dessas oito, dois não concederam as entrevistas e isso prejudicou saber de algumas informações. As entrevistas foram feitas com: Fernanda Gonçalves de Oliveira, Edgar Nunes Correa, Jair Cavalcante Barbosa, Miranda Fernandes Oliveira, Eliane Pereira de Araújo Neves, e Sandy Gonçalves Queiroz.

Um dos meus entrevistados não estava na primeira lista para eu entrevistá-lo, mas após pensar e refletir busquei ir atrás e conversar com essa pessoa, que foi o Edvan Pereira Neves da Silva. Portanto, tive 7 (sete) pessoas que colaboraram com as entrevistas.

Antes de realizar as entrevistas, entrei em contato com cada uma dessas pessoas citadas acima, uns pessoalmente, outros via WhatsApp, citei sobre o assunto da minha pesquisa e perguntei se eles poderiam ser um dos meus entrevistados e foi a partir daí que expliquei o objetivo da minha pesquisa e o quanto seria importante a contribuição e participação de cada um, para o meu trabalho.

Para a realização dessa pesquisa elaborei vários questionários, onde havia perguntas iguais para todos os entrevistados e perguntas específicas para cada um deles.

A maioria das minhas entrevistas foi realizada via documento (word), através do WhatsApp, mas pela preferência dos próprios entrevistados, devido os mesmos quererem assim.

Utilizei também como metodologia caderno de anotações, gravação de áudios no celular para registrar, usei o WhatsApp para comunicar com os meus entrevistados e para enviar os questionários com as perguntas para aqueles que assim preferiram.

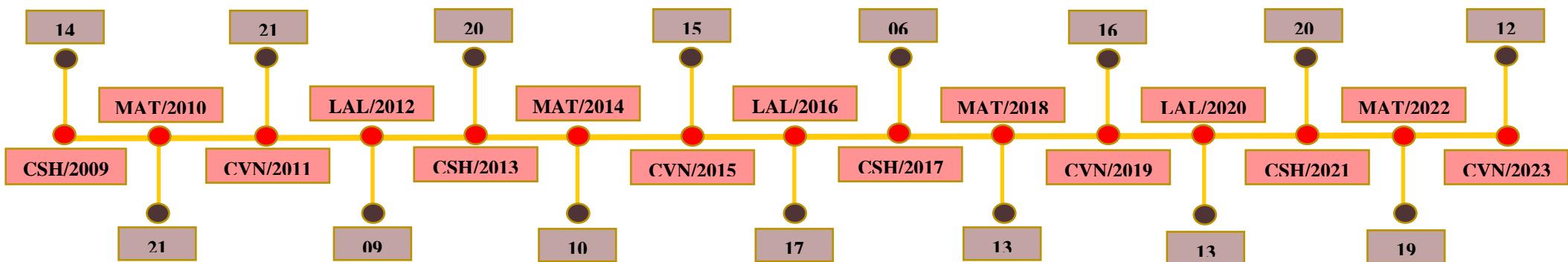
Enfim as análises das entrevistas foram feitas por categorias, onde foram detalhados os principais pontos de análise como: Chegar e Ficar na UFMG; Irrigar o Curso; Desafios da Convivência que engloba o racismo e preconceito, saúde e mulheres no curso; Lutas para Consolidar o Curso que apresenta a participação do colegiado e a importância do curso; Desafios de Estudar na Pandemia e os Desafios da Minha Trajetória no Curso.

Possa ser que surja uma ou mais perguntas para que tudo isso? Se você quer falar sobre os desafios enfrentados pelos estudantes Xakriabá para a permanência no FIEI? Então para eu chegar nesse ponto que é o tema da minha pesquisa, eu teria que fazer uma busca ativa através desses levantamentos, para saber quem era, e quem são esses estudantes, aonde eles moram, ou seja, a qual aldeia que eles pertencem, para depois buscar quem era os representantes de colegiado para os quais serão feitas as entrevistas, por isso foi feito todo esse levantamento, passo a passo, para que eu chegasse até essas pessoas.

2.2. Organização e análise dos dados de inserção dos estudantes

Com análise de todos os levantamentos feitos, identifiquei num total geral de 226 (duzentos e vinte seis) estudantes Xakriabá, tanto egressos quanto em curso, como pode ser visto na linha do tempo a seguir:

Gráfico: Linha do tempo – número de estudantes no curso por ano (2009 – 2023)



Fonte: Realizado por Reginaldo Torres Rocha

Em seguida, a partir da linha do tempo, fiz também uma soma geral por habitações para ter uma noção de quantos estudantes Xakriabá já cursaram ou ainda estão cursando em cada uma das habitações. Assim, na primeira habilitação, que é a CSH (Ciências Sociais e Humanidades) encontrei a quantidade de 60 (sessenta) estudantes; na habilitação em Matemática temos 63 (sessenta e três) estudantes, na CVN (Ciências da Vida e da Natureza) há uma quantidade geral de 64 (sessenta e quatro) estudantes; na habilitação da LAL (Línguas, Arte e Literatura) tem um número de 39 (trinta e nove) estudantes.

Ao todo são 226 estudantes indígenas Xakriabá que cursaram o FIEI e ainda estão cursando e se encontram distribuídos nas quatro habitações que são ofertadas pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

O curso tem uma participação bem significativa do sexo feminino que são em torno de 154 (cento e cinquenta e quatro) mulheres e isso mostra o protagonismo feminino em busca de conhecimentos e participação na sociedade. O quantitativo do sexo masculino é menos da metade, sendo apenas 72 (setenta e dois) homens. Não sei exatamente o motivo de esse número ser bem menor, mas acredito que as mulheres estão cada vez mais ativas na busca de formação. Outro fato é que há mais mulheres do que homens trabalhando na educação.

Após analisar todo o levantamento feito por ano e habilitação e por sexo, iniciei mais uma etapa que dessa vez será analisado por quantidades de estudantes por aldeias desde 2009 (dois mil e nove) a 2023 (dois mil e vinte e três).

Tabela 1: Número de estudantes por Aldeia (Xacriabá)

Aldeia	Número de Estudantes
Brejo Mata Fome	28
Barreiro	28
Sumaré I	26
Prata	24
Tenda/Rancharia	21
Sumaré II	17
Embaúba	15
Riacho do Brejo	9
Riacho dos Buritis	5
Morro Vermelho	5
Itacarambuzinho	4
Barra do Sumaré	4
Forges	4
Sapé	4
Itapicuru	4
Vargem	3
Riachinho	3

Catinguinha	3
Sumaré III	3
Olho d`água	2
Morro Falhado	2
Pindaíba	2
Várzea Grande	2
Santa Cruz	2
Dizimeiro	1
Pedrinhas	1
São Domingos	1
Riachão	1
Riacho Comprido	1
Olhos d`água	1
Total	226

As aldeias com maiores números de estudantes são: Brejo Mata Fome e Barreira Preto cada uma com 28 (vinte e oito) estudantes, seguida da aldeia Sumaré I com 26 (vinte e seis), Prata com 24 (vinte e quatro), Tenda/Rancharia com 21 (vinte e um), Sumaré II com 17 (dezessete), Embaúba com 15 (quinze) e Riacho do Brejo com 9 (nove) e as demais aldeias estão com um número bem menor, que são duas aldeias com 5 (cinco) estudantes cada, cinco aldeias com 4 (quatro) estudantes cada, quatro aldeias com 3 (três) estudantes cada, cinco aldeias com 2 (dois) estudantes cada e seis aldeias com 1 (um) estudantes cada.

Observei que entre essas aldeias que aparece com apenas um estudante, a primeira que teve um estudante egresso foi a aldeia Pedrinhas em 2011/2015 na habilitação de Ciências da Vida e da Natureza, seguida da aldeia Dizimeiro em 2014/2018 na habilitação da Matemática, aldeia São Domingos em 2018/2022 na habilitação da Matemática, Olhos d`água em 2021/2025 na habilitação de Ciências Sociais e Humanidades e as duas últimas aldeias a ter um estudante egresso em cada uma foi Riachão e Riacho Comprido em 2023/2027 na habilitação de Ciências da Vida e da Natureza.

Acredito que as aldeias que têm os maiores números de estudantes formados no curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas e em formação deve ser devido a ter mais acesso às informações referente aos cursos ofertados pela Universidade Federal de Minas Gerais e por ser das aldeias que tiveram as primeiras escolas indígenas do território Xakriabá. Acredito que devido às escolas dessas aldeias com maior número de estudantes, ter representação quase todo ano por habilitação é por causa das informações que circula com mais rapidez nessas escolas e então os estudantes principalmente do ensino médio e os professores que ainda não tem uma formação acadêmica para a docência, busca a se inscrever

nos cursos do FIEI ofertado todos os anos desde 2009. Acredito que, quando pessoas dessas aldeias ou escolas que cursou ou ainda está cursando o FIEI, mudam dessas aldeias que tem uma referência maior passam a morar nessas comunidades com menos números de estudantes no curso FIEI, passam a levar informações de grande importância sobre como se inscrever no curso.

Localização das aldeias por número de estudantes do FIEI

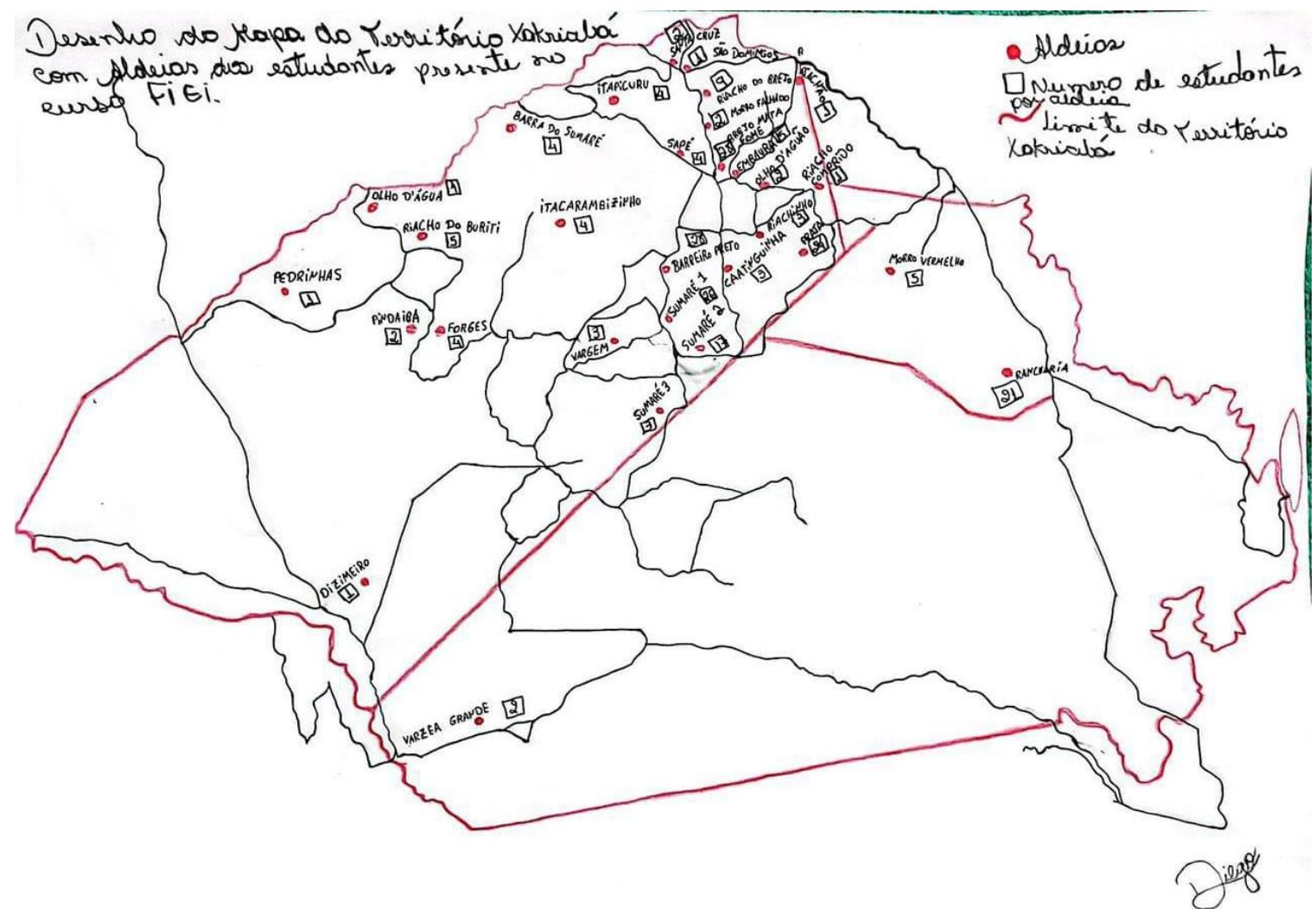


Imagen 4 - Localização das aldeias por número de estudantes do FIEI

Após realizar todo o levantamento em busca de quem eram todos os estudantes indígenas Xakriabá do curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), desde 2009 até 2023, que foi feito por habilitação e por aldeias, deu um total geral de 226 (duzentos e vinte seis) estudantes indígenas Xakriabá. Com a realização deste levantamento notei que em 2017/2021 foi o ano que teve menos estudantes Xakriabá no curso FIEI e na habilitação de Ciências Sociais e Humanidades, seguida da turma da habilitação Línguas, Arte e Literatura de 2012/2016.

Após a finalização do levantamento, fui analisar as Ata de reuniões do colegiado para identificar quem foi e quem são os estudantes representes Xakriabá. Nessa analise identifiquei 13 (treze) estudantes. Então foi a partir dessa análise que pensei em como seria a minha estratégia de entrevista que seria por representantes do povo Xakriabá, ou seja, representantes do colegiado, porém antes disso vou citar os nomes de cada um e na ordem que será organizado as entrevistas: Fernanda Gonçalves de Oliveira Cruz, Edgar Nunes Correa, Jair Cavalcante Barbosa, Miranda Fernandes Oliveira, Eliane Pereira de Araújo Neves, Edvan Pereira Neves da Silva e Sandy Gonçalves Queiroz. No próximo capítulo farei a apresentação de cada pessoa entrevistada.

3. APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Nessa lista, que eu fiz a partir da consulta nas atas de reunião do colegiado, apresento todos os representantes do povo Xakriabá para ficar o registro e conhecer quem já esteve nessa função. Indico o nome, a aldeia e a habilitação com o ano de ingresso e de saída do curso. Além disso, foi a partir daí que pude afirmar, com certeza, que as minhas entrevistas seriam realizadas com os representantes do colegiado, na qual identifiquei 13 (treze) estudantes e fiz a entrevista com 7 (sete) estudantes que terão uma breve apresentação mais adiante.

- Fernanda Gonçalves de Oliveira – Aldeia Sumaré III - (Ciências Sociais e Humanidades - 2009 a 2013)
- Edgar Nunes Correa – Aldeia Barreiro Preto - (Ciências Sociais e Humanidades - 2009 a 2013)
- Jair Cavalcante Barbosa – Aldeia Brejo Fome - (Matemática - 2010/1014)
- Júlio Cesar Lopes de Oliveira – Aldeia Tenda/Rancharia - (Matemática 2010/1014)
- Miranda Fernandes Oliveira – Aldeia Barreiro Preto - (Ciências da Vida e da Natureza – 2011/2015)

- Jan Carlos Pinheiro de Abreu – Aldeia Brejo Mata Fome - (Línguas, Arte e Literatura – 2012/2016)
- Aparecido Rodrigues de Oliveira – Aldeia Tenda/Rancharia - (Ciências Sociais e Humanidades - 2013 a 2017)
- Manoel Antônio de Oliveira Silva – Aldeia Barreiro Preto - (Matemática -2014/2018)
- Eliane Pereira de Araújo Neves – Aldeia Prata - (Línguas, Arte e Literatura - 2016/2020)
- Edvan Pereira Neves da Silva – Aldeia Itapicuru - (Ciências Sociais e Humanidades - 2017 a 2021)
- Nermerson Gonçalves de Araújo – Aldeia Brejo Mata Fome – (Ciências da Vida e da Natureza – 2019/2023)
- Antônio Santana da Mota – Aldeia Sapé - (Línguas, Arte e Literatura -2020/2024)
- Sandy Gonçalves Queiroz – Aldeia Olhos d’água - (Ciências Sociais e Humanidades - 2021 a 2025)

FERNANDA GONÇALVES DE OLIVEIRA DA CRUZ



Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz, mora na aldeia Sumaré III-Território Indígena Xakriabá, é casada, mãe de um filho é formada em Pedagogia na INCISOH/CEIVA Januária, formada no curso do FIEI na habilitação Ciências Sociais e Humanidades 2009/2013 é Bacharel em Administração Pública pela UFVJM e atualmente é assessora parlamentar da deputada Federal Célia Xakriabá.

Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma.

O meu percurso acadêmico ele foi com o tema sobre as experiências do calendário sócionatural dentro das escolas indígenas. A gente tinha duas escolas que trabalhava em cima do método indutivo, que é de um pesquisador chamado Jorge Garcia. Então eu fiz esse processo para que pudesse entender as metodologias que essa nova forma de lidar com o processo educativo, essa nova experiência pudesse também ser implantada aqui nas escolas. Então tinha duas escolas de Rancharia, que era o professor Hélder que articulava e também na escola da Prata, a escola Estadual Indígena Oaytomorim que tem toda essa experiência, vasta experiência em cima do calendário sócionatural do nosso povo. Também a atuação diante desse processo educativo em cima do calendário e utilizando o método indutivo, que era através de tarjetas vendo o território como forma de trazer indicadores, trazer conteúdos que pudesse ser trabalhado dentro da escola e fortalecer o currículo específico das nossas escolas. Então eu fiz esse processo de conhecer essa experiência e dialogar com a teoria, que na época eu estava de licença maternidade, então eu fiz mais uma forma teórica de fazer esse processo e entender de que forma, como supervisora pedagógica, como atuantes na educação escolar indígena Xakriabá, pudesse também trazer esse conhecimento e ampliar, de uma forma de trazer um documento para que pudesse ser de consulta e também de experiência para outras pessoas, como foi, de outros pesquisadores, outros alunos fizeram junto tendo como referência essas experiências.

EDGAR KANAYKÓ



Edgar Kanaykō Xakriabá reside na Aldeia Barreiro Preto. Tem graduação do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas FIEI/FAE/UFMG - 2009/2013, é mestre em Antropologia pela UFMG. Tem atuação livre na área de Etnofotografia: “um meio de registrar aspectos da cultura - a vida de um povo”. Nas lentes dele, a fotografia torna-se uma nova “ferramenta” de luta, possibilitando ao “outro” ver com outro olhar aquilo que um povo indígena é.

Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma

O meu trabalho de percurso acadêmico levantei o tema: “Histórias e modos de caçar – uma forma de compreender a cosmologia Xakriabá”. Este tema para mim foi importante, pois abriu um diálogo com alguns mais velhos, pajé e pessoas jovens que ainda mantém a prática de caçar. Isso pode evidenciar que o ato de caçar não é simplesmente uma ida para o mato à procura de um animal para se abater e alimentar. É antes de tudo uma relação que se tem com o caçador, a caça e seus “donos”, os encantados que cuidam desses animais e das matas. Ou seja, isso reflete de como os Xakriabá pensam e se relacionam com o território e o mundo em que vivem. Aonde apesar de muitas mudanças e desafios históricos as relações entre o mundo visível e invisível é passado de geração em geração e a partir dessas práticas.

JAIR CAVALCANTE BARBOSA



Jair Cavalcante Barbosa, reside na Aldeia Brejo Mata Fome - Território Indígena Xakriabá no município de São João das Missões, é casado e tem dois filhos e tem a formação no curso do magistério indígena e é graduado no curso FIEI na habilitação da Matemática 2010/2014 e é o atual Prefeito da Cidade de São João das Missões/MG.

Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma.

O meu tema de pesquisa, o meu TCC dentro da UFMG foi voltado para as comidas típicas cultural da comunidade xaciabá. Então o meu TCC foi voltado para produção do doce da raiz do umbu. Muitas pessoas às vezes nem tiveram oportunidade de conhecer e às vezes muitos nem conhecem. Então eu quis mostrar tanto para a comunidade e quanto para a UFMG que a nossa cultura, o nosso costume, ele ainda é presente na nossa comunidade. Hoje a raiz umbu serve tanto para fazer o doce e também para fazer a farinha. Talvez nós jovens, nós não tivemos oportunidade de conhecer, talvez assim até mesmo por não passar por grande necessidade de comer a farinha da raiz do umbu ou comer o doce da raiz do umbu. Então eu penso que nós como indígena e principalmente a Juventude ela tem que trabalhar um pouco nessa questão do resgate da alimentação tradicional, porque o alimento tradicional não trata só de garantia da cultura, do direito, mas também trata de algo saudável e que nós tenha o conhecimento total daquilo que nós estamos comendo. Às vezes você compra, você vai no comércio e compra um doce industrializado que você não sabe nem da onde é que veio, ali tem um monte de produtos químicos, um monte de coisa que danifica até a nossa saúde. Então eu escolhi fazer a minha pesquisa voltada pro doce caseiro da raiz do umbu com esse intuito de também resgatar um pouco essa cultura do doce tradicional nosso, onde é que se faz o doce da raiz umbu, mas também você pode fazer o doce dessa cabeça de frado, que a gente fala muito, esses dias mesmo eu comi bastante doce de cabeça que frado, é muito gostoso e é coisas que é natural e tradicional nosso e que a gente pode fazer isso. Então o tema de pesquisa foi voltar nessa linha também pra mostrar como é que o nosso antepassado vivia antigamente, e às vezes o doce da raiz do umbu, a farinha da raiz do umbu, não era uma questão de eu vou comer por esporte, pra experimentar se é bom, era uma necessidade, era uma necessidade. Você era obrigado a fazer a farinha da raiz do umbu e comer, porque você não tinha outro alimento. Eu presenciei isso, teve um momento dentro da reserva que a gente passava necessidade, ou seja, tinha que sair pro mato caçando, uma cabeça, aqueles cará, eu não sei se vocês tiveram oportunidade de conhecer, mas a gente ia pros matos, quando era na época iniciava a chuva aí os cará começava brotar. A gente saía com as cavadeira pra poder arrancar a cabeça do cará, cozinhar e comer com sal. E era gostoso e é gostoso. E naquele momento era uma necessidade, não era porque há nós vamos comer o cará por esporte, é porque eu quero, não, era uma necessidade. E foi através disso que nós conseguimos estar aqui presente hoje passando por esses momentos de dificuldade e aprendizado na nossa vida.

Então eu espero que vocês que estão lá no curso, que busca esse aprendizado, busca em fazer os seus projetos de pesquisa também pensado e voltado pra a comunidade, porque ali é uma forma também de resgatar muitas coisas que tão adormecidas. Porque, às vezes a gente procura pesquisar coisas que não faz tanto sentido dentro da nossa comunidade, e ao pesquisar você vai tá construindo uma história, você vai tá fazendo um relato da importância daquilo que foi e é pra nossa comunidade, então vejo que é importante a gente ter esse pensamento voltado pra algo dentro da nossa comunidade.

MIRANDA FERNANDES DE OLIVEIRA



Miranda Fernandes de Oliveira, Indígena Xakriabá, reside na Aldeia Barreiro Preto, município de São João das Missões Minas Gerais, é casada e tem dois filhos, é formada no curso Técnico em Saúde Bucal, graduada em Pedagogia e também graduada em Ciências da Vida e da Natureza pelo FIEI/UFMG - 2011/2015, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica Institucional e Inclusão Social.

Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma.

No meu percurso acadêmico pesquisei e aprendi um pouco sobre a história do meu povo, onde o tema pesquisado foi a “História Xakriabá contada a partir da História de Vida das Mulheres”. O motivo de eu pesquisar esse tema foi pelo fato das mulheres trazer a preocupação com seu povo, principalmente o lado defensor e protetor dentro da realidade indígena.

ELIANE PEREIRA DE ARAUJO NEVES



Eliane Pereira de Araújo Neves, nascida em 27 de julho de 1983, filha do senhor Silvio José de Araújo e dona Anair Araújo de Oliveira, mora na Aldeia Prata - Território Indígena Xakriabá no município de São João das Missões, é casada e mãe de dois filhos. É formada em Pedagogia pela Unimontes e também é formada no curso do FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), na habilitação Línguas, Arte e Literatura pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais -2016/2020 e atua como Diretora da Escola Estadual Indígena Oaytomorim na Aldeia Prata.

Qual seu tema de pesquisa do Percurso? E fale um pouco sobre a mesma.

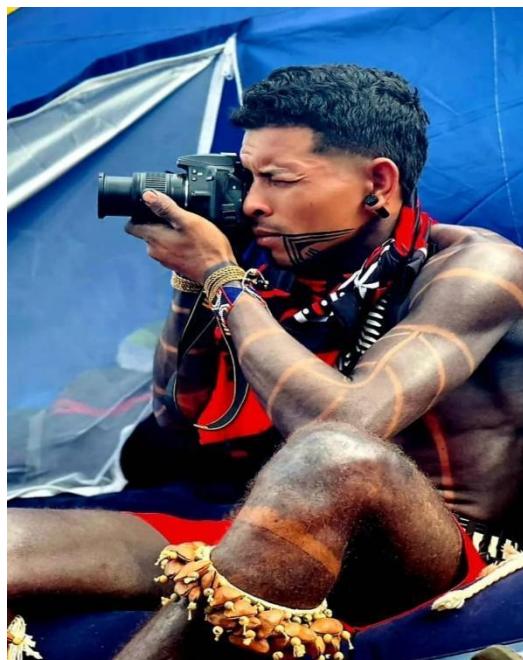
Escola Indígena Oaytomorim: relação com o território Xakriabá e práticas educativas interculturais

O trecho a seguir é o Resumo do Percurso acadêmico elaborado/apresentado em 2020, por mim e Maria Xavier, com a orientação da professora Shirley:

Este trabalho busca entender o papel da escola indígena e sua relação com o território, com o olhar voltado para a Escola Estadual Indígena Oaytomorim – Aldeia Prata – Xakriabá, em sua participação no processo da retomada das aldeias Vargem Grande e Caraíbas, uma vez que a escola estava envolvida nas ações incluídas como parte das práticas educativas territorializadas e interculturais, na perspectiva do Calendário Socionatural para romper com as imposições de um sistema de Estado colonizador. A necessidade de ampliação do território faz parte da educação indígena como processo de luta, que é a principal característica do

povo. Para o desenvolvimento deste trabalho, recorremos aos autores indígenas e não indígenas; entrevistas, conversas informais; bem como registros de nossas experiências. Abordamos um pouco sobre o território Xakriabá; o processo de implantação de escolas indígenas e algumas práticas educativas que buscam uma educação escolar indígena específica, diferenciada, comunitária e intercultural. Concluímos que a escola indígena tem papel importante no processo de lutas pelo direito ao território e na luta constante dos Xakriabá por direitos.

EDVAN SRÊWAKMÔWE XAKRIABÁ



Edvan Sêwakmôwe Xakriabá, tem 26 anos, filho da liderança senhor José Fiuza da Silva e dona Durvalina Pereira Neves da Silva, mora na Aldeia Itapicuru (Wdêwairôwaktû) Território Indígena Xakriabá no município de São João das Missões no Norte de Minas Gerais é casado e tem uma filha de 4 anos de idade é formado no curso do FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), na habilitação Ciências Sociais e Humanidades - 2017/2021 e faz parte da Articulação Wanorî tô Wapte Xakriabá, que atualmente está com a articulação em processo de registro, onde o mesmo é um dos membros como vice presidente/coordenador.

Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma.

O tema abordado por mim foi: A Juventude Xakriabá: Tecendo a História nas Entrelinhas do Tempo e no Reativamento da Memória. Optei por este tema pelo fato de ser algo que eu me identifico e acompanho desde muito cedo. Foi a forma que encontrei para conciliar os estudos da faculdade, com as ações de base no território que eu já desenvolvia.

SANDY GONÇALVES QUEIROZ



Sandy Gonçalves Queiroz tem 20 anos de idade, é filha de Marli Gonçalves de Araújo e Adilson Caetano de Queiroz. Residia na Aldeia Prata e após seu casamento mora na Aldeia Olhos d'água Reserva Indígena Xakriabá. Atualmente é estudante do curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígena) na habilitação da CSH (Ciência Sociais e Humanidades) - 2021/2025 na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) é representante de turma, representante povo Xakriabá no colegiado.

Após essa breve apresentação das pessoas entrevistadas, apresento duas tabelas com a síntese das respostas sobre desafios e dificuldades; avanços e estratégias. Essas tabelas foram importantes para depois fazer as categorias de análise das respostas.

Tabela 2: Desafios e dificuldades dos entrevistados

NOME	DESAFIO	DIFICULDADE
Fernanda Gonçalves CSH 2009/2013	- Acessos as informações do curso, devido as orientações ter sido enviada via correios (matrícula); a ida para Belo Horizonte era por conta do estudante; não tinha recursos para alimentação, hospedagem e transporte; hospedagem no centro de BH; procurou a FUNAI, onde liberou uma Van para levar aos estudantes para faculdade e 50 reais para alimentação, não tinha recursos para permanência e buscar parceria para ajudar no transporte.	Pessoas que não tinha acesso a cidade grande; pegar transporte público (lotação) no período de pico, ou seja, as 06:00 horas da manhã e as 17:00 horas da tarde; acesso o almoço no bandejão, por que não tinha como permanecer pra jantar no mesmo, hotel a estrutura da hospedagem era precária; atendimento à saúde também era muito difícil não tinha suporte nenhum.
Edgar Kanaykō CSH 2009/2013	- Curso novo na UFMG; bolsas, moradia, alimentação e documentação; curso diferenciado (formato).	Adaptar ao curso por ser novo e ter que ser estruturado de acordo a turma ir adaptando ao ritmo do curso.
Jair Cavalcante - Matemática 2010/2014	Buscar recursos para permanecer no curso; bolsa permanência (conseguiu já na reta final do curso); transporte custeado pelos estudantes.	Faltam recursos; espaço para ficar; recursos para manter no curso (bolsa permanência); transporte, moradia e alimentação; não ter parceria de algum órgão.
Miranda Fernandes CVN 2011/2015	- Deslocamento da aldeia para a cidade grande; deixar a família (filho de 11 meses de vida); adaptar na cidade grande; conciliar trabalho com estudo.	Deixar filho, família, trabalho e as ações comunitárias, todos esses pontos citados não foi muito fácil e sim muito desafiador.
Eliane Pereira - LAL 2016/2020	Ficar longe de casa e da família; conciliar trabalho com estudo; adaptar a rotina da cidade grande, hotel, clima e alimentação; convivência com outras pessoas sendo indígena ou não; ser representante de colegiado; levar o meu filho para a faculdade com acompanhante, pois o mesmo ainda amamentava.	As dificuldades estão relacionado aos desafios, pois ambos estão aliado desde o momento que você assume o compromisso de adquirir novos conhecimentos e contribuir com o seu povo e de sair do conforto da sua casa para ficar um mês fora estudando, mesmo que tenha o apoio e a parceria da família, da comunidade, das lideranças, dos colegas do trabalho, dos caciques, da lideranças e até mesmo da equipe do FIEI, ainda encontramos várias dificuldades que se torna desafiadora para a nossa permanência no curso.

Edvan Pereira - CSH 2017/2021	Cursar o FIEI; entrar num espaço acadêmico; racismo institucional; adaptação ao ensino remoto, ou seja, ao sistema de ensino.	Acesso à internet de qualidade; as orientações para a escrita do TCC, ou seja, o percurso acadêmico.
Sandy Gonçalves - CSH 2021/2025	Iniciar o curso em tempo de pandemia; sem bolsa permanência; aulas remotas, ser representante de colegiado.	Lidar com pessoas de pensamentos diferentes; moradia/hospedagem; discriminação por parte de hospedem no hotel L'espace.

Tabela 3: Soluções e os avanços da permanência do ponto de vista dos estudantes Xakriabá

NOME	AVANÇO	ESTRATÉGIA
Fernanda Gonçalves - CSH 2009/2013	Bolsa PIBID (para manter durante o modulo); auxílios da Fump; bolsa permanência, participação na estruturação do curso (colegiado com presença dos estudantes indígenas e lideranças); estadia perto da UFMG; transporte financiado pela própria UFMG.	Conquista da bolsa permanência para melhor acessibilidade e conforto dos estudantes das turmas seguinte; parceiros que contribuiu com ida dos estudantes até Belo Horizonte; apoio da família e dos colegas.
Edgar Kanaykô - CSH 2009/2013	O FIEI é uma construção coletiva; o curso é uma proposta de desconstrução de uma Universidade que historicamente foi pensada com o modelo ocidental; educação indígena diferenciada, expansão para outras Universidades; pesquisas dos percursos serve como embasamento pras ações práticas e coletivas (no território)	Gestão participativa (colegiado)
Jair Cavalcante - Matemática 2010/2014	Curso diferenciado (só para indígenas); bolsa estudantil (bolsa permanência); bolsa de 400 reais (PIBID), estruturação do colegiado; contribui com o desenvolvimento da educação escolar indígena.	Buscar parcerias que pudesse nos ajudar; apoio dos colegas e de professores.
Miranda Fernandes - CVN 2011/2015	Curso específico para indígenas; participar das bancas de percurso.	Em relação ao percurso pude contar a história Xakriabá contada a partir das histórias de vida das mulheres, onde o tema abordou o fato das mulheres trazer a preocupação com seu povo principalmente ao lado defensor e protetor da realidade indígena.
Eliane Pereira - LAL 2016/2020	Assistência financeira (recursos da bolsa permanência); parceria com os professores do curso; recursos assistências para compra de notebooks (período de aulas remotas); a importância do curso FIEI.	Adaptar ao sistema de ensino (atividades online, aulas presenciais através do google meets, app zoom); monitoramento do Território Indígena Xakriabá (na

		época da pandemia da Covid 19); apoio familiar.
Edvan Pereira - CSH 2017/2021	A importância de um curso intercultural; intercambio de troca de saberes que ocorre no FIEI; participar do vestibular indígena; formação intercultural nus direciona para enfrentar a luta pela garantia dos direitos dentro e fora do território.	Apoio da família e colegas; apoio das lideranças, caciques e a comunidade.
Sandy Gonçalves - CSH 2021/2025	Importância do curso para educação escolar indígena e para o povo Xakriabá; parceria da Universidade juntamente com a Fump; a importância da participação no colegiado como representante geral do povo Xakriabá no curso; o curso FIEI atende todas as demandas, respeita as especificidades dos indígenas, culturais, costumes e tradições.	Apoio familiar, amigos e anciões; trabalho em coletividade, ou seja, pensar no coletivo; dialogo.

4. DESAFIOS E CONQUISTAS DA PERMANÊNCIA NO FIEI

4.1. Chegar e ficar na UFMG

A chegada da primeira turma no curso FIEI não encontrou acolhimento na UFMG, pois não existia ainda. O acolhimento do FIEI na UFMG não foi construído antes dos indígenas chegarem, mas sim construído junto com os indígenas dessa primeira turma, com o ingresso de 32 indígenas, no segundo semestre de 2009, na habilitação CSH (Ciências Sociais e Humanidade).

De acordo com o relato de Fernanda, os desafios que enfrentou começaram com a dificuldade para chegar até a UFMG, em Belo Horizonte. Ela conta que tiveram que buscar ajuda da FUNAI, a qual liberou uma van, pois naquela época eram 15 estudantes indígenas Xakriabá e também teve uma ajuda de custo de 50 reais para que custasse a alimentação. Tiveram uma indicação da UFMG em relação ao hotel, porém foi um momento desafiador, em que passaram por grandes dificuldades.

[...] e a partir do momento que nós chegássemos lá, é que ele ia buscar recursos para poder contribuir com a nossa permanência lá então nós corremos atrás da FUNAI que liberou uma van, porque eram 15 Xakriabá, e a partir daí e também deu uma ajuda de custo de 50 reais pra que a gente pudesse né pagar alimentação até Belo Horizonte. Chegando lá nós fomos pra um hotel sugerido pela UFMG e no centro e que a gente teria que pegar transporte coletivo do centro para UFMG e da UFMG pro centro. (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024)

Segundo Fernanda Gonçalves:

[...] pessoas que muitas vezes não tinham acesso à cidade, não tinham como assim, tido contato com a rotina da cidade, tiveram várias dificuldades e muitas vezes a gente sempre pegava o ônibus no pico, na onde que tinha maior lotação no transporte público, que era de manhã e na volta que era às cinco horas... (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024)

Essa fala da Fernanda me fez refletir o quanto é ruim você andar nesses ônibus coletivos, pois é muito cheio, principalmente nos horários de pico, onde as pessoas estão indo para o trabalho, estudantes indo para a escola, para a faculdade, entre outros, tanto faz no período da manhã quanto no período da tarde. E isso, para quem não está acostumado com esses desafios da cidade grande, se comparando com a calma e o ar livre da natureza, não tem comparação. Por isso que é um ponto bem desafiador, você conviver em cidade, onde é um espaço “conturbado” com um grande número de pessoas para lá e para cá todos os dias. E para quem não tem costume, acaba ficando meio que “desnorteados”.

Fernanda cita que a estrutura do hotel onde ficaram hospedados no primeiro módulo do curso era precária. Então era uma situação que gerou bastante dificuldade, ainda mais que ficava longe da UFMG e como era no centro da cidade, tudo era mais difícil.

[...] na questão de estrutura do hotel era um quarto com quem 10 beliches as mulheres ficavam toda juntas então assim era bem precária essa questão. (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024).

Então, é a partir daí que Fernanda menciona que passou por vários lugares de hospedagem em Belo Horizonte, até encontrar um local que comportasse todos os estudantes indígenas. Assim, ela vai pontuando por onde passou quase que em uma linha do tempo contada por Fernanda, onde o primeiro lugar que ficaram foi num hotel no centro, ficou também num bairro chamado Barreiro, porém era muito longe da UFMG e depois foi ficar na casa de uma professora, onde dormiam em um colchão no chão, daí eles foram para uma casa chamada Vicentinos. Quando era só o pessoal da CSH, tudo bem, porém, quando veio a turma da Matemática e juntou mais 35 estudantes, que foi complicando mais ainda, pois tinha estudantes de outros povos que também estavam juntos nesses momentos desafiadores que enfrentaram, em relação a estadia, transporte e permanência no curso.

[...] muitas vezes a gente teve que abrir estradas, abrir caminhos pra poder conseguir estruturando, e fazendo esse processo de funcionamento do curso e estruturação, então nós tínhamos que preocupar com a questão do hotel, do transporte, então cada vez mais que vinha chegando outras turmas ficava mais complicada porque na região da UFMG que era muito mais fácil de encontrar de fazer esse trânsito entre a estadia e a UFMG, não tinha hotéis que comportavam todo mundo. Então quando não deu certo nesse primeiro hotel fomos para uma casa de uma professora, a gente dormia no colchão no chão. Para ter um pouco mais de estrutura nós fomos para uma casa chamada Vicentinos quando tinha só o pessoal da CSH, mas quando veio a matemática, aí quando juntou mais pessoas de outras turmas CSH, CVN e Matemática, que foi complicado porque na verdade a gente tinha outros povos junto com a gente... (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024)

Ela ainda cita sobre os recursos que tinham de ser próprios, sem apoio da universidade. A faculdade ainda estava buscando os recursos para mantê-los, até que conseguiram disponibilizar um recurso para estadia e transporte, para que pudessem se manter no curso.

Acabou que a gente ficou né com vários desafios, encontrar um lugar para comportar essas pessoas, essa questão de transporte que na verdade usava o transporte público, e depois teve a oferta da bolsa Pibid que era utilizada para essas despesas. (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024).

Jair Cavalcante também contou sobre o desafio de achar um lugar para hospedagem. Ele conta que quando eles chegaram em Belo Horizonte tiveram que buscar ajuda de algum professor que já conheciam para poder ajudá-los a buscar alternativas, pois a primeira turma estava em um bairro chamado Barreiro que ficava muito longe da UFMG.

Então, a partir dessa observação de ficar em um lugar longe, ele buscou a ajuda de uma professora chamada Adriana. Essa Adriana foi professora dele no curso de magistério indígena e disponibilizou a casa dela para que os estudantes ficassem durante os módulos na UFMG, porém cobrou só a alimentação e as despesas da casa. Ele conta que essa professora os ajudou bastante e ficaram todos nessa casa.

[...] então era impossível e aí como eu sempre gosto de poder ajudar a fazer parte da organização dessa estrutura, ao chegar lá o primeiro modulo, a gente, eu tinha uma conhecida lá, ela chamava até Adriana, é Adriana, foi professora da gente do magistério e aí eu procurei ela pra que ela pudesse nos ajudar. Aí ela tinha uma casa lá muito grande, uma casa dela mesmo. Ela então se propôs a ajudar, falou "oh os meninos é seguinte, eu tenho a casa que arrumo espaço, vocês podem ficar aqui comigo, não tem problema nenhum". Aí ela cobrou da gente praticamente só o alimento e as despesa mesmo da casa. É tanto que a gente tem uma consideração muito grande por ela, ela chama Adriana, ela mora no Bairro Aparecida lá em Belo Horizonte e ela nos ajudou bastante. Então a gente ficou todo mundo lá junto nessa casa lá... (Jair Cavalcante, Matemática 2010/2014, entrevistado em 16/01/24)

Jair Cavalcante também contou sobre o desafio de transporte na cidade, que é uma situação bem diferente das dificuldades nas aldeias.

[...] a gente pegava dois, três ônibus pra chegar na UFMG, ou seja, a gente tinha que sair 04:00 (quatro), 05:00 (cinco) horas da manhã, lá do alojamento pra poder chegar cá na UFMG 08:00 (oito) horas da manhã e passava por três lotação, gente tinha que pegar três ônibus. Então, você imagina com uma bolsa de 400 reais, pagar hotel, pagar alimentação e ainda pagar passagem todos os dias 3 de vinda e 3 ida... (Jair Cavalcante, Matemática 2010/2014, entrevistado em 16/01/24)

Então, na minha visão em relação a esse desafio sobre transporte, vejo que no início do curso FIEI, em 2009, foi mais difícil porque os estudantes, ao chegar em Belo Horizonte, teria que usar transporte coletivo público, ou seja, lotação, para chegar até a universidade. E isso era um transtorno, devido muitos não terem costume com a rotina do dia a dia na cidade grande, e esse desafio era de segunda a sexta. Além disso, ficavam em um alojamento longe da faculdade e todos os dias passavam por três lotações com um custo de R\$ 3,00 reais cada passagem de ida e vinda. E naquela época o recurso de apoio que vinha da faculdade era um incentivo de R\$ 400,00. Era muito difícil, essa bolsa não supria as necessidades, devido ser um valor baixo e as coisas com muito custo.

Segundo Jair Cavalcante:

[...] só que depois a partir do momento que a gente conseguiu receber a bolsa, que inicialmente foi a bolsa de 400 reais, todas essas despesas ficaram por conta nossa, então assim nós não tivemos a parceria de nenhum órgão, de quando eu comecei a estudar lá, até encerramos o curso, nós não tivemos a parceria de nenhum órgão a não ser essas duas viagens que a UFMG mandou ônibus pra poder nos levar, então assim, nós estudante era que reunia entre nós e nós fretava o ônibus, nos fretava, então todas as vezes que a gente ia pra UFMG, era um ônibus fretado, então a gente fretava uma empresa pra poder conduzir nós até Belo Horizonte e quando era pra buscar da mesma forma. (Jair Cavalcante, Matemática 2010/2014, entrevistado em 16/01/24)

Quando Jair cita sobre o deslocamento para a cidade de Belo Horizonte, não está longe da situação atual, pois até os dias de hoje continua da mesma forma, porque em todo módulo que vamos para o curso em Belo Horizonte é feito um levantamento com algumas empresas que alugam ônibus e esse levantamento é para descobrir um valor agradável para todos e assim fretar essa empresa para que levem e busque os estudantes em Belo Horizonte. O deslocamento até a universidade continua sendo de nossa responsabilidade. A diferença é que antes não havia recurso de suporte para essa despesa.

Jair Cavalcante cita que na época em que ele estudava não teve parceria de nenhum órgão a não ser da própria instituição, a UFMG. Cita também que recebeu uma bolsa de R\$

400,00 reais, na qual as despesas ficaram por conta de cada um e foi assim até finalizar o curso.

Em seu relato, Jair menciona que nos momentos de dificuldades que tornou o grupo mais fortalecido, pois foi assim que buscaram alternativas para solucionar essas dificuldades. Foi a partir daí que começaram a organizar comissão para ficar responsável de organizar as viagens dos estudantes para Belo Horizonte e também do local onde esses estudantes estavam hospedados até o UFMG e essa organização mantém até os dias atuais. Ele cita que ficou num hotel em Belo Horizonte chamado L'Espace e foi nesse hotel que eles participaram de várias reuniões do colegiado para irem em busca de soluções para permanecer no curso.

[...] e a partir dali eu acho que é o momento também de fazer com que a gente se tornasse mais fortalecido né o grupo é a luta pra que a gente buscassem junto a alternativa e foi isso que nós fizemos então nós passamos por muitos momentos de dificuldade tivemos no hotel lá em Belo Horizonte chamado L'Espace, eu não sei se vocês continua nele até hoje né, a gente conseguiu abrir as portas lá nesse hotel é tanto que as reuniões nossa pra defender essa bolsa permanência... (Jair Cavalcante, Matemática 2010/2014, entrevistado em 16/01/24).

De acordo, Sandy fala do local de hospedagem:

[...] é o L'espace acontece muitas coisas desagradável que ficamos bastantes desconfortável, como por exemplo: não podemos fazer barulho, é faltando coisas nos quartos e reclamamos e não somos atendidos com rapidez, são disponibilizados para nós os piores quartos, alguns com problemas em chuveiros, vasos e pias. (Sandy Gonçalves, CSH 2021/2025, entrevistada em 23/10/23).

Essa fala me fez refletir o quanto é ruim você ficar em um lugar, onde não podíamos ter a liberdade de conversar uns com os outros, pois isso gerava um constrangimento aos demais hóspedes daquele local. Sem contar com a falta de estrutura, digo, quartos ruins que eram disponibilizados para nós estudantes indígenas do curso FIEI. Sem falar que havia certos tipos de discriminação por parte de alguns hóspedes, que questionavam se seríamos indígenas de verdade. Isso fez com que todos fizessem suas reclamações nas assembleias de finalização do módulo do curso, para que todos ficassem situados dos acontecimentos.

Não foi mencionado pelos entrevistados quando foi que passaram a hospedar no Hotel L'Espace, a não ser o Jair Cavalcante que mencionou o nome desse hotel. Mas, em conversa com alguns estudantes que passaram pelo curso FIEI, especificamente das primeiras turmas, relatou que foi em 2012 que começou a ficar hospedado no Hotel L'Espace, após passar por vários lugares e desafios diferentes. Nesse local encontrou espaço que comportasse a todos os

estudantes Xakriabá e, sendo assim, as turmas seguintes ficaram hospedadas nesse espaço. Mas, contudo, devido a muitas reclamações por falta de estruturas nos quartos que os estudantes ocupavam, tivemos que procurar outro lugar, que coubesse todas as turmas.

Então foi aí que começou mais uma jornada a ser cumprida, em que a coordenação do curso, juntamente com o colegiado e representantes de moradia, buscou apoio da PRAE para arranjar outro local para que ficássemos hospedados. Como dissemos, é muito difícil conseguir um hotel com vagas para todos os 140 estudantes num valor que possamos pagar. Então, a PRAE, após visitar alguns lugares, encontrou o Hotel Sesc, que fica no bairro Venda Nova, um hotel com uma estrutura muito boa nos quartos, com muito espaço verde e para atividades coletivas. A UFMG fez um convênio diretamente com o SESC para essa hospedagem e assumiu o custeio da hospedagem para todos os estudantes.

A partir daí iniciamos mais um desafio a ser vencido, pois o hotel fica longe do UFMG e tínhamos que sair cedo e enfrentamos um trânsito horrível todos os dias, mas mesmo assim, ficamos felizes, pois o local é muito confortável e agradável. Também tivemos o apoio da PRAE para o nosso transporte e assim, não tivemos que usar o transporte público, que não daria certo por causa das distâncias, horários dos ônibus, lotação e número de pessoas.

Observamos que a hospedagem tem sido um caminho difícil. As primeiras turmas começaram em um hotel, um tipo de albergue, no centro da cidade. Tentaram um outro hotel no Barreiro, que é muito longe da UFMG. Passaram a ficar um período na casa de uma ex-professora do curso de magistério. Foram para uma hospedagem da Sociedade São Vicente de Paulo, mas com o aumento do número de pessoas, não cabia a todos. Fomos para o hotel L'Espace e tivemos muitos problemas e dificuldades. E chegamos ao Sesc.

Quando ouvimos vários relatos sobre a questão de hospedagem, sobre a qual todos fazem uma crítica, notamos o quanto é importante lutarmos para termos uma moradia indígena que venha a beneficiar todos os estudantes indígenas da UFMG, sejam eles do curso FIEI, das vagas suplementares, mestrado ou até mesmo do doutorado, que essa moradia que necessitamos atenda a todos esses segmentos citados. Essa luta pela moradia indígena já vem sendo discutida há tempos atrás, tanto pelos estudantes do curso FIEI quanto pelos estudantes do programa de vagas suplementares. Isso significa que a moradia indígena é de suma importância para a permanência indígena, para todos que estão estudando na UFMG, quanto os que ainda vão ingressar.

4.2. Irrigar o curso (Recursos da permanência)

Irrigar o curso, por que esse nome? Porque irrigar é levar a água a um determinado lugar que necessita desse recurso. Sendo assim, é dar vida aos seres vivos. Então, a água é fonte de vida e sem ela, não sobreviveremos. Por isso, destacamos os recursos da bolsa permanência e outros como uma fonte de irrigação que os parceiros trazem até nós, os estudantes, para que continuemos com nossa permanência no curso. E isso fortalece a todos devido a essa fonte de vida, que é irrigar a permanência no curso.

Fernanda fala sobre os avanços que tiveram de acordo com o curso ia avançando, na qual tiveram a bolsa Pibid como uma grande referência para permanência no curso, assim como os auxílios disponibilizados pela própria FUMP (Fundação Universitária Mendes Pimentel), como alimentação no restaurante universitário, auxílio para material acadêmico e auxílio de manutenção. Nessa fala dela, pude observar e refletir sobre a importância da assistência estudantil da UFMG com a FUMP, que vem de longas datas e vem contribuindo com a nossa permanência no curso FIEI até nos dias de hoje, devido a muitos estudantes não terem acesso à bolsa permanência, que custeia em todos os aspectos.

[...] então né esse processo ele foi construindo os avanços tiveram né, bolsas Pibid, foi o que nos sustentou durante o curso e tinha alguns auxílios da própria da própria Fump. (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024)

Em 2013 o Ministério da Educação – MEC – criou o Programa de Bolsa Permanência que garantia um auxílio financeiro para estudantes de graduação “em situação de vulnerabilidade socioeconômica, em especial os indígenas e quilombolas”. Com essa bolsa custeamos todos os gastos no curso, o deslocamento até a UFMG, hospedagem, os gastos do intermódulo nas aldeias. Na fala de Jair, ele cita os desafios que enfrentaram em relação aos recursos da bolsa de permanência. Ele cita que naquela época eram 400 reais mensais e para se manterem com esse recurso era muito difícil e eles tiveram que buscar ajuda com alguns dos professores do Colegiado para então dar suporte na permanência no curso.

[...] a gente recebia uma bolsa naquela época na bolsa de 400 reais né, e essa bolsa é diante do dó que é a dificuldade do aumento das coisas em Belo Horizonte, era impossível a gente conseguir manter as nossas despesas em Belo Horizonte com essa bolsa... (Jair Cavalcante, Matemática 2010/2014, entrevistado em 16/01/24)

De acordo Jair Cavalcante:

[...] essa bolsa era prevista a gente receber é 3 bolsas cada estudante, ia receber 3 bolsas a cada modulo, e aí a gente como membro do colegiado a gente reuniu, fizemos várias assembleias e foi onde é que a gente buscou, né, junto ao colegiado uma discussão pra que essa bolsa fosse permanente, que não fossem só de seis meses no ano, que não daria pra gente pagar despesa. Aí nós reunimos, fizemos várias assembleias e corremos atrás... (Jair Cavalcante, Matemática 2011/2014, entrevistado em 16/01/24)

Em sua fala, ele explica que naquela época eles recebiam três bolsas a cada módulo, ou seja, três bolsas por semestre e desde então, ele e os demais membros do colegiado tiveram vários momentos de reunião, assembleias, onde buscaram e correram atrás pela manutenção das bolsas nos 12 meses do ano para que então suprisse as necessidades dos estudantes no decorrer do curso.

A partir dessa fala, pude refletir que hoje está acontecendo o mesmo em relação aos recebimentos do número da bolsa permanência, no qual estão sendo destinadas três bolsas por semestre, sendo um total de seis bolsas anuais. Mas nos meses em que não recebemos o recurso da bolsa permanência, a PRAE, juntamente com a Fump garante um recurso para manter os estudantes no curso.

Nas falas de Edvan ele ressalta que desde que iniciou o módulo no curso FIEI, em 2017, já tinha uma assistência muito importante para permanecer no curso, que era a bolsa de permanência, naquela época no valor de R\$ 900,00. Com essa descrição do Edvan, nota-se que as lutas que os estudantes, lideranças, professores e a faculdade juntamente com o colegiado, buscaram pela permanência dessa bolsa, teve um objetivo sucedido, pois o mesmo já garantia aos estudantes o acesso à bolsa no decorrer dos quatro anos durante o curso, hoje o recurso da bolsa permanência teve um aumento que foi de 900 reais para 1400 reais.

Uma das principais assistências que tivemos foi na questão financeira, onde recebíamos uma bolsa acadêmica no valor de 900 reais para custear os diversos gastos durante a trajetória académica. (Edvan Sêwakmõwe Xakriabá, CSH 2017/2021, entrevistado em 24/01/24)

O Recurso da Bolsa Permanência basicamente aparece nos relatos de quase todos os entrevistados, pois é um desafio que estão enfrentando para conseguir esse recurso para todos, porque sofreu mudanças desde o ano de 2019. O recurso da Bolsa Permanência foi uma luta que a faculdade conseguiu para manter os estudantes no curso, suprindo as necessidades em relação à hospedagem, transporte e alimentação, além de proporcionar materiais didáticos aos estudantes. Porém atualmente essa conquista está ficando difícil, nem todos estão conseguindo ter acesso à Bolsa Permanência para manter-se no curso. Mas contamos com o apoio do Colegiado que estão sempre buscando o melhor para seus cursistas. Esse aspecto de

bolsa permanência é um marco que se destaca nas entrevistas devido às mudanças que ocorrem, ou seja, a diminuição do número de bolsas, que não deixa muitas pessoas sem esse recurso.

4.3. Desafios da convivência

4.3.1. Racismo e preconceito

Um dos pontos que se destaca na fala da entrevistada Sandy e do entrevistado Edvan é a questão do racismo e discriminação sofridos por parte dos hóspedes, ou até mesmo por algumas pessoas em outros espaços, na faculdade, no restaurante universitário, pois essa questão acontece desde sempre, porque somos indígenas. E isso é desagradável ainda mais quando se trata de querer nos impedir de praticar os nossos rituais, que para nós indígenas é sagrado.

[...] acontece discriminação dos hóspedes que vem nos questionar se somos "índios" mesmo, já mandaram a gente parar com nossos rituais e isso são coisas que vai nos deixando desconfortável naquele lugar, mas ao mesmo tempo sabemos que é muito difícil achar outro lugar que atenda as nossas demandas em questão de quantidades de pessoas, em outras questões também como nossos costumes, os rituais e outros. (Sandy Gonçalves, CSH 2021/2025, entrevistada em 23/10/23).

Outro fator desafiador é o racismo institucional, onde a todo momento muitas pessoas questionam a nossa identidade, por não atendermos aos padrões de estereótipos criados pela sociedade envolvente, onde definem e propagam que todos os povos indígenas devem ter cabelo liso e viverem intocados em suas aldeias, não podendo estar na faculdade e em vários outros espaços. (Edvan Sêwakmôwe Xakriabá, CSH 2017/2021, entrevistado em 24/01/24)

Segundo Edvan:

Cursar o FIEI para mim já era um desafio, não pelo nível de dificuldade, mas pelo fato de estar adentrando o espaço acadêmico, onde por muito tempo não tivemos oportunidade de ter acesso. (Edvan Sêwakmôwe Xakriabá, CSH 2017/2021, entrevistado em 24/01/24)

Observei que ele cita que cursar o FIEI, já foi um desafio, não por ser um curso de nível difícil, mas sim por estar num espaço acadêmico, onde não tinha muitas oportunidades para indígenas e por conviver com pessoas de vários gêneros e culturas diferentes. E isso se torna desafiador para todos aqueles que não têm essa convivência nesse espaço.

Quando se trata dessa temática relacionada ao preconceito e o racismo, podemos destacar que é uma realidade vivenciada por todos os povos indígenas do Brasil, sendo em todas as formas, ou seja, de ambos os sexos, a começar pelas perguntas mais bizarras que existem, que é quando te questiona se você é indígena pela cor da pele, pelo cabelo, se anda pelados e ainda cita você não é indígena, pois não tem cara de indígena, como se para ser indígena precisasse ter cara.

4.3.2. Saúde

Segundo Fernanda Gonçalves, a ausência de atendimento da saúde é um problema, no âmbito da cidade grande, onde passamos por todas as dificuldades que essas pessoas passam diariamente:

[...] outra questão de dificuldade é de atendimento à saúde que muitas vezes as pessoas adoeciam ou acontecia alguma coisa e acabava que a gente ficava sem assistência da própria Sesai, a gente já tinha buscado várias vezes, mas não dava pra poder ter assistência direto, mas aí a gente conseguia na verdade atendimento nas Upas, mas ficava o dia inteiro. Passava por isso, todos esses processos que o pessoal da cidade passa né, o pessoal da cidade passa com a questão da saúde, então né tinha todos esses percalços. (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024)

A questão que Fernanda pontua, em relação à saúde, e quando ela fala sobre essa dificuldade, me fez refletir que se pensarmos da época em que ela e outros anteriores estava estudando, até hoje não houve mudanças, porque continua na mesma. Se um dos estudantes passa a ficar doente e vai em busca de atendimento na UPAs, fica esperando por horas, ou seja, o dia ou a noite toda esperando para ser atendido por um médico ou enfermeiro. Ele passa por todos os processos e constrangimentos que as pessoas da cidade grande costumam passar no dia a dia.

Fernanda ressalta que tinha mães que levavam os seus filhos para o módulo do curso FIEI, pois não tinham com quem deixar, e que também havia mulheres grávidas e isso se tornava muito difícil e preocupante, uma vez que essas grávidas precisam de uma atenção melhor de assistência à saúde. Elas precisavam fazer o pré-natal e, para ter essa assistência à saúde na cidade grande é totalmente diferente da nossa realidade em nossas aldeias, como podemos observar:

Porque nós tínhamos também mães que tinha que levar seus filhos porque não tinha como deixar, que eram né grávidas que acabavam tendo que ter assistência maior né tem essa questão da Saúde, pré-natal, então tinha essas todas essas realidades. No caso, a nossa realidade, nosso dia a dia que passa na aldeia onde tem o mínimo de estrutura passou a ser na cidade. então a gente muitas vezes não tinha todo o acesso, toda assistência que a gente poderia ter. (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024)

Quando se trata desta questão relacionada à saúde, é um ponto muito complicado, desafiador e requer uma atenção específica, pois com a saúde não se brinca e precisamos estar bem fisicamente e psicologicamente, pois se não estivermos bem conosco mesmo, como iríamos focar em nossos estudos? Então vejo que na fala da entrevistada Fernanda, podemos observar que esta questão vem desde o início do curso e isso é um ponto que deveria ser abordado sempre, para que seja resolvido.

Quis trazer um relato com um técnico de enfermagem, que trabalha na Unidade de Saúde da Aldeia Prata, porque achei importante falar um pouco sobre a Saúde Indígena no Território Xakriabá, onde foi pontuada a organização e o funcionamento dos polos de saúde, devido a um dos desafios relatados pelos entrevistados ser sobre a saúde. Por isso, é de suma importância buscar citar um pouco sobre a saúde indígena.

“Os atendimentos à saúde no território indígena Xakriabá, funciona através da SESAI (Secretaria de Saúde Indígena), que é responsável para coordenar e executar a saúde nas populações indígenas de todo território nacional; que está ligada ao SUS (Sistema Único de Saúde) através do SASISUS (Subsistema de Atenção à Indígena).

A SESAI executa dentro dos territórios indígenas a atenção primária, nas UBSIs (Unidade Básica de Saúde Indígena), que é a primeira porta de entrada à saúde dentro do SUS, onde é resolvido aproximadamente 80% dos problemas de saúde das populações. As unidades básicas são compostas por equipes de saúde, contendo: Médico (a), enfermeiro (a), técnico (a) em enfermagem, dentista, ASB, AIS (agente indígena de saúde), AISAN (agente indígena de saneamento) e auxiliar de limpezas. No território Xakriabá existem 10 UBSIs e um Polo Base Tipo II que se localiza na cidade de São João das Missões, onde se resolvem as questões mais administrativas e compõe uma equipe multidisciplinar para atender nas comunidades.

Mas a realidade da saúde indígena no território Xakriabá é que deixa muito a desejar e precisa melhorar muito no número de profissionais, onde várias unidades não tem a equipe completa; número de veículos também não tem para todas as unidades. Os veículos são indispensáveis porque as distâncias entre as aldeias são grandes e o principal meio de transporte são motocicletas e cavalos. Precisa melhorar também no saneamento básico do território.

Quando há casos que não se resolve na atenção primária, os pacientes são encaminhados para a atenção secundária, que são as consultas e exames especializados. Acontece a parceria com a secretaria de saúde do município, que necessita de número maior de atendimentos pelo número de demandas. Por motivos de demora e de poucas vagas das consultas e/ou exames pelo SUS, quem tem condições faz particular.” (Técnico de Enfermagem da Unidade Básica de Saúde da Aldeia Prata, Mauricio Xavier de Oliveira Pinheiro, em 17 de Julho de 2024)

Vejo que a SESAÍ, por ser um órgão que cuida da saúde indígena, poderia muito bem fazer uma parceria com a UFMG, para disponibilizar pelo menos um(a) enfermeiro(a) para estar acompanhando os estudantes indígenas nos períodos em que os módulos estejam acontecendo na UFMG, principalmente nas últimas semanas do modulo, pois é nesse período que os adoecimentos aumentam e isso pode estar relacionado ao clima, à alimentação e à água da cidade, que é diferente do nosso território e tudo isso pode influenciar a nossa imunidade e a espiritualidade, devido em nosso território fazermos uso das plantas medicinais e dos benzeimentos feitos pelos benzedores e pelos pajés, que nos cura e nos fortalece.

4.4. Mulheres no Curso

Nesse ponto, quero destacar a importância das mulheres no curso, pois pude observar que desde o levantamento que fiz, vejo uma participação significativa dessas mulheres, então não vejo que seja um desafio para elas, por ser mãe, esposa ou filha, mas sim como umas grandes guerreiras na luta para alcançar seus objetivos.

No percurso de Viviane Fiuza, ela cita sobre como era difícil as mulheres estudar antigamente, devido a haver conceitos distintos, em que as mulheres poderiam cuidar só da casa, dos filhos e esposo e ajudar o esposo na roça e com isso era um desafio para que hoje essas mulheres conquistassem seus direitos. Porém hoje, depois de muitas lutas, as mulheres estão cada vez mais buscando e conquistando seus espaços, seja ele no mercado de trabalho, na faculdade, entre outros. Ela menciona que com o surgimento das escolas nas aldeias, esse tempo de as mulheres não poder estar estudando, foi diminuindo e isso fez com que elas ocupassem lugares em sala de aulas e conseguisse alcançar seus objetivos, até formar no ensino médio.

Viviane cita que foi entre os anos de 1996 e 1997 que teve a criação do PIEI (Programa de Implementação das Escolas Indígenas) e FIEI e esses programas permitiram a inclusão das mulheres indígenas na universidade, onde quebraram ideias preconceituosas e racista de que essas guerreiras indígenas não poderia estudar, por isso vejo que a busca por um curso superior tem cada vez aumentando, seja em qualquer área de conhecimento e essas guerreiras estão presentes, mostrando que o lugar de mulher indígena é aonde elas quiserem.

Quando ela cita que no curso FIEI existe uma porcentagem grande de mulheres estudando isso realmente é real, pois nos levantamentos realizados por mim observei que há

mesmo um número bem maior de mulheres em relação ao número de homens. E sendo assim, isso não é um desafio, pois mesmo que muitas dessas mulheres são casadas, mães, filhas e esposa, elas estão lá para mostrar que os estudos são importantes para elas e que jamais vão deixar de lutar para que seus direitos e conquistas não sejam enfraquecidos, e sim pelo contrário, que seja fortalecido cada vez mais.

Hoje em dia depois de muita luta, as mulheres estão conquistando seu lugar na faculdade e no mercado de trabalho. Elas usam a força da Espiritualidade para conseguir alcançar seus objetivos em benefício da família e de suas comunidades. Com o passar do tempo e o com surgimento das escolas nas aldeias indígenas, esse tempo das mulheres não terem tempo para estudar foi diminuindo, e elas foram ocupando lugares em salas de aulas e alcançando o ensino médio. Entre os anos de 1996 e 1997 teve a criação do PIEI (Programa de Implantação das Escolas Indígenas) e FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas). Estes programas permitiram a inclusão das mulheres indígenas na universidade. A busca pelo curso superior por meio dessas iniciativas quebraram ideias preconceituosas e racistas, como a de que as mulheres indígenas não podem estudar. É notável que no FIEI existe uma porcentagem grande de mulheres estudando, muitas dessas mulheres que vão já são casadas, e devido o curso ser modular muitas acabam engravidando durante o curso. (MOTA, Viviane Fiúza da. Gestação, Parto e Nascimento Indígena entre as Estudantes Xakriabá no FIEI. 2021. 49 f. p. 22.)

Segundo Miranda Fernandes foram muitos desafios e um deles foi deixar seu filho com 11 meses, assim como o deslocamento para a cidade:

Foram muitos os desafios, sendo o primeiro, o deslocamento da aldeia para a cidade grande, deixando para trás meu filho de 11 meses de idade. (Miranda Fernandes, CVN 2011/2025, entrevistada em 30/11/23).

Ela cita que a adaptação na cidade grande foi muito difícil, pois teve que ficar longe da família, onde teve que conciliar o trabalho com os estudos, devido o estudo exigir ficar um mês fora, ou seja, longe de casa, e também ter que ficar longe das ações comunitárias em que ela participava.

A adaptação na cidade grande longe dos familiares também foi muito difícil. Outro desafio foi combinar o trabalho com estudo, sendo que o estudo exigir um mês fora do trabalho, não só o trabalho, como também as ações comunitárias com as quais eu participava. (Miranda Fernandes, CVN 2011/2025, entrevistada em 30/11/23).

Eliane Pereira cita que ficar longe da família foi uma questão bem desafiadora, pois o tempo na Universidade era bem longo:

O primeiro desafio foi a questão de ficar fora de casa e longe da família por um longo período; (Eliane Pereira. LAL 2016/2020, entrevistada em 23/10/23).

Eliane também afirma que adaptar a rotina da cidade grande não é nada fácil e isso me fez refletir o quanto é desafiador, porque já passei por esse processo de ficar longe de casa e da família, quando estive morando em Belo Horizonte por um período longo. Em 2019, quando estava cursando o curso de Ciências Biológicas no ICB (Instituto de Ciências Biológicas) na Universidade Federal de Minas Gerais, passei por esses desafios que ela cita e para mim foi complicado em todos os aspectos que concordo com ela, como:

Terceiro desafio, adaptar com a rotina da cidade, em hotel, mudança de clima, alimentação. (Eliane Pereira. LAL 2016/2020, entrevistada em 23/10/23).

Outro ponto que ela comenta é sobre ter que levar o seu filho para Belo Horizonte, devido ainda estar amamentando, e com isso ter quer levar acompanhante para cuidar da criança.

Sexto desafio, tive o meu segundo filho, e como ele amamentava, levei ele e a minha mãe pra Belo Horizonte. (Eliane Pereira. LAL 2016/2020, entrevistada em 23/10/23).

Quando ela fala sobre esse desafio, percebemos e refletimos que é uma realidade de todas as mães que passam e passaram pelo curso FIEI. Podemos destacar a diferença de desafios que se apresenta para as mulheres, sobretudo mães, já que o homem não teria essa preocupação que ela nos informa.

4.5. LUTAS PARA CONSOLIDAR O CURSO

De acordo com a fala de Edgar:

Houve vários desafios, a começar pelo fato de o curso ser novo na UFMG, sendo assim muitas coisas ainda estavam sendo estruturadas: bolsas, moradia, alimentação, documentação, etc... ou seja, foi um desafio muito grande os primeiros meses para estruturar e as turmas ir pegando o ritmo do curso Edgar Kanaykô, CSH 2009/2013, entrevistado em 05/01/24)

Desde então foram muitos desafios até as turmas se estabelecerem e se estruturarem no curso.

4.5.1. A participação no Colegiado

Segundo Fernanda:

[...] outra questão que avançou foi a própria participação na estruturação do curso que é do colegiado, onde tiveram lideranças participando junto com a gente indo com o pessoal para poder dar o apoio, também participar do colegiado do processo de decisão e de estruturação do curso, então assim teve todo esse processo né diante do próprio caminhar do curso e dos avanços do curso teve. (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024)

Nas falas da Fernanda pude fazer uma reflexão em relação à estruturação do colegiado, em que ela cita que o colegiado teve grandes avanços, pois o mesmo é composto por lideranças e por estudantes. Na verdade, as lideranças compõem um Conselho de Lideranças Indígenas, com representação dos povos que estão no curso. E isso foi muito importante, pois essa estruturação permite um apoio do Conselho para tomar as decisões que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes junto com o FIEI. Isso foi um avanço muito grande para nós, pois a participação de lideranças indígenas e estudantes indígenas no colegiado nos fazia contemplar-nos nessa estruturação.

Edgar menciona que:

[...] começar pela sua estrutura e diretoria acadêmica onde é essencial a presença dos próprios alunos e lideranças Indígenas de diversos povos que compõe seu colegiado e busca resoluções de melhoria para o curso. Edgar Kanaykô, CSH 2009/2013, entrevistado em 05/01/24)

O curso teve uma importância muito grande, começando pela forma que o colegiado era estruturado, onde foi e continua sendo essencial a presença dos próprios alunos e lideranças indígenas de diferentes povos para tomar decisões e buscar melhoria para o curso.

Sandy destaca que:

É muito importante a gente ocupar esses lugares e ter voz ativa para representar o seu povo e ajudar sempre que for possível. Por ser representante e fazer parte do colegiado participe de várias pautas importantes para a melhoria do nosso curso e também para melhorar cada vez mais a organização do nosso grupo de estudante do nosso povo Xakriabá. (Sandy Gonçalves, CSH 2021/2025, entrevistada em 23/10/23).

Achei muito interessante quando ela cita a importância de participar do colegiado sendo graduando do FIEI, e por ter voz ativa para representar seu povo. Em sua fala, observei que ela sente muito orgulho de fazer parte do colegiado, juntamente com representantes, lideranças do povo Xakriabá assim como de outros povos e professores do curso FIEI.

Em sua fala, ela ainda destaca que o papel do representante no colegiado é muito importante e ela, sendo uma representante, tem um dever muito grande de ajudar na organização, no decorrer do curso e nas atividades intermodulares no território.

O Papel do representante é muito importante, pois ajuda os professores organizar os módulos e intermódulos tornando-se mais fácil pois somos os intermediadores e passamos as informações para os estudantes e dos estudantes para os professores. (Sandy Gonçalves, CSH 2021/2025, entrevistada em 23/10/23).

4.6. A importância do Curso

De acordo a fala de Fernanda, ela ressalta que o curso foi muito importante para seu aprendizado, pois a mesma já atuava na escola e o curso lhe proporcionou mais conhecimento para ampliar sua atuação na educação escolar indígena.

[...] o curso ajudou a ampliar a minha visão sobre educação escolar indígena, trazer ferramentas para que eu pudesse atuar e ampliar o meu olhar para educação escolar indígena... (Fernanda Gonçalves, CSH 2009/2013, entrevistada em 11-01-2024)

Segundo Edgar:

O curso teve uma importância muito grande, pois é um modelo no qual pode ser expandida para outras universidades e setores diversos. O FIEI tem uma relação direta entre o curso, alunos, professores e comunidade. Edgar Kanaykō, CSH 2009/2013, entrevistado em 05/01/24)

Achei bem interessante a fala do Edgar, porque quando ele cita a importância do curso para ele, nos faz refletir que é um curso de muita importância para todos os indígenas e que pode ser expandido para outras universidades, assim como outros setores diversos. Além de ter uma ótima relação entre alunos, professores e as demais comunidades, na qual tem estudantes que já cursou ou ainda está cursando o FIEI.

De acordo com o Jair Cavalcante:

É o curso, ele é um curso de preparação pra professor, até que quando eu entrei no curso a primeira vez, eu tinha aquela minha preocupação, nossa, eu vou encontrar dificuldade, porque lá a matemática vai ser mais aprofundada né, a Ciência, ela vai ser diferenciada, só que não, o curso, ele é uma preparação. Jair Cavalcante, Matemática 2010/2014, entrevistado em 16/01/24

O curso vai além de estudar, só matemática ou ciência. No dizer dele, ele tinha medo de encontrar dificuldades em estudar matemática, mas o curso, pelo contrário, te prepara para ser professor, onde está a importância da interculturalidade do curso para todos nós.

Para Miranda Fernandes:

O curso FIEI foi e ainda é importante para nosso povo, pois, além de ensinar o científico, ainda tem as pesquisas que fazemos com os nossos mais velhos, onde aprendemos mais sobre a nossa cultura e nossa tradição. (Miranda Fernandes, CVN 2011/2025, entrevistada em 30/11/23).

O curso FIEI é muito importante para os povos indígenas, pois aborda ensinamentos e conhecimentos que são fundamentais para os estudantes. Além disso, o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas propõe aos cursistas a importância de conhecer a abrangência dos estudos científicos no mundo ocidental. Para mais desenvolvimento no seu aprendizado, o curso também acompanha de maneira significativa o conhecimento tradicional do nosso território, pois é através do FIEI que realizamos pesquisas com as nossas bibliotecas vivas que se faz presente em nosso território e que enriquece nosso conhecimento voltado à nossa realidade.

Edvan ressalta:

[...] que o FIEI tem o poder de nos preparar não somente para sermos professores, mas também para que possamos ajudar o nosso povo a interagir com o “diferente”, com essa relação entre o conhecimento científico e o tradicional. Possibilitando que fiquemos preparados para enfrentar novos desafios em outras áreas. (Edvan Sêwakmôwe Xakriabá, CSH 2017/2021, entrevistado em 24/01/24)

O curso FIEI proporciona aos estudantes uma preparação muito importante que fortalece cada vez mais o ensinar como professores e o mediar com o povo do seu território, pois interagimos com o social e englobamos a interculturalidade em nossas voltas, que nos permite conhecer e entender os desafios em diversas áreas que percorremos.

Eliane menciona:

[...] o FIEI é um curso que todo educador indígena precisa passar, independente da área, nele é proporcionado um percurso que alinha nossa vida, fazendo uma ponte na

qual refletimos e valorizamos sobre o significado do que seja “Um pé na Aldeia e um pé no Mundo”. Como o nome já diz, é uma formação intercultural e nos direciona para enfrentar a luta pela garantia dos direitos dentro e fora do território. (Eliane Pereira. LAL 2016/2020, 23/10/23).

O FIEI é um curso que todos os professores indígenas deveriam ter em sua formação, pois o mesmo nos proporciona a oportunidade de conhecer cada vez mais o nosso território. Isso porque, através do curso, realizamos percursos que visam a importância das pesquisas em nosso território, valorizando o conhecimento tradicional do nosso povo. Ela ainda cita que o curso nos direciona para uma formação intercultural, pois o mesmo nos prepara para conhecer o mundo fora do território, garantindo nossos direitos como indígenas e enfrentar as lutas e os desafios que surgir em nosso caminho.

Sandy ressalta que:

O curso FIEI para mim tem uma importância muito grande, um curso que atende nossas demandas enquanto indígenas, respeita nossas especificidades, culturas, costumes e tradições. (Sandy Gonçalves, CSH 2021/2025, entrevistada em 23/10/23).

Ela ainda deixa claro que o curso FIEI é uma grande conquista para os povos indígenas, pois o nosso povo lutou por uma formação na educação e o FIEI nos trouxe essa conquista, abraçando os estudantes em sua formação e interagindo o conhecimento com as comunidades indígenas, na qual nos fortalecem cada vez mais, pois adquirimos conhecimentos diversos tanto do nosso povo, quanto de outros povos através da interculturalidade proporcionada pelo curso.

Esse curso é uma das grandes conquistas dos povos indígenas durante o processo de luta pela educação, pois formam educadores capazes de pensar e criar instrumentos e processos próprios e adequados de conhecimentos e de transformação da realidade em nossas aldeias fortalecendo as práticas culturais, processos interativos entre as escolas indígenas as comunidades e a sociedade em geral. (Sandy Gonçalves, CSH 2021/2025, entrevistada em 23/10/23).

4.7. Desafios de estudar na pandemia

O Brasil enfrentou desafios muito grandes durante à pandemia da Covid-19 que alastrou para todas as regiões do país, pois enfrentou um governo negacionista que não investiu no trabalho de lockdown, pelo contrário era contra, não tinha investimento em vacinas, negava que existia essa doença no país, que precisava ser enfrentada com políticas

públicas, além de desvio de recursos, e com isso muitas pessoas morreram por falta de respirador (oxigênio), ou seja, no Brasil morreram milhares de pessoas devido a esse vírus devastador foi a Covid-19.

Então, com a chegada da Covid-19, as pessoas tiveram que tomar precauções, pois esse vírus era muito contagioso e levou a morte de milhares de pessoas pelo Brasil e por outros países, com isso, veio a paralisação de muitos acontecimentos, exemplo, as escolas passaram a ter ensino remoto, a quarentena era inevitável, sempre tomando os cuidados, usando máscaras, álcool em gel e, entre outras formas de higienização.

Foram tantas mudanças que, inclusive, o curso FIEI, desde 2020, iniciou com aulas remotas online, as apresentações de TCCs e formaturas passaram a ser online, esse foi um momento desafiador para os cursistas, pois era uma novidade que não foi fácil de se adaptar, mas devido ao tempo de pandemia que estávamos vivenciando, tivemos que enfrentar esse aprendizado desafiador.

As dificuldades encontradas foram várias, principalmente para quem não sabia interagir com a internet, mas graças a Deus conseguimos superar alguns desafios. Passamos por muitas emoções, tristezas, devido ao fato de a pandemia ter devastado muitas vidas em nosso Brasil. Mas seguimos em frente e hoje estamos novamente com nossas aulas presencial, onde podemos conviver em sociedade, mas sempre com os devidos cuidados.

Em relação ao caos referente à pandemia do COVID-19, houve várias consequências, principalmente para os povos indígenas, que desestruturou toda uma organização que tínhamos, onde tivemos que deixar de fazer várias atividades para dar atenção e nos cuidar para não acontecer de ninguém pegar essa doença. A questão mesmo do bloqueio para monitorar entrada e saída de pessoas não indígenas e indígenas no território, ou então os contatos da gente com as pessoas da comunidade também, modificaram. E também consequências que estão até hoje como, por exemplo, com as crianças que deixaram de ir à escola, deixou de participar das atividades (na educação infantil, por exemplo, foi na época da pandemia, e aí quando eles retornam para a escola, percebemos essas consequências). A organização social da gente, teve que parar com as atividades que éramos acostumados fazer, então, com o costume da gente, durante o ano todo, onde desenvolvia várias atividades no território e fora do território e aí, de repente, tivemos que parar, pensar e buscar caminhos para enfrentar esse desafio, na questão da escola, das pessoas mais velhas, das crianças, como que a gente tinha que orientar essas pessoas jovens, que não poderia ficar aglomerados. Então, foi um desafio grande.

Eliane pontua que:

Foi um momento em que a gente ficou muito apreensivo no início, mas com o passar dos dias fomos adaptando, até porque não tínhamos muitas escolhas, pois os cuidados eram constantes e mesmo assim o vírus chegou... e com o suporte das pessoas que entendia um pouco mais acerca das novas tecnologias, fomos resolvendo o que precisava de longe. No final deu tudo certo, até a nossa formatura foi virtual. (Eliane Pereira. LAL 2016/2020, entrevistada em 23/10/23).

Em relação a Pandemia do Covid 19, foi um momento muito difícil para todos, pois além de apreensivo, tivemos que adaptar um novo modelo de convivência com as pessoas, porque ficamos restrito a tudo e tínhamos que ficar em casa. Em relação aos estudos remotos, também tivemos que adaptar às tecnologias e assim fomos conseguindo aos poucos acostumar com essa rotina. O acesso à internet no território era precário e prejudicou o acompanhamento das aulas e a produção de percursos, de acordo o Edvan:

Falar sobre esses desafios perpassa muito pelo processo de adaptação ao qual tivemos que nos acostumar diante da pandemia do COVID-19. A dificuldade de acesso a internet de qualidade, as orientações para escrita do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) que eram todos remotos foram desafiadores, contudo, conseguimos superar esses obstáculos. (Edvan Sêwakmôwe Xakriabá, CSH 2017/2021, entrevistado em 24/01/24)

Edvan Sêwakmôwe Xakriabá nos conta que o apoio dos professores da UFMG foi essencial para ajudar no controle da doença no território:

Assim que surgiu as ameaças da pandemia iniciamos o monitoramento da TI Xakriabá, com isso tivemos parceria dos professores da UFMG, nos auxiliando com fichas para que pudéssemos assim rastrear possíveis casos de COVID. Essas fichas eram repassadas para planilhas em computadores onde inserímos os dados coletados e compartilhando virtualmente com os professores. (Edvan Sêwakmôwe Xakriabá, CSH 2017/2021, entrevistado em 24/01/24)

Quando o Edvan menciona que assim que surgiram as ameaças da Pandemia, os Xakriabá iniciaram um monitoramento, que depois teve apoio da UFMG. Achei bem interessante, pois foi possível controlar a entrada de estranhos no território, além de ter tornado possível saber onde a pessoa ia e o que ia fazer. Caso surgisse um caso de Covid 19, poderia ser investigado através dessas fichas. Achei interessante essa atividade fazer parte do monitoramento, através do curso FIEI em que envovia os estudantes. Participei dessa

atividade que o Edvan menciona, tanto no bloqueio, quanto fazendo a coleta de dados e a digitação desses dados em planilha.

O monitoramento serviu como parte das tarefas que tínhamos que desenvolver no FIEI. Outras atividades fazíamos online, principalmente aulas presenciais através do Google Meet e App Zoom, onde a gente interagia com colegas e professores, e podíamos também tirar nossas dúvidas. (Edvan Sêwakmôwe Xakriabá, CSH 2017/2021, 24/01/24)

As dificuldades nos fazem refletir que o processo de aulas remotas é de difícil adaptação para todos que não tem muito acesso a alguns tipos de tecnologias, porém quando se fala ao acesso de uma internet de qualidade se complica ainda mais. Já estávamos vivenciando um momento conturbado da pandemia, em que a nossa saúde mental exigia muito equilíbrio e, o fato de ter uma internet péssima nesse momento precisa ser levado em consideração, pois para a escrita dos percursos dependia de uma internet de boa qualidade, pois as orientações eram remotas e isso se tornava mais difícil e ao mesmo tempo desafiador.

Nas falas de Sandy Gonçalves é possível perceber que ingressar no curso em tempo de Pandemia foi um pouco preocupante, porque tinha que estudar online, porém ela entendia que naquele momento o ensino remoto seria necessário para todos. E vale refletir que a Pandemia do Covid 19 nos restringiu de tudo. Sandy comenta:

Minha perspectiva foi as melhores possível, mas também muito preocupada pelo fato de que a entrada da minha turma foi em tempo da pandemia de COVID-19, mas que naquele momento estávamos estudando de forma online seguindo com nossos estudos, mesmo sabendo que o ensino remoto não era o ideal, mas era a única solução para que não ficássemos prejudicados enquanto ao curso. (Sandy Gonçalves, CSH 2021/2025, entrevistada em 23/10/23).

4.8. Desafios da minha trajetória no curso

Ao falar dos desafios que foram citados pelos meus entrevistados, não poderia deixar de citar alguns desafios que enfrentamos durante a minha jornada acadêmica nesses quatro anos de estudo, que um deles foi ingressar no curso no período da Pandemia do Covid 19. Esse desafio foi bastante complexo, pois tivemos de adaptar ao ensino remoto, ou seja, realizar todas as atividades online, para mim não foi tão difícil adaptar, porque estava cursando outro curso de reforma remota, mas os meus colegas e amigos teve bastantes dificuldades em adaptar a essas aulas remotas e as tecnologias adotadas para o ensino remoto

nesse período de Pandemia, além de tudo ainda tínhamos que enfrentar os desafios da internet, por que o sinal não era e não é até hoje de boa qualidade.

Quando retornamos ao ensino presencial, que viemos até a Universidade Federal de Minas Gerais, passamos por mais um desafio preocupante para todos nós, tanto o Xakriabá, quanto aos outros Povos presentes no curso FIEI, assim como os coordenadores, professores do curso, lideranças e familiares. Não sei se foi um desafio que possa ser dito preocupante, porém mobilizou todos que ali estavam presentes. Isso que estou descrevendo foi o desabamento do teto de gesso do quarto do hotel L'espace, no qual estávamos hospedados em 21 de setembro de 2022. Pra mim e minhas amigas que dividiam o mesmo quarto, cujo teto desabou, foi muito difícil, pois ficamos com bastante medo e a todo momento ficamos pensando e se tivéssemos nesse quarto na hora do desabamento, o que poderia ter acontecido? Porém nós mantivemos a calma, sem demonstrar que estamos com medo e preocupadas com aquela situação, pois muitos dos colegas ficaram tão apavorados, que queriam ir para as suas casas antes mesmo de finalizar o módulo.

Outro desafio foi permanecer no curso sem o benefício da bolsa permanência, pois não tivemos acesso, devido o número de bolsas terem reduzido, mas com ajuda dos auxílios (recursos) disponibilizados pela Fump juntamente com a PRAE que contribuíram muito para a nossa permanência no curso.

Em relação a bolsa permanência ainda conseguimos ser beneficiados, já na reta final do curso, mas mesmo assim nos ajudou bastante para chegarmos até o nosso objetivo, que é a finalização do curso.

No último módulo do curso passamos por mais uma nova experiência, que foi mudar de local, ou seja, de hospedagem, onde fomos para um outro bairro chamado Venda Nova, especificamente Hotel Sesc, que fica um pouco distante da faculdade e com isso enfrentamos um trânsito nada legal, mas faz parte do dia a dia. Dito isto, esse novo local de hospedagem é um lugar muito agradável, porém ainda há um desafio que estamos passando que é a falta de internet nos espaços aonde estamos ficando. Não que seja um desafio ficar sem internet, mas precisamos dela para a comunicação, seja com os familiares, fazer as atividades (trabalhos), estudar, entre outros.

Acredito, eu, ao ouvir os colegas e amigos relatando, que está sendo mais difícil e que para mim é um ponto considerado desafiador é você não ter um espaço adequado para lavar as roupas, pois o local não oferece esse espaço e isso não é confortável, devido você não ter que

mandar ou levar as suas roupas a uma lavanderia industrial e desconhecida para nós, fora isso o local é muito agradável e confortável.

Penso que por mais desafiador que foi para esses estudantes desde o início, não pararam de lutar para conseguir os seus objetivos e através dessas lutas que hoje estamos vivenciando essas mudanças que ocorreram no decorrer dos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de percurso, cujo o tema é *Desafios Enfrentados pelos Estudantes Xakriabá para a Permanência no FIEI* fiz vários levantamentos para localizar os estudantes que estão distribuídos nas quatro habilitações do curso, busquei fazer as entrevistas em uma linha do tempo, ou seja, fiz as entrevistas com os estudantes que eram e são membros do colegiado, onde elaborei alguns questionários com perguntas iguais e específicas para cada um, que foi a partir do ano de ingresso na faculdade.

Através deste percurso observei que cada desafio e obstáculos que enfrentamos podem sim ser vencidos, porque isso vem nos ensinar que superar as dificuldades pode fortalecer o nosso corpo para enfrentar as lutas do dia a dia.

Este percurso me ajudou a refletir o quanto o curso é importante para os povos indígenas e em especial ao meu povo Xakriabá, pois foi através deste percurso que pude identificar a quantidade estudantes Xakriabá que já cursou o FIEI e que ainda está cursando, além disso também consegui identificar que as mulheres têm uma participação bem maior em relação aos homens.

Um dado importante que eu analisei foi sobre a participação de algumas aldeias com números bem maiores de estudantes no curso FIEI, onde me fez refletir que esse número pode ser de acordo essas aldeias ter tido as primeiras Escolas Indígenas implantada no território, há também algumas aldeias com números menores que varia entre 1 (um) a 5 (cinco) estudantes em cada aldeia.

Pude refletir também as informações sobre o curso chega nessas aldeias através do diálogo dos estudantes que já participou do curso, ou então através do grau de parentesco, ou até mesmo através do casamento (que possa ser que o estudante casa e vai morar em uma outra comunidade e com isso leva os seus conhecimentos sobre a importância do curso e compartilha as pessoas daquela determinada comunidade). Porém a partir da minha observação, em que pude compreender esse movimento que acontece dessa forma e pode ser observada no gráfico e tabelas da pesquisa.

Enfim foi baseado nas entrevistas também que pude observar que é nos desafios que encontramos força para lutar e chegar aos nossos objetivos.

Em relação aos desafios pontuados pelos entrevistados, vejo que já foi superado no meu ponto de vista como pesquisadora, foi relacionado aos recursos para a permanência no curso, então com o recurso da Bolsa Permanência e com as parcerias da Fump, PRAE e a UFMG, esse desafio foi erradicado, pois é a irrigação do curso, onde sem esses recursos o curso não teria como funcionar.

Outro ponto importante que foi mencionado, pelo menos por dois entrevistados, é sobre o racismo/preconceito, seja no hotel ou em outros espaços da universidade ou não, porém não vou dar ênfase nesse desafio, mas quero deixar aqui registrado para que seja assunto, tema de percurso para ser abordado e pesquisado por outros estudantes do curso FIEI.

Destaco também um fato muito importante que me surpreendeu que é a participação das mulheres no curso FIEI, o protagonismo dessas guerreiras me fez refletir ainda mais que o lugar dessas mulheres é aonde elas quiserem, pois são mães que deixam seus filhos pequenos aos cuidados de outras pessoas durante os módulos do curso, são filhas e também são esposas e mesmo assim não deixam de lutar pelos seus direitos e objetivos que veio a conquistar.

Quando se trata dos desafios citados pelos entrevistados, todos foram de grande relevância.

Um desafio específico que foi bem destacado por quase todos os entrevistados, principalmente pelas primeiras turmas, que foi um local, um hotel para os estudantes ficar. Quase todos mencionam o desafio de encontrar lugar para comportar todos os estudantes, ou seja, uma moradia seria um ponto principal para que esse desafio seja superado. Enquanto não houver a construção dessa moradia, esse desafio sempre andará junto com os estudantes e ao curso de forma geral.

A moradia indígena é muito importante, pois vai atender todas as demandas dos estudantes indígenas, sejam eles do curso FIEI, das vagas suplementares, mestrados e doutorado, além de gerar mais conforto para todos os estudantes e acredito que até para a própria universidade.

Enfim, quero destacar a importância da participação coletiva que vai desde os estudantes, professores, coordenadores, seja eles de habilitação ou do curso de forma geral e do colegiado, pois é a partir da coletividade que construímos um curso de grande relevância para todos os indígenas que estão ali, além de poder compartilhar a interculturalidade e diversidade étnicas em outros espaços, seja acadêmico ou no território, e de ser exemplo para outras universidades.

Sobre o curso, posso destacar que é de suma importância para todos os povos indígenas, pois abrange a interculturalidade e as diversidades étnicas dos indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOTA, Regina Rodrigues da; NEVES, Luciene Rodrigues da Silva. Os percursos acadêmicos realizados na aldeia Prata. Belo Horizonte, 2023. FIEI/ FaE/UFMG. p 17.

MOTA, Viviane Fiúza da. Gestação, parto e nascimento Indígena entre as Estudantes Xakriabá no FIEI. 2021. 49 f.

SANTOS, Caetano dos, Laura. EXTRATIVISMO, AGRICULTURA E CONSTRUÇÃO: A DIVERSIDADE DOS SOLOS DA ALDEIA PRATA (TERRITÓRIO INDÍGENA XAKRIABÁ, MINAS GERAIS). Belo Horizonte, 2019. FIEI/ FaE/UFMG. p 15

OLIVEIRA, Joel Gonçalves de; ALKIMIM Maria José Nogueira; MIRANDA, Shirley Aparecida de (org). O Tempo Passa e a História Fica, Povo Xakriabá, Volume 2 - Belo Horizonte [MG] : Fino Traço, 2020.

APÊNDICE – ENTREVISTAS COMPLETAS

Entrevista 1

ENTREVISTA COM FERNANDA GONÇALVES



Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz, mora na aldeia Sumaré III-Território Indígena Xakriabá, é casada, mãe de um filho é formada em Pedagogia na INCISOH/CEIVA Januária, formada no curso do FIEI na habilitação Ciências Sociais e Humanidades é Bacharel em Administração Pública pela UFVJM e atualmente é assessora parlamentar da deputada Federal Célia Xakriabá.

1. Conte como você chegou ao curso FIEI.

Então, eu tive conhecimento do curso do FIEI através né do meu irmão, que ele foi escolhido como professor, e ele foi para o Magistério né fazer o curso né do magistério e a partir daí como ele tinha já o ensino médio e foi criado o programa de licenciatura indígena Prolind na UFMG, através de uma rede de parceiros então assim ele foi para lá para cursar né já faculdade licenciatura e aí a quando foi quando eles foram para o módulo passou uns dois, três módulos eles tiveram né pela experiência que teve do Prolind, eles e a própria UFMG criou o curso de formação intercultural para os professores indígenas, que são o Reúne, e a partir daí é que o meu irmão teve conhecimento né e mandou o edital do vestibular para mim, esse e esse curso foi da habilitação de Ciências sociais e humanidades, eu fiz o vestibular que na época era feito lá em montes Claros e passei né no ano de 2009 e cursei o curso de 2009 a 2013.

2. Conte quais foram seus desafios e como você enfrentou?

Na verdade os desafios ele foi desde aqui né os acessos às essas informações do curso, porque na verdade foi criado o curso mas o curso ele foi feito com o processo já a gente acessando cursando ele, nós tivemos que enviar as orientações para a gente né na época era através dos

correios e que a gente tinha que fazer a matrícula, esse processo todo e que a nossa ida seria né através por conta né da gente poder estar buscando parcerias e que teria também uma sugestão de hotel, mas infelizmente não tinha recurso para que a gente fosse simplesmente solicitaram e a partir do momento que nós chegássemos lá, é que ele ia buscar recursos para poder contribuir com a nossa permanência lá então nós corremos atrás da FUNAI que liberou uma van, porque eram 15 Xakriaba, e a partir daí e também deu uma ajuda de custo de 50 reais pra que a gente pudesse né pagar alimentação até Belo Horizonte chegando lá nós fomos pra um hotel né sugerido pela UFMG e no centro e que a gente teria que pegar transporte coletivo do centro para UFMG e da UFMG pro centro, então aí que começou as dificuldades, pessoas que muitas vezes não tinham acesso à cidade né não tinham como assim tido contato com né rotina da cidade tiveram várias dificuldades e muitas vezes a gente sempre pegava o ônibus no pico na onde que tinha maior lotação no transporte público que era de manhã e na volta que era às cinco horas, então, assim a gente chegava no centro tinha essa questão da janta que nós não tínhamos como permanecer pra poder jantar na UFMG, só tinha acesso ao almoço um bandejão e aí a gente não tinha como sair procurando lanche ou né outras coisas mas era bem difícil no centro porque era o horário que tudo fechava ficava um pouco mais complicado de ter acesso à comida então né, na questão de estrutura do hotel era um quarto com quem 10 beliches as mulheres ficava toda juntas então assim era bem precária essa questão, e nós não tínhamos né de fato um recursos para se manter tinha que ter um recurso próprio, do próprio recurso, do próprio dinheiro pra poder ir se mantendo durante os dias enquanto o pessoal do curso tentava buscar né recursos para manter a gente lá, então assim é que a UFMG disponibilizou na época não sei se era 400 ou 700 reais, pra poder pagar estadia, transporte e foi assim que a gente enfrentou o primeiro módulo, ao longo do período em que os módulos foram avançando e tendo mais pessoas foi ficando mais complicado de arranjar um lugar para ficar né uma estadia que comportasse todo mundo e aí acabou que a gente ficou né com vários desafios encontrar um lugar comportar essas pessoas essa questão de transporte que na verdade né usava o transporte público e depois teve a oferta da bolsa Pibid que era utilizada, recebia todo mês, mas guardava para quando chegassem no modulo, ter um dinheiro para se manter durante o período do módulo né que eram duas vezes no ano que era um módulo de março a abriu e o módulo de setembro né que era cinco semanas.

3. Por ser umas das primeiras turmas, quais foram os desafios e dificuldades enfrentadas desde o primeiro módulo ao último modulo do curso?

Como eu já falei né muitas vezes a gente teve que abrir estradas, abrir caminhos pra poder conseguir estruturando, e fazendo esse processo de funcionamento do curso e estruturação, então nós tínhamos que preocupar com a questão do hotel, né, do transporte, então cada vez mais que vinha chegando outras turmas ficava mais complicada porque na, no próprio, né, na região da UFMG que era muito mais fácil de encontrar de fazer esse trânsito né entre a estadia e a UFMG não tinha hotéis que comportavam todo mundo então a gente passou primeiro quando não deu certo nesse hotel primeiro hotel somos para uma casa de uma professora a gente dormia no colchão no chão né para ter um pouco mais de estrutura nós fomos para uma casa chamada Vicentinos quando tinha o pessoal só tinha a CSH, mas quando veio a matemática, aí quando juntou mais pessoas de outras turmas CSH, CVN e Matemática, que foi complicado porque na verdade a gente tinha outros povos junto com a gente principalmente os pataxó que vinha e também né participava do curso então assim foi várias e várias desafios na questão de estadia, transporte, permanência, né, bolsa e se manter naquilo do alimento mesmo né fora da UFMG, porque a UFMG ela ofertava o almoço e o café da manhã mas muitas vezes não dava tempo de chegar para o café da manhã só almoçava e não

dava tempo da janta, então né esse processo ele foi construindo os avanços tiveram né, bolsas Pibid, foi o que nós sustentou durante o curso tinha alguns auxílios da própria da própria Fump, outra questão de dificuldade é de atendimento à saúde que muitas vezes as pessoas adoeciam ou acontecia alguma coisa e acabava que a gente ficava sem assistência da própria Sesai a gente já tinha buscado várias vezes mas não dava pra poder ter assistência direto mas aí a gente consegue, conseguiu né conseguia na verdade atendimento nas Upas, mas ficava o dia inteiro passava por isso todos esses processos que o pessoal da Saúde da cidade passa né o pessoal da cidade passa com a questão da Saúde, então né tinha todos esses precauções, tinha essa questão também de ter o transporte a UFMG ela foi ofertando algumas vezes os transporte mas chegou um tempo que não comportava todo mundo, então tinha que ter né um financiamento próprio, então a gente tinha alguns, alguns parceiros que contribuía pra a gente pudesse estar indo né da aldeia para UFMG e com o passar do tempo na minha turma quando formou em 2013, foi que veio a bolsa permanência e as turmas teve uma boa estruturação né junto com a bolsa permanência que era um valor que poderia ser juntado e também trazer mais conforto e mais acessibilidade para as pessoas mas que isso também não sanava todas as dificuldades, porque nós tínhamos também mães que tinha que levar seus filhos porque não tinha como deixar, que eram né grávidas que acabavam tendo que ter assistência maior né tem essa questão da Saúde, pré-natal ,então tinha essas né toda essa realidade no caso a nossa realidade nosso dia a dia que passa na aldeia onde tem o mínimo de estrutura passou a ser na cidade então a gente muitas vezes não tinha né todo o acesso toda assistência que a gente poderia UFMG a própria universidade né tentava fazer esse processo de construção, outra questão que avançou foi a própria participação na estruturação do curso que é do colegiado onde tiveram lideranças participando junto com a gente indo né com o pessoal para poder dar o apoio também participar do colegiado do processo de decisão e de estruturação do curso então assim teve todo esse processo né diante do próprio caminhar do curso e dos avanços do curso teve.

4. Quais foram os avanços tiveram ao longo do curso até a atualidade?

Na verdade, tiveram né, mas até onde eu fiquei só tiveram essa questão da estadia mais perto da UFMG né o transporte financiado pela própria UFMG, mas no início a gente ia caminhando né até a UFMG por ser perto e também essa questão de recursos que foi assim o mínimo né no sentido de ser o próprio Pibid de que nos ajudava a nos manter né no curso e a questão da estruturação do próprio colegiado.

5. Qual a importância do curso para você? E qual contribuição tem dado para o seu povo?

No meu caso assim eu já atuava na escola, então assim o curso ajudou a ampliar a minha visão sobre educação escolar indígena, trazer ferramentas para que eu pudesse atuar e ampliar o meu olhar para educação escolar indígena, teve a questão dos territórios Etno educacionais, os seminários era muito importante pra que a gente pudesse ter o olhar a vários temas e a várias temáticas teve várias participações né da gente mesmo em outras instituições até movimentos né que a gente pode conhecer e compreender como que funcionava, então teve essa amplitude do olhar e também da nossa né, nosso conhecimento diante da educação escolar indígena diante da realidade né, do povo e que contribuiu para o meu processo né de atuação como supervisora que a gente né lidava com a secretaria lidava com esse processo de gestão pedagógica e que me abriu caminhos para que eu pudesse atuar durante os 12 anos né que eu atuei na educação escolar indígena e também ne, pra ter outras perspectivas, entrar

num curso de Administração Pública, né, porque eu tinha um curso de Pedagogia contribuiu para que eu pudesse também abrir outros olhares e ir para outros caminhos e no que eu tô atualmente também fez parte disso também que é como Assessora Parlamentar então né que a própria Célia também participou desse processo junto com a gente.

6. Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma?

O meu percurso acadêmico ele foi com o tema sobre a implantação não na verdade as experiências do calendário sócionatural dentro das escolas indígenas, onde a gente tinha né duas escolas que trabalhava em cima do método indutivo né, que é de um pesquisador chamado Jorge Garcia, então eu fiz esse processo porque ele pudesse entender as metodologias que esse, que esse, que essa nova forma de lidar com o processo educativo né, se nova forma, essa nova experiência pudesse também ser implantado aqui nas escolas então tinha duas escolas de Rancharia que era o professor Hélder que, que articulava né desse processo também na escola da Prata da escola Estadual Indígena Oaytomorim que tem toda essa experiência, vasta experiência em cima do calendário sócionatural né do nosso povo e também a atuação diante dessa, de poder fazer esse processo educativo em cima do calendário né e utilizando o método indutivo que era através de tarjetas utilizando vendo o território como forma também de trazer indicadores trazer conteúdos que pudesse ser trabalhado dentro da escola e fortalecer o currículo específico das nossas escolas, então eu fiz esse processo de conhecer essa experiência e dialogar com a teoria né, que na época eu estava de licença maternidade, então eu pude, eu fiz mais uma forma teórica de fazer esse processo e entender de que forma, como supervisora pedagógico, como atuantes na educação escolar indígena Xakriaba, pudesse também trazer esse conhecimento e ampliar né, ele de uma forma de trazer um documento né, para que pudesse ser de consulta e também de experiência pra outras pessoas, como foi né, de outros pesquisadores, outros alunos fizeram né, junto tendo como referência esse essas experiências e também um processo, um projeto de pesquisa percurso que eu fiz.

Data que foi enviada a entrevista via documento pelo WhatsApp - 22/11/23 / Data que recebi a entrevista via áudio pelo WhatsApp - 11/01/24

Entrevista 2

ENTREVISTA COM EDGAR KANAYKÔ



Edgar Kanaykõ Xakriabá, pertence ao povo indígena Xakriabá Estado de Minas Gerais e reside na Aldeia Barreiro Preto. Tem graduação do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas FIEI/FAE/UFMG, é mestre em Antropologia pela UFMG. Tem atuação livre na área de Etnofotografia: “um meio de registrar aspecto da cultura - a vida de um povo”. Nas lentes dele, a fotografia torna-se uma nova “ferramenta” de luta, possibilitando ao “outro” ver com outro olhar aquilo que um povo indígena é.

1. Conte como você chegou ao curso FIEI.

Logo que me formei no ensino médio na Escola Estadual Indígena Xukurank, surgiu a oportunidade de fazer o vestibular específico no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, na área de Ciências Sociais em 2009. Consegue passar no vestibular e fazer parte desta primeira turma de formação de educadores Indígenas no novo programa REUNI.

2. Conte quais foram seus desafios e como você enfrentou?

Houve vários desafios, a começar pelo fato de o curso ser novo na UFMG, sendo assim muitas coisas ainda estavam sendo estruturadas: bolsas, moradia, alimentação, documentação, etc... ou seja, foi um desafio muito grande os primeiros meses para estruturar e as turmas ir pegando o ritmo do curso. Além do mais, o curso tem um formato diferenciado, é Inter-modular, ou seja, passávamos um mês estudando na Faculdade de Educação/UFMG, e depois voltávamos para a Aldeia onde ocorria as etapas Inter-modular, aonde era os professores que iam até o território.

3. Como que o curso FIEI, contribuiu para a sua trajetória de vida e em sua carreira profissional?

Costumo dizer que o FIEI não é curso pronto, onde as pessoas chegam para aprender determinados assuntos e aplicar em algum momento. Mas o FIEI é sobretudo uma construção coletiva. A cada módulo, etapa é um desafio novo, seja em relação ao ensino aprendizado ou a novas turmas que chega, vinda de outros povos de regiões diversas do país. O FIEI foi

fundamental na minha trajetória, pois o curso é sobretudo uma proposta de desconstrução de uma Universidade que historicamente foi pensada com modelo ocidentais. Sendo assim, a presença Indígena em um curso voltado para Indígenas e pensando epistemologias Indígenas, isso faz com que a Universidade rompe um pouco suas estruturas e aos poucos vamos Indigenizando esses “territórios”.

4. Qual a importância do curso para você? E qual contribuição tem dado para o seu povo?

Eu digo que tive o privilégio de sempre ter estudados na escola Indígena, ou melhor, o direito – já que muitos lutaram por esta conquista, caciques, lideranças e comunidade – de se ter uma escola e uma educação Indígena diferenciada. E a minha primeira entrada na faculdade não foi diferente. O curso teve uma importância muito grande, pois é um modelo no qual pode ser expandida para outras universidades e setores diversos. O FIEI tem uma relação direta entre o curso, alunos, professores e comunidade. A começar pela sua estrutura e diretoria acadêmica onde é essencial a presença dos próprios alunos e lideranças Indígenas de diversos povos que compõe seu colegiado e busca resoluções de melhoria para o curso.

E para o povo, pode-se dizer que contribui diretamente. Por exemplo, geralmente cada percurso acadêmico (TCC) o seu tema está relacionado diretamente com um modo de vida ou uma ação a ser desenvolvida dentro do território. Então são temas e questões abordadas que pode servir de embasamento para uma ação prática e coletiva, pensando o fortalecimento social, ambiental e cultural do povo.

5. Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma?

O meu trabalho de percurso acadêmico levantei o tema: “Histórias e modos de caçar – uma forma de compreender a cosmologia Xakriabá”. Este tema para mim foi importante pois abriu um diálogo com alguns mais velhos, pajé e pessoa jovens que ainda mantém a prática de caçar. Isso pode evidenciar que, o ato de caçar não é simplesmente um ainda para o mato a procura de um animal para se abater e alimentar. É antes de tudo uma relação que se tem com o caçador, a caça e seus “donos”, os encantos que cuidam desses animais e das matas. Ou seja, isso reflete de como os Xakriabá pensam e se relacionam com o território e o mundo em que vivem. Aonde apesar de muitas mudanças e desafios históricos as relações entre o mundo visível e invisível é passado de geração em geração e a partir dessas práticas.

Data que foi enviada a entrevista via documento pelo WhatsApp - 23/11/23/ Data que recebi a entrevista via documento pelo WhatsApp - 05/01/24

Entrevista 3

ENTREVISTA COM JAIR CAVALCANTE



Jair Cavalcante Barbosa, reside na Aldeia Brejo Fome -Território Indígena Xakriabá no município de São João das Missões, é casado e tem dois filhos e tem a formação no curso do magistério indígena é graduado no curso FIEI na habilitação da Matemática e é o atual Prefeito da Cidade de São João das Missões/MG.

1. Conte como você chegou ao curso FIEI.

Eu sou Jair Cavalcante Barbosa né, fui aluno do FIEI e a gente passou por vários momentos o primeiro foi o curso de formação né pra professores, mas voltado para pela Secretaria de educação foi o curso do magistério pra lidar, pra trabalhar com crianças né, que foi o primeiro curso que a gente fez, o segundo curso foi o FIEI, é pra gente chegar no FIEI foi todo um processo, então, a primeira turma e a segunda turma, o processo foi um pouco diferenciado do que acontece agora porque antes os cursos ele era aberto pra qualquer um concorrer, então poderia o indígena concorrer e o não indígena desde que tivesse o conhecimento né da cultura indígena, igual como na época que eu fiz, uma menina que ela teve recente com os Maxakali, ela teve um contato com Maxakali ela conseguiu passar em primeiro lugar no curso e ela não era indígena mas conseguiu passar porque ela tinha um pouco do conhecimento da convivência do povo Maxakali, e aí eu acabei ficando em segundo lugar, só que depois ela desistiu do curso e eu acabei ficando sendo como primeiro né, então assim resumindo no início o curso era aberto né, todo mundo poderia participar, dá terceira turma pra cá aí já fez restrito aí exigiu que tivesse uma declaração reconhecimento da comunidade, da liderança pra que a pessoa pudesse participar então toda essa discussão ela foi feita até mesmo dentro do próprio colegiado né porque não seria viável deixar em aberto para que todos participassem tá a partir do segundo curso pra cá já teve o a discussão junto ao colegiado, junto as comunidades que quem poderia fazer o curso teria de ser indígena isso teria que ter uma declaração cm o apoio consentimento tanta liderança, do cacique, do próprio colegiado que era feita uma reunião do colegiado pra avaliar né, e dá o parecer se aquela pessoa poderia participar do curso ou não é mais os dois primeiros cursos, o primeiro e o segundo não teve essa esse olhar não, era um curso aberto, era 35 vagas, e aí todo mundo participava indígena ou não indígena participava, isso nos dois primeiros cursos, já do terceiro pra cá, aí já restringiu só pra o indígena.

2. Conte quais foram seus desafios e como você enfrentou?

Os desafios nossos, ele foi muito grande, porque? Por que, nós foi as duas primeiras turmas que entramos então assim a gente foi como se fosse um o início ali a base de toda essa estrutura do curso do FIEI, então o primeiro foi a turma de Ciências Sociais e Humanidades, se não me falha a memória né, que foi a turma, onde é que Edgar, Fernanda né, teve uma turma, eu sei que, eu não me lembro e nem recordo o nome de todos, mas foi a primeira

turma, então essa turma começou com dificuldade quando nós chegamos que foi no ano seguinte estava com 2º módulos que tinha feito, ai no terceiro, nós já chegamos, nós já encontramos eles também já com essa dificuldade, então a maior dificuldade nossa foi de conseguir achar um espaço em Belo Horizonte que conseguisse acolher nós porque lá além da dificuldade de espaço, a gente recebia uma bolsa naquela época na bolsa de 400 reais né, e essa bolsa é diante do dá dificuldade do aumento das coisas em Belo Horizonte era impossível a gente conseguir manter as nossas despesas com essa bolsa em Belo Horizonte, então teve momento que a gente teve que buscar ajuda de algum professor que a gente já conhecia lá em Belo Horizonte pra poder nos ajudar a buscar alternativas, então quando foi a primeira turma eles estiveram no bairro inclusive chamado Barreiro, ficava muito longe da UFMG, a gente pegava dois, três ônibus pra chegar na UFMG, ou seja, a gente tinha que sair 04:00 (quatro), 05:00 (cinco) horas da manhã, lá do alojamento pra poder chegar cá na UFMG 08:00 (oito) horas da manhã e passava por três lotação, gente tinha que pegar três ônibus, então você imagina com uma bolsa de 400 reais, pagar hotel, paga alimentação e ainda pagar passagem todos os dias 3 de vinda e 3 ida, então era impossível e aí como eu sempre gosto de poder ajudar a fazer parte da organização dessa estrutura, ao chegar lá o primeiro modulo, a gente, eu tinha uma conhecida lá, ela chamava até Adriana, é Adriana foi professora da gente do magistério e aí eu procurei ela pra que ela pudesse nos ajudar aí ela tinha uma casa lá muito grande né uma casa dela mesmo ela não se propôs a ajudar falou ó os meninos é seguinte eu tenho a casa que arrumo espaço ne, oces pode ficar aqui comigo não tem problema nenhum aí ela cobrou da gente praticamente só o alimento né e as despesa mesmo da casa, então partir daí, é tanto que a gente tem uma consideração muito grande por ela né, ela chama Adriana ela mora no Bairro Aparecida lá em Belo Horizonte e ela nos ajudou bastante né então a gente ficou todo mundo lá junto nessa casa lá e ela né foi que nos deu esse suporte até que futuramente surgiu a bolsa é que seria de 900 reais né, a bolsa estudantil e essa bolsa era previsto a gente receber é 3 bolsas cada estudante, ia receber 3 bolsas a cada modulo e aí a gente como membro do colegiado a gente reuniu, fizemos várias assembleias e foi onde é que a gente buscou né junto ao colegiado uma discussão pra que essa bolsa ela fosse permanente que não fosse uma bolsa só de três meses que não daria pra gente pagar despesa aí nós reunimos, fizemos várias assembleia e corremos atrás graças a Deus deu certo então hoje existe a bolsa permanente é né pelo uma luta do colegiado naquela época pelo uma luta nossa né nos reunimos em várias assembleia discutindo com a UFMG junto com o pessoal lá que fazia parte da diretoria e aí nós conseguimos essa Conquista né que hoje todos que estão lá fazendo o curso tem direito nessa bolsa que a bolsa permanente que era 900 reais eu não sei se teve aumento se continuo os 900, mas foi uma grande conquista né nossa lá da primeira e segunda turma é junto com o colegiado.

3. Você por ser o prefeito, e por já ter feito parte do curso FIEI e conhecer as dificuldades e demanda, como é que você poderia contribuir para a permanência dos estudantes Xakriabá no curso atualmente?

Correto, essa dificuldade a gente sempre teve desde as primeiras turmas, é nos que pagava transporte, o hotel toda, então assim praticamente eu me lembro que no primeiro modulo, a gente teve um ônibus da UFMG, a UFMG disponibilizou um ônibus né porque até então a gente não tinha bolsa aí veio o ônibus da UFMG e que transportou a gente pra faculdade, isso me parece não me falha a memória foi um ou dois modulo, que a gente teve esse apoio na questão da logística daqui pra lá, só que depois a partir do momento que a gente conseguiu receber a bolsa que inicialmente foi a bolsa de 400 reais, todas essas despesas ficaram por conta nossa então assim nós não tivemos a parceria de nenhum órgão, de quando eu comecei a

estudar lá, até encerramos o curso, nós não tivemos a parceria de nenhum órgão a não ser essas duas viagens que a UFMG mandou ônibus pra poder nos levar, então assim a, a, nós estudante era que reunia entre nós e nós frequentava nós fretava o ônibus, nos fretava, então todas as vezes que a gente ia pra UFMG, era um ônibus fretado, então a gente fretava uma empresa pra poder conduzir nós até Belo Horizonte e quando era pra buscar da mesma forma, então é essa despesa ela era toda custeada do nosso bolso na época nós buscamos inclusive ajuda no município, onde é que a gente está hoje, aqui hoje como representante, e a gente sempre teve dificuldade né nessas questões de recurso né porque os recursos tanto municipal e quantos recursos federais eles já vem praticamente amarrados né então assim às vezes tem algumas demandas que você não consegue atendente né se não tiver um aparato nas Leis, então assim a gente nunca teve o suporte né, é nem por parte da, porque antes, é voltando um pouquinho atrás quando era o curso de magistério a Funai ela, ela dava os ônibus pra ela dava ônibus, dava alojamento, dava alimentação, isso no curso de magistério, quando a gente veio pra UFMG no início a gente teve esse apoio pela UFMG, mais a Funai deixou de lado, ou seja, nós não tivemos parceria nenhuma com a Funai, a Funai não tem nos ajudado em nada, em relação a essa questão de transporte, ou moradia, ou alimentação, não tem nada, e eu vejo assim por ser comunidades indígenas né, por ser órgãos Federais e Estadual, eu vejo que a Secretaria de Estado ela poderia nos ajudar em relação a isso ou disponibilizando recurso, apoio na questão de, de, de transporte ou de, de, de local pra os alunos ficar, assim como também a Funai poderia ne, então assim a gente viu que a partir desse momento que a UFMG abriu as portas, alguns órgãos igual Funai, Secretaria de Estado ela abriu mão de dar o suporte aos estudantes indígenas que eu vejo por esse tratar de comunidades indígenas né, de professores indígena, a Funai e o Estado ele tinha por obrigação e tem por obrigação de poder ajudar assim como o município também tem que buscar meios, mecanismo, para que possa também ajudar, o ano passado vieram o pessoal aqui os representantes me procuraram e eu falei ó neste momento eu não tenho meio legal, não tenho um meio legal de poder ajudar o que eu posso ajudar é buscar empresa onde é que você está negociando pra poder ver uma forma de poder dar um desconto pra vocês lá nas passagens de ida, no valor, né, eu posso ajuda do meu bolso, eu posso dar uma contrapartida, posso, né, ser parceiro, o que eu quero é ser parceiro e poder ajudar mais pra mim conseguir via município não tinha e nem tenho meio legal neste momento, então foi o que eu dei bem claro pra eles, então assim os recursos municipal eles têm uma amarração igual por exemplo pode até fugir um pouquinho do assunto nós temos alunos hoje aqui do município que faz curso em Januária, só que por ser né cursos pós Ensino Médio, a Lei ela, ela, ela às vezes ela impede da gente tá o suporte, porque a Lei Federal, ele disse que os cursos, né, pra os Anos Iniciais, Finais e Ensino Médio que é obrigação do Estado e do Município, a partir daí que seria uma graduação, pós graduação neles entende que já é um curso específico né do cidadão, então nesse caso a Lei, ela já, já afugenta um pouco dessas obrigações, que eu acho que por se tratar de uma comunidade indígena o compromisso tem que ser o mesmo desde lá dos Anos Iniciais até chegar no curso superior.

4. Qual a importância do curso para você? E qual contribuição tem dado para o seu povo?

É o curso, ele é um curso de preparação pra professor, até que quando eu entrei no curso a primeira vez, eu tinha aquela minha preocupação, nossa, eu vou encontrar dificuldade, porque lá a matemática vai ser mais aprofundada né, a Ciência, ela vai ser diferenciada, só que não, o curso, ele é uma preparação né, de você, pra lidar com o dia a dia principalmente na sala de aula então o curso de formação de professores ele me que ajudou em vários aspectos, um, a primeira de aumentar ainda o meu estímulo de ser professor, porque era um dos meus sonhos

e continua né, que a minha formação é esse professor então, o curso de magistério ele nos traz essa qualificação ele nos traz essa preparação ne, de poder contribuir com a sala de aula durante o meu trabalho como professor eu consegui também fazer algo que beneficiassem a comunidade de que forma, o que eu quer dizer com isso, porque às vezes a nossa escola ela vivia um pouco distanciado um pouco da comunidade, o que, que a gente fez a gente começou a trazer a comunidade para dentro da escola a gente chamou a comunidade pra responsabilidade, então a escola no qual onde eu trabalhei foi escola da aldeia Brejo Mata Fome né quando a gente saiu de lá é assim muitas pessoas ficaram sentido né a gente também carrega aquele sentimento no coração porque ele a gente construiu grandes laços, não só laço de trabalho, mais laço familiar laço de amizade, então isso foi muito importante pra gente através do curso de magistério a gente conseguiu, conseguiu contribuir com várias formações dentro da reserva a gente é estimulou várias pessoas a fazer parte também desse curso de formação ne, então eu acho que a gente conseguiu contribuir né, bastante para desenvolvimento inclusive da educação escolar indígena dentro da reserva que a escola ela conseguiu avançar então hoje eu tenho orgulho de dizer que teve muitos alunos que estudou comigo desde a da quinta série, começou lá na quinta série foi até a oitava série e logo após veio o ensino médio que já arrumou a parte mas que faz parte da formação e que esses alunos muitos hoje já são enfermeiro né, outros são professores né ou já tem pessoas que estão formando hoje às vezes até pra ser advogado, então assim isso pra gente é motivo de muito orgulho, porque a gente contribuiu né, pra que eles pudesse né, é chegar a aonde eles almejavam, então chegando, então eu acho que a nossa parte como cidadão como profissional como professor eu acho que foi muito importante na formação né desses alunos ne, dentro da comunidade indígena.

5. Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma?

O meu tema de pesquisa o meu TCC dentro da UFMG foi voltado pra, pra as comidas típicas cultural da comunidade xaciabá então assim o meu TCC foi voltado pra produção do doce da raiz do umbu ne, muitas pessoas às vezes nem tiveram oportunidade de conhecer e às vezes muitos nem conhecem aí, então assim eu quis mostrar tanto para a comunidade e quanto pra a nossa, pra UFMG que a nossa cultura, o nosso costume ne, ele ainda é presente na nossa comunidade, então hoje a raiz umbu ele serve tanto pra fazer o doce e também pra fazer a farinha talvez nós jovem, nós não tivemos oportunidade talvez assim até mesmo por não passar por grande necessidade de comer a farinha da raiz do umbu ou comer o doce da raiz do umbu, então assim é eu, eu, eu, eu penso que nós como indígena e principalmente a Juventude ela tem que trabalhar um pouco nessa questão do resgate da alimentação tradicional, porque eu alimento tradicional não trata só também de garantia da cultura do direito, mas também trata de algo saudável e que nós tenha o conhecimento total daquilo que nós estamos comendo, então às vezes você compra, você vai no comércio e compra um doce industrializado que você não sabe nem da onde é que veio, ali tem um monte de produtos químicos, um monte de coisa que danifica até a nossa saúde, então a raiz do umbu, eu escolhi fazer a minha pesquisa voltado pra, pro doce caseiro da raiz do umbu, com esse intuito de também resgatar né, um pouco essa cultura do doce tradicional nosso, onde é que se faz o doce da raiz umbu, mas também você pode fazer o doce dessa cabeça de frado, né que a gente fala muito, esses dias mesmo eu comi bastante doce de cabeça que frado, é muito gostoso e é coisas que é natural e tradicional nosso e que a gente pode fazer isso então o tema de pesquisa foi voltar nessa linha também pra mostrar como é que o nosso antepassado vivia antigamente ne, e às vezes o doce da raiz do umbu, é a farinha da raiz do umbu, não era uma questão talvez de ai eu vou comer por esporte, pra experimentar se é bom, era uma necessidade, era uma necessidade, então as vezes você era obrigado a fazer a farinha da raiz do umbu e comer,

por que você não tinha outro alimento, eu presenciei isso ne, teve um momento dentro da reserva que a gente passava necessidade, ou seja, tinha que sair pro mato caçando, uma cabeça né, aqueles cara, eu não sei se oces tiveram oportunidade aí te conhecer, mas a gente ia pros matos, quando era na época iniciava a chuva aí os cara começava brotar a gente saía com as cavadeira pra poder bancar a cabeça do cara, cozinhar e comer com sal, e era gostoso e é gostoso e naquele momento era uma necessidade não era porque há nós vamos comer o cara é por esporte é porque eu quero, não era uma necessidade e foi através disso que nós conseguimos né está aqui presente hoje passando por esses momentos de dificuldade e aprendizado na nossa vida, então é isso, então eu espero que, que é vocês que estão lá no curso né, que busca esse aprendizado, busca em fazer os seus projetos de pesquisa também pensado e voltado pra a comunidade, porque ali é uma forma também de resgatar muitas coisas que tão adormecida ne, porque às vezes a gente procura pesquisar coisas que às vezes não faz tanto sentido dentro da nossa comunidade, e ao pesquisar você vai tá construindo uma história, você vai tá fazendo um relato da importância daquilo que foi é pra nossa comunidade, então vejo que é importante a gente ter esse pensamento voltado pra algo dentro da nossa comunidade.

Pois é, então é isso, eu acredito que ne, nas minhas falas, eu tenha contribuído um pouco e resumindo de forma geral a nossa história de formação na UFMG ela não foi fácil principalmente a primeira e a segunda turma, enfrentamos muitas dificuldades né, chegou a ponto de nós se pensar até de ir pra debaixo das pontes, porque nós não tinha dinheiro né, nós não tinha onde ficar, então assim graças a Deus, e eu agradeço muito a Deus e essa pessoa Adriana né, foi onde é que abriu as portas da casa dela pra gente né, onde é que nós é somos muito gratos, porque se não fosse ela a gente tinha não sabe nem o que, que seria de nós né, e a partir dali eu acho que é o momento também de fazer com que a gente se tornasse mais fortalecido né o grupo é a luta pra que a gente buscasse junto a alternativa e foi isso que nós fizemos então nós passamos por muitos momentos de dificuldade tivemos no hotel lá em Belo Horizonte chamado L' espace, eu não sei se vocês continua nele até hoje né, a gente conseguiu abrir as portas lá nesse hotel é tanto que as reuniões nossa pra defender essa bolsa permanência foi lá eu não sei deve ter um salão lá ainda até hoje me parece que é no é no terceiro andar, onde é que nós reunia, montando documentos né, e brigamos mesmo, assim a gente chegava no colegiado brigava, nós precisava nós precisa dessa bolsa, porque não dá pra gente manter só com os 400 reais que a gente recebia, e aí graças a Deus a briga né a nossa fala foi ouvida e mesmo que a gente não teve a oportunidade que nós já tava encerrando o curso já né, e aí mais o benefício ficou lá pra vocês que chega depois né, o pessoal da ciência sociais eu acho que eles não tiver a oportunidade de receber nenhuma bolsa de 900 né, eles receberam anterior de 400 e nos recebendo, acho que nós recebemos uns 3 anos a bolsa de 400, aí no último ano nós conseguimos a conquistar essa bolsa permanente, foi na época que já tava formando, mas aí veio as outras turmas né, que deu prosseguimento, mas não foi fácil, não foi fácil e eu acredito que não tá sendo fácil pra vocês lá, porque as despesas elas são grandes né, a preocupação ela é muito maior, porque a cidade de Belo Horizonte por ser uma cidade grande, há uma preocupação também na segurança de vocês pra deslocar do hotel até chegar na UFMG né, a comida é, de lá da UFMG a gente teve dificuldades, eu tô falando aqui é uma realidade que a gente vivenciou é tanto que o bandejão, onde é que a gente comia ele ficava quase 1 km da FaE e ficava lá em cima no alto, aí já perto de nós sair, eles construiram um bandejão abaixo da FaE um pouquinho, acho que se der uns 200 metros, eu acho que vocês almoça lá nesse outro, então só pra vocês entender como é que nos sofria antes, então nós caminhava pro almoço, nós saia da FaE ali meio-dia, 11:00 horas pro almoço, só dava tempo nós ir lá almoçar e na hora de voltar o professor já tava na sala de aula esperando, então você comia praticamente andando né, pra ir embora igual por exemplo nós conseguimos esse e essa pousada vai pousada lá na Adriana nós ia a pé e vinha a pé, era uma caminhada em

torno de uns 3 a uns 4 km, todos os dia nos ia de pé voltava a pé, por que nós tinha que escolher ou nós pagava pousada e alimentação ou nos ficava na rua, porque se nós fosse pagar transporte nós não conseguia pagar a pousada ne, ou pagar pousada nós não conseguia pagar o transporte, então era a perna mesmo todos dias de manhã cedo era aquela renca de gente na beira do asfalto ali o indo pra UFMG, à tarde a mesma coisa, mas graças a Deus a gente venceu, foi uma luta passando por dificuldade mais isso nos ensinou bastante né, e a gente sabe que nada nessa vida é fácil né, se a gente quer conquistar alguma coisa na vida, a gente tem que lutar, a gente tem que suar, porque nada vem de mão beijada não adianta a gente falar eu quero isso sem ter dificuldade, tudo vai ter dificuldade e aquilo que a gente tem dificuldade a gente aprende a dar valor né, porque se as coisas vem fácil às vezes não dá valor pela aquilo, mais se você rala pra chegar ali você pode ter na certeza que cê vai dar valor pela aquela conquista ta, então eu estou aqui na gestão é o que eu puder contribuir né, eu estou junto pra contribuir o que tiver dentro das condições do município, eu estou pronto pra contribuir pra poder ajudar, porque eu sei que a vida lá não é fácil, eu sei que lá é difícil, mas Deus está no controle de tudo.

Data que foi realizada a entrevista: 16/01/24

Entrevista 4

ENTREVISTA COM MIRANDA FERNANDES



Miranda Fernandes de Oliveira, Indígena Xakriabá, residi na Aldeia Barreiro Preto, município de São João das Missões Minas Gerais, formada em Técnico em Saúde Bucal, graduada em Pedagogia e também graduada em Ciências da Vida e da Natureza pelo FIEI/UFMG, Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica Institucional e Inclusão Social.

- 1. Conte como você chegou ao curso FIEI.**
- 2. Conte quais foram seus desafios e como você enfrentou?**
- 3. Destaque os pontos positivos e negativos vivenciados ao longo do curso?**
- 4. Qual a importância do curso para você? E qual contribuição tem dado para o seu povo?**
- 5. Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma?**

Entrei no curso FIEI em 2011 pelo vestibular específico para indígena no curso de Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas pela UFMG. Foram muito os desafios, sendo o primeiro, o deslocamento da aldeia para a cidade grande, deixando para trás meu filho de 11 meses de idade. A adaptação na cidade grande longe dos familiares também foi muito difícil. Outro desafio foi combinar o trabalho com estudo, sendo que o estudo exigir um mês fora do trabalho, não só o trabalho, como também as ações comunitárias com as quais eu participava. Quando se trata dos pontos negativos lembro da perda de tempo longe da família, por que querendo ou não, temos uma dependência familiar e nesse tempo que passamos longe dos nossos perdemos muitas comemorações juntos, muitas pessoas que deixamos para trás não encontramos mais. Com tudo isso é muito gratificante olhar para trás e saber que todo esse tempo longe dos meus, foi por uma boa causa, muito conhecimento adquirido pelo curso, pelos professores, e colegas da faculdade. Foram muitas as experiências boas adquiridas nesse curso, muito aprendizado que me ajuda a ajudar o meu povo, como por exemplo esta entrevista, na qual posso contribuir no aprendizado de outros.

Além das bancas de defesa nas quais eu participei e continua a disposição para ajudar os próximos que pelo FIEI passar.

O curso FIEI foi e ainda é importante para nosso povo, pois, além de ensinar o científico ainda tem as pesquisas que fazemos com os nossos mais velhos, onde aprendemos mais sobre a nossa cultura e nossa tradição.

No meu percurso acadêmico pesquisei e aprendi um pouco sobre a história do meu povo, onde o tema pesquisado foi a “História Xakriabá contada a partir da História de Vida das Mulheres, o motivo de eu pesquisar esse tema foi pelo fato das mulheres trazer a preocupação com seu povo principalmente o lado defensor e protetor dentro da realidade indígena.

Data que foi enviada a entrevista via documento pelo WhatsApp - 23/11/23 / Data que recebi a entrevista via documento pelo WhatsApp - 30/12/23

Entrevista 5

ENTREVISTA COM ELIANE PEREIRA DE ARAUJO NEVES



Eliane Pereira de Araújo Neves, nascida em 27 de julho de 1983, filha do senhor Silvio José de Araújo e dona Anair Araújo de Oliveira, mora na Aldeia Prata - Território Indígena Xakriabá no município de São João das Missões, é casada e mãe de dois filhos. É formada em Pedagogia pela Unimontes e também é formada no curso do FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), na habilitação Línguas, Arte e Literatura pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e atua como Diretora da Escola Estadual Indígena Oaytomorim na Aldeia Prata.

1. Conte como você chegou ao curso FIEI?

Conclui o Ensino Médio no final do ano de 2001 e no início de 2002 ingressei na área da Educação Escolar Indígena Xakriabá, como Auxiliar de Secretaria. Em 2006, quando iniciou a turma do PROLIND (1ª turma de graduação FIEI) eu já estava cursando Pedagogia, por isso optei por não participar. Em 2009 conclui a minha primeira graduação, mas não atuei na área. Em 2013 participei como Orientadora de Estudos do Programa Saberes Indígenas na Escola. Depois, com o passar dos anos, atuando/participando sempre das discussões acerca da organização e funcionamento da Educação Escolar Indígena dentro e fora do território, percebi que precisava de uma formação superior específica para indígena, então resolvi me inscrever no vestibular do FIEI na área da LAL, por ser uma área que tenho afinidade e fui aprovada, concluindo o curso em 2020.

2. Conte quais foram seus desafios e como você enfrentou?

Foram muitos, mas vou citar alguns aqui, que estou lembrando agora...

O primeiro desafio foi a questão de ficar fora de casa e longe da família por um longo período;

Segundo desafio foi conciliar o trabalho com os estudos, pois já estava na direção da escola;

Terceiro desafio, adaptar com a rotina da cidade, em hotel, mudança de clima, alimentação.

Quarto desafio conviver com outras pessoas, no hotel, na faculdade, tanto indígena como não indígenas de diferentes gêneros.

Quinto desafio, foi quando a turma de estudantes Xakriabá me indicaram para ser representante no Colegiado do FIEI.

Sexto desafio, tive o meu segundo filho, e como ele amamentava, levei ele e a minha mãe pra Belo Horizonte.

Foi um período de grandes aprendizados e amadurecimento também. A superação/ e ou enfrentamento desses desafios acontece a partir do momento que a gente comprehende a importância de um curso intercultural e desse intercâmbio/troca de saberes que ocorre no FIEI, pois é um curso no qual a gente mantém o vínculo com o território. E tem a esperança de dar um bom retorno ao povo/comunidade.

3. Quais foram as dificuldades enfrentadas durante o curso para você enquanto mãe/ mulher/ servidora pública e representante de seu povo?

Acredito que as dificuldades estão relacionadas aos desafios também pois, a partir do momento que a gente sai do território para estudar é preciso manter a parceria da família, da comunidade, dos colegas de trabalho, dos caciques, das lideranças e também da equipe do

FIEI, pois é um período intenso, onde pode acontecer várias coisas e a gente precisa se manter firme pra não desistir.

4. Em relação a pandemia do Covid 19, como que foi se adaptar ao ensino remoto?

Foi um momento em que a gente ficou muito apreensivo no início, mas com o passar dos dias fomos adaptando, até porque não tínhamos muitas escolhas, pois os cuidados eram constantes e mesmo assim o vírus chegou... e com o suporte das pessoas que entendia um pouco mais acerca das novas tecnologias, íamos resolvendo o que precisava de longe. No final deu tudo certo, até a nossa formatura foi virtual. E com esses aprendizados, até hoje a gente consegue resolver várias coisas de forma virtual, sem precisar se deslocar.

5. Quais foram suas expectativas ao ingressar no curso FIEI?

As expectativas foram muitas, tem toda uma trajetória, começam desde a escolha da área, realização da prova, classificação, ingresso, permanência, conclusão e retorno pessoal e profissional, além da intenção e esperança de continuidade na formação acadêmica que não se esgota apenas na graduação. Espero um dia chegar lá.

6. Qual a importância do curso para você? E qual contribuição tem dado para o seu povo?

Na minha opinião, o FIEI é um curso que todo educador indígena precisa passar, independente da área, nele é proporcionado um percurso que alinha nossa vida, fazendo uma ponte na qual refletimos e valorizamos sobre o significado do que seja “Um pé na Aldeia e um pé no Mundo”. ‘Como o nome já diz, é uma formação intercultural e nos direciona para enfrentar a luta pela garantia dos direitos dentro e fora do território.

7. Qual seu tema de pesquisa do Percurso? E fale um pouco sobre a mesma.

ESCOLA INDÍGENA OAYTOMORIM: RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO XAKRIABÁ E PRÁTICAS EDUCATIVAS INTERCULTURAIS

O trecho a seguir é o Resumo do Percurso acadêmico elaborado/apresentado em 2020, por mim e Maria Xavier, com a orientação da professora Shirley:

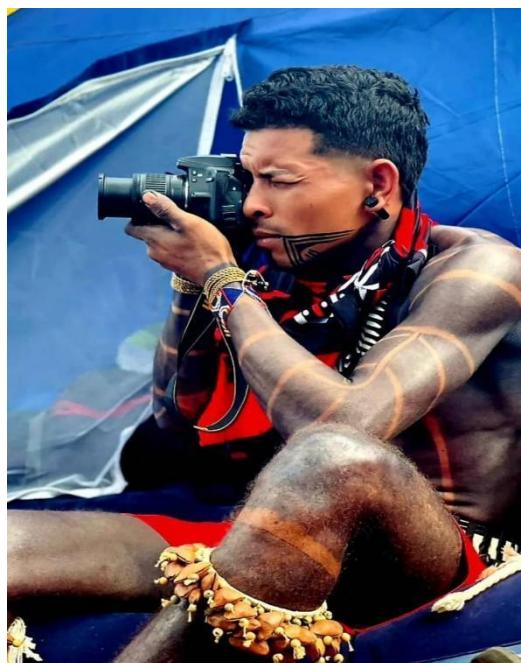
Este trabalho busca entender o papel da escola indígena e sua relação com o território, com o olhar voltado para a Escola Estadual Indígena Oaytomorim – Aldeia Prata – Xakriabá, em sua participação no processo da retomada das aldeias Vargem Grande e Caraíbas, uma vez que a escola estava envolvida nas ações incluídas como parte das práticas educativas territorializadas e interculturais, na perspectiva do Calendário Socionatural para romper com as imposições de um sistema de Estado colonizador. A necessidade de ampliação do território faz parte da educação indígena como processo de luta, que é a principal característica do povo. Para o desenvolvimento deste trabalho, recorremos aos autores indígenas e não indígenas; entrevistas, conversas informais; bem como registros de nossas experiências. Abordamos um pouco sobre o território Xakriabá; o processo de implantação de escolas indígenas e algumas práticas educativas que buscam uma educação escolar indígena específica, diferenciada, comunitária e intercultural. Concluímos que a escola indígena tem

papel importante no processo de lutas pelo direito ao território e na luta constante dos Xakriabá por direitos.

Data que foi enviada a entrevista via documento pelo WhatsApp - 03/10/23 / Data que recebi a entrevista via documento pelo WhatsApp - 23/10/23

Entrevista 6

ENTREVISTA COM EDVAN SRÊWAKMÔWE XAKRIABÁ



Edvan Sêwakmôwe Xakriabá, tem 26 anos, filho da liderança senhor José Fiúza da Silva e dona Durvalina Pereira Neves da Silva, mora na Aldeia Itapicuru (Wdêwairôwaktû) Território Indígena Xakriabá no município de São João das Missões no Norte de Minas Gerais é casado e tem uma filha de 4 anos de idade é formado no curso do FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), na habilitação Ciências Sociais e Humanidades e faz parte da Articulação Wanorî tô Wapte Xakriabá que atualmente está com a articulação em processo de registro, onde o mesmo é um dos membros como vice presidente/coordenador.

1. Conte como você chegou ao curso FIEI?

Desde muito cedo incentivado pelos meus pais, sempre fui muito focado nos estudos, sobretudo no fortalecimento cultural, costumes e crenças do meu povo. Esse incentivo por parte dos meus pais era meio que também um desejo/sonho para que eu fizesse o FIEI, visto que iria contribuir na minha formação pessoal e também como pessoa, possibilitando também vislumbrar um espaço que até então era desconhecido para mim. Fazer o curso FIEI não é somente sobre formação profissional, mas sobretudo formar pensamentos críticos, pensamentos que não se acomodam e que estão sempre em busca de compreender novas formas de conhecimento.

2. Conte quais foram seus desafios e como você enfrentou?

Cursar o FIEI para mim já era um desafio, não pelo nível de dificuldade, mas pelo fato de estar adentrando o espaço acadêmico, onde por muito tempo não tivemos oportunidade de ter acesso. Outro fator desafiador é o racismo institucional, onde a todo momento muitas pessoas questionam a nossa identidade, por não atendermos aos padrões de estereótipos criados pela sociedade envolvente, onde definem e propagam que todos os povos indígenas devem ter cabelo liso e viverem intocados em suas aldeias, não podendo estar na faculdade e em vários outros espaços.

3. Quais foram os acessos que obtiveram para a permanência no curso desde que iniciou o módulo no segundo semestre de 2017?

Uma das principais assistências que tivemos foi na questão financeira, onde recebíamos uma bolsa acadêmica no valor de 900 reais para custear os diversos gastos durante a trajetória acadêmica. Outro fator que muito contribuiu foi o apoio e parceria com os professores do curso, onde a todo momento nos amparavam e nos davam toda assistência possível.

4. Durante a pandemia do COVID-19, quais foram os acessos, em relação as tecnologias para adaptar ao ensino remoto, ou seja, teve algum recurso para a compra de alguns materiais tecnológicos? Tiveram dificuldades para a permanência no curso durante a pandemia?

Sim. Tivemos recursos assistenciais para compra de notebook e ajuda de custo para internet. No entanto o valor destinado a nós para compra do notebook foi inferior aos preços ao qual os equipamentos apresentavam na época. Não tivemos tanta dificuldade, mas tivemos que passar por um processo de adaptação ao sistema de ensino.

Assim que surgiu as ameaças da pandemia iniciamos o monitoramento da TI Xakriabá, com isso tivemos parceria dos professores da UFMG, nos auxiliando com fichas para que pudéssemos assim rastrear possíveis casos de COVID. Essas fichas eram repassadas para planilhas em computadores onde inseríamos os dados coletados e compartilhando virtualmente com os professores.

O monitoramento serviu como parte das tarefas as quais tínhamos que desenvolver no FIEI. Outras atividades fazímos online, principalmente aulas presenciais através do Google Meet e App Zoom, onde a gente interagia com colegas e professores, e podíamos também tirar nossas dúvidas.

5. A turma da CSH (Ciências Sociais e Humanidades – 2017/2021), foi a segunda turma a se formar durante a pandemia, ou seja, ensino remoto (online), quais foram os desafios vivenciados nesse momento de pandemia em relação às aulas online e apresentação dos percursos e a formatura, você poderia me descrever como foi esses desafios e dificuldades que vocês enfrentaram?

Falar sobre esses desafios perpassa muito pelo processo de adaptação ao qual tivemos que nos acostumar diante da pandemia do COVID-19. A dificuldade de acesso a internet de qualidade, as orientações para escrita do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) que eram todos remotos foram desafiadores, contudo, conseguimos superar esses obstáculos. A nossa apresentação de percurso foi algo fora da curva, onde teríamos que apresentar tudo aquilo que tínhamos

construído ao longo do curso. A nossa formatura foi algo emocionante por estarmos concluindo mais uma etapa dos nossos estudos e de certa forma dando um aperto no coração por não estarmos presentes pessoalmente com nossos colegas estudantes e professores. Entendo que naquele momento o desafio não era somente sobre permanecer na faculdade e concluir o curso, mas também conciliar com as ações de base no território para contenção da disseminação do vírus e proteger nosso povo. Essas sequências desafiadoras me despertou mais ainda a vontade de seguir firme.

6. Qual a importância do curso para você? E qual contribuição tem dado para o seu povo?

Posso falar com segurança que o FIEI tem o poder de nos preparar não somente para sermos professores, mas também para que possamos ajudar o nosso povo a interagir com o “diferente”, com essa relação entre o conhecimento científico e o tradicional. Possibilitando que fiquemos preparados para enfrentar novos desafios em outras áreas. Me identifico muito com uma frase proferida por Célia Xakriabá: “não é sobre calçar para conhecer novos mundos, mas sim ter humildade e saber descalçar para retornar e pisar no chão do território”. Essa humildade de saber descalçar se remete muito sobre trazer e apresentar para nosso povo o que conhecemos e aprendemos com a interculturalidade adquirida no curso.

7. Qual foi o tema de pesquisa do percurso? E fale um pouco sobre a mesma?

O tema abordado por mim foi: A Juventude Xakriabá: Tecendo a História nas Entrelinhas do Tempo e no Reativamento da Memória.

Optei por este tema pelo fato de ser algo que eu me identifico e acompanho desde muito cedo. Foi a forma que encontrei para conciliar os estudos da faculdade, com as ações de base no território ao qual eu já desenvolvia.

Data que foi enviada a entrevista via documento pelo WhatsApp - 23/01/24 / Data que recebi a entrevista via documento pelo WhatsApp - 25/01/24

Entrevista 7

ENTREVISTA COM SANDY GONÇALVES



Sandy Gonçalves Queiroz, tem 20 anos de idade, é filha de Marli Gonçalves de Araújo e Adilson Caetano de Queiroz. Residia na Aldeia Prata e mora na Aldeia Olhos d'água Reserva Indígena Xakriabá. Atualmente é estudante do curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígena) na habilitação da CSH (Ciência Sociais e Humanidades) na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) é representante de turma, representante geral do povo Xakriabá e faz parte do colegiado.

1. Conte como você chegou ao curso FIEI.

Desde muito nova sempre tinha em minha mente que queria um dia estar no curso FIEI. O curso que minha mãe estudou, fazendo parte de uma das primeiras turmas através dela e dos meus professores da escola indígena Oaytomorim, coloquei isso como meta de vida também pensando na importância desse curso para meu povo e para mim mesmo.

Ao longo dos meus estudos sempre ouvia falar do curso FIEI pelos meus professores, que sempre nos orientava a permanecer nos estudos para que futuramente pudéssemos estar em uma faculdade aprimorando nosso conhecimento e conhecendo coisas novas, no ano de 2020 foi meu último ano de estudo na escola indígena Oaytomorim onde estava com plano de aproveitar o máximo meu terceiro ano do ensino médio aproveitar e estudar bastante para que no ano seguinte pudesse fazer a prova para concorrer uma vaga no curso FIEI. Mas infelizmente fomos drasticamente afetados pela pandemia do covid-19, onde tivemos que nos afastar da escola por tempo indeterminado essa fase foi muito difícil para mim, acredito que para todos foi um momento de muitas dúvidas e incertezas. Os professores tiveram que adotar uma nova forma de ensino a qual não estávamos acostumados. Enfim o ano da minha formação, os estudos foram de forma remotas, apesar que dentro das aldeias em alguns momentos de encontro com os professores e também os colegas. Foi um ano de muita dificuldade, mas também de bastante aprendizado. Treinei bastante a questão da escrita e produção de texto pois sabia que devido à pandemia o seletivo da prova do curso FIEI iria ser por meio de um memorial. Logo após a minha formação no ano seguinte que foi 2021 fiquei

aguardando o edital sair para mim poder buscar ajuda para fazer os primeiros processos do seletivo que é a inscrição fiz todo o processo de inscrição e produção do memorial com a ajuda da minha madrinha Vanessa a qual tenho muita gratidão e admiração por todo o suporte que ela me deu. Para o processo de inscrição é preciso preencher vários documentos e um deles é pegar as assinaturas dos caciques e das lideranças e só depois que é homologadas as inscrições que sabemos se está tudo certo para fazer a prova ou não. Tive um pouco de dificuldade para escrever o meu memorial porque às vezes não sabia o que eu colocava ali e às vezes também teria que corrigir e retirar algumas coisas que não era necessário estar, mas todo esse processo foi importante, pois com as graças do pai tupã eu consegui ser aprovado fiquei muito feliz ao mesmo tempo sem acreditar, pois não estava com muita confiança que iria dar certo por ser a minha primeira vez concorrendo uma vaga no curso FIEI. A sensação de um sonho realizado é muito gratificante de saber também que não é uma conquista só minha e sim para meu povo Xakriabá. Após ser aprovada e realizar o processo de matrícula, já também realizamos nossas primeiras aulas remotas para conhecer a turma que foi no final do ano 2021. Enfim, a minha chegada no FIEI foi uma conquista muito importante em saber que estou em uma faculdade, onde minha mãe estudou, muito dos meus professores também e agora eu tendo essa grande oportunidade que foi conquistada através de lutas coletivas.

2. Conte quais foram seus desafios e como você enfrenta?

Ao longo do período que estamos no curso enfrentamos vários desafios e um dos grandes desafios foi entrar ao curso em tempo de pandemia e ainda sem a bolsa permanência. A universidade juntamente com a Fump buscara soluções precisas para que pudéssemos permanecer ao curso fazendo inclusão de auxílios para que os estudantes não desistissem do curso. E esses auxílios foi muito importante para todas as turmas pois foi um tempo que a grande maioria dos estudantes não possui a bolsa permanência devido aos cortes de bolsas pelo governo. Algumas dificuldades quando estamos fora de nosso território pois na cidade grande é tudo diferente a rotina é muito corrida e para a gente se adaptar é difícil às vezes a gente acaba adoecendo pelo fato das mudanças de rotinas, climas e outros motivos. Enfim, mas essas dificuldades são enfrentadas com muita força, pois é necessário sair de nossos territórios para buscar melhorias e conhecimentos para o nosso povo e através das forças dos nossos mais velhos, nossos familiares, nossos encantados, nossos rituais que nos mantém firme para dar continuidade na luta.

3. Qual foi sua perspectiva ao ingressar no curso FIEI, ao terminar o ensino médio, na pandemia do Covid 19 e já ser nomeada representante de turma e do colegiado?

Minha perspectiva foi as melhores possível, mas também muito preocupada pelo fato de que a entrada da minha turma foi em tempo da pandemia de COVID-19, mas que naquele momento estávamos estudando de forma online seguindo com nossos estudos, mesmo sabendo que o ensino remoto não era o ideal, mas era a única solução para que não ficássemos prejudicados enquanto ao curso. Entrar ao curso logo após terminar o ensino médio foi muito bom pois dá continuidade aos estudos com novas experiências de conhecimentos conhecer espaços diferentes é sempre importante. Sou uma das estudantes mais jovens do curso FIEI do povo Xakriabá, já entrei ao curso com uma missão a ser cumprida, ser a representante de turma, no começo fiquei meio assustada por ser indicada para cumprir esse dever e por saber que tinha pessoas da minha turma com mais experiência para aceitar a indicação de ser representante só

que ninguém não queria aceitar, foi onde eu aceitei ser a representante da nossa turma CSH, depois de pensar muito. Depois de alguns tempos o curso foi retomando aos poucos sua forma normal que é o presencial e em um intermódulo na aldeia Prata fui nomeado para ser uma das representantes de Geral do povo Xakriabá juntamente com Nemerson, fiquei muito surpresa pois não imaginava que eu iria ser nomeada para cumprir essa missão fiquei também com um pouco de medo porque sabia que a responsabilidade era e é muito grande, também é um trabalho que não é muito fácil pelo fato de estar lidando com várias pessoas. Mas nada disso me fez dizer que não queria, por mais que eu fale que é difícil, mas essa missão já era minha muito antes de eu entrar ao curso não teria como eu fugir, pois iria ser cobrada. É muito importante a gente ocupar esses lugares e ter voz ativa para representar o seu povo e ajudar sempre que for possível. Por ser representante e fazer parte do colegiado participo de várias pautas importantes para a melhoria do nosso curso e também para melhorar cada vez mais a organização do nosso grupo de estudante do nosso povo Xakriabá. O Papel do representante é muito importante, pois ajuda os professores organizar os módulos e intermódulos tornando-se mais fácil pois somos os intermediadores e passamos as informações para os estudantes e dos estudantes para os professores.

4. Quais são as dificuldades de ser uma representante do seu povo?

As dificuldades são constantes em nossas vidas, diante de todas as áreas que vivenciamos. Para mim uma das maiores dificuldades é lidar com as pessoas de pensamentos diferentes porque muitas pessoas não pensam em questão de coletividade não gosta de fazer as coisas em conjunto e nós representantes temos o trabalho de sempre estar frisando essa importância de estar sempre juntos, embora somos um povo que são Unidos, mas sempre tem aquelas pessoas que não são de acordo com alguns critérios que temos. Ao longo do curso vamos conversando com essas pessoas de modo que elas entendam que a partir do momento que entramos no curso precisamos manter esse laço de União que é uma das coisas que vai passando de turmas para turmas. Sempre temos reunião com o grupo para pontuar questão que são de bastante relevância como por exemplo a coletividade, uma palavra uma ação de extrema importância que sempre temos que carregar com a gente. O primeiro e mais importante benefício de pensar no coletivo é justamente a ajuda mútua que você pode obter a partir do grupo. Afinal, a cooperação é uma via de mão dupla, o que, certamente, é muito útil para todos os envolvidos. A troca acontece a todo momento. Temos várias dificuldades mais nada que o diálogo com o grupo resolve, por que sempre prezamos o diálogo para que possamos obter vários resultados bons e fazer uma passagem de boas memórias ao curso, para os que virão, conhecer o nosso legado.

Uma dificuldade muito grande não só para mim como representante mas que é de todos os estudantes é a questão da moradia/ hospedagem, todas as vezes que vamos para o módulo temos essa preocupação, essa angústia de onde vamos ficar, por que o local onde já ficamos que é o L' espace acontece muitas coisas desagradável que ficamos bastantes desconfortável, como por exemplo: não podemos fazer barulho, é faltando coisas nos quartos e reclamamos e não somos atendidos com rapidez, são disponibilizados para nós os piores quartos, alguns com problemas em chuveiros, vasos e pias. Muitas vezes acontece discriminação dos hóspedes que vem nos questionar se somos "índios" mesmo, já mandaram a gente parar com nossos rituais e isso são coisas que vai nos deixando desconfortável naquele lugar, mas ao mesmo tempo sabemos que é muito difícil achar outro lugar que atenda as nossas demandas em questão de quantidades de pessoas, em outras questões também como nossos costumes, os rituais e outros. Temos medo do desconhecido, da gente ir para outro local e ser pior, mas vamos lutar para conseguir a nossa própria moradia, que não sei se a gente vai ter a

oportunidade de conhecer a futura moradia, mas que lutamos para os outros que viram, não passar por essas situações como nós e como os outros estudantes também passaram por coisas até pior.

5. Qual é a importância do curso para você? E qual contribuição tem dado para o seu povo?

O curso FIEI para mim tem uma importância muito grande, um curso que atende nossas demandas enquanto indígenas, respeita nossas especificidades, culturas, costumes e tradições. É um curso onde muitas pessoas desejam estar por esses e muitos outros motivos. É um privilégio muito grande fazer parte dessa família pois somos abraçados e acolhidos da melhor forma pelos professores a todo tempo que estamos no curso, isso nos ajuda muito a manter firme ao curso para alcançar nossos objetivos que é formar e dar o retorno dessa formação para o nosso povo. Esse curso é uma das grandes conquistas dos povos indígenas durante o processo de luta pela educação, pois formam educadores capazes de pensar e criar instrumentos e processos próprios e adequados de conhecimentos e de transformação da realidade em nossas aldeias fortalecendo as práticas culturais, processos interativos entre as escolas indígenas as comunidades e a sociedade em geral. Dentro do curso temos muitos aprendizados importantes de outros povos indígenas e até mesmo sobre o nosso próprio povo e isso é muito importante. No curso fazemos novas amizades, relembramos os momentos marcantes como por exemplo a história de luta do nosso povo Xakriabá e de outros povos, aprendemos novas músicas indígenas, fortalecemos nossa cultura e isso para mim é essencial, pois além de estar buscando novas ferramentas de ensino também fortalecemos laços e principalmente nossa cultura que é um dos nossos maiores focos. A minha passagem ao curso está sendo de muita aprendizagem e importante para mim, acredito que através do curso tenho aprendido coisas que tem contribuído não só para mim, mas também para meu povo. Com desenvolvimento de alguns trabalhos tenho contribuído com a comunidade onde atualmente estou me residindo que é a aldeia olhos d'água. Fazendo o resgate de algumas práticas culturais levando para a escola a importância de trabalhar com jovens e crianças as questões de nossas culturas. Juntamente com meu esposo Guilherme que também é da turma CSH, estamos fazendo esse trabalho que está surtindo bons resultados. Uma das práticas que estamos no processo de resgate na escola é a questão das pinturas corporais, realizando as oficinas para incentivar os alunos a aprender produzir a tinta e até mesmo aprender a desenhar os grafismos. Essa contribuição está sendo muito importante, por que através do curso estamos conseguindo ajudar nossas escolas a melhorar em alguns aspectos.

Data que foi enviada a entrevista via documento pelo WhatsApp - 02/10/23 / Data que recebi a entrevista via documento pelo WhatsApp - 23/10/23

APÊNDICE 2 - TABELA COMO LEVANTAMENTO DOS ESTUDANTES XAKRIABÁ DO CURSO FIEI POR HABILITAÇÃO DESDE 2009 A 2023

CSH - CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES – 2009/2013		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	1	Dolores Santana
Brejo Mata Fome	2	Cléia, Donizete
Tenda/Rancharia	2	Ramone e Ana
Barreiro Preto	6	Célia Xakriabá, Edgar, Cida Fiúza, Adriana, Elisiâne e Lucimar
Riacho dos Buritis	2	Marinete e João da Conceição
Sumaré I	1	Fernanda
Total geral 14 estudantes Xakriabá		

MATEMÁTICA – 2010/2014		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	3	Elma, Vera e Santilia
Barreiro Preto	5	Sandra Fernandes, Eva, Jusnei, Ranilson e Vanessa Nunes
Brejo Mata Fome	3	Dario, Ivanete e Jair
Riacho dos Buritis	2	Silva e Laerson
Tenda/Rancharia	1	Júlio Cesar
Riacho do Brejo	1	Gilson
Morro Vermelho	1	Elizamar
Sumaré I	1	Rosilene
Sumaré II	2	Rosimeire e Rosangela
Sumaré III	2	Vanessa Seixa e José Carlos
Total geral 21 estudantes Xakriabá		

CVN - CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA – 2011/2015		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	2	Hilda e Aldemir
Tenda/Rancharia	6	Maria Laura, Maria das Graças, Elaine, Ana Claudia, Cleonice e Raquel
Imbaúba	1	Helena

Olhos d'água	1	Sandra
Brejo Mata Fome	1	Vagney
Sumaré I	2	Daiane e Aparecida Almeida
Sumaré II	1	Eusalia
Barreiro Preto	1	Miranda
Vargem	1	Luciana
Pedrinhas	1	Alzira
Morro Vermelho	1	Elisangela
Riachinho	1	Estelita
Riacho dos Buritis	1	Gildezio
Caatinguinha	1	Edvaldo
Total geral 21 estudantes Xakriabá		

LAL - LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA – 2012/2016		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Imbaúba	1	Regiane Costa
Itacarambuzinho	3	Eliana do Rosário, Anézia e Luzionira
Sumaré II	1	Eliane Araujo
Brejo Mata Fome	3	Claudinei Gomes, Jan Carlos e Eudes Seixas
Barreiro Preto	1	Valdinea Moreira
Total geral 9 estudantes Xakriabá		

CSH - CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES – 2013/2017		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	1	Marco
Tenda/Rancharia	7	Aparecido, Ariclenes, Naiara, Gesicar Aline, Janaina Ramos, Sheila e Olivia
Barra do Sumaré	2	Isamara e Romaria
Morro Falhado	2	Marcilene e Terezinha
Barreiro Preto	3	Genivaldo, Elisandra e Aline
Forges	3	Elizabeth, Celma e Antônio
Caatinguinha	1	Marli
Sumaré III	1	Elizete
Total geral 20 estudantes Xakriabá		

MATEMÁTICA – 2014/2018		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	1	Neuza Rodrigues
Sumaré II	1	Edilene
Imbaúba	1	Maiane Gonçalves
Dizemeiro	1	Pollayne Leite
Barreiro Preto	3	Manuel Antônio, Ednaldo e Edmar
Brejo Mata Fome	1	Werley
Vargem	1	Alípio
Forges	1	Abedias Pereira
Total geral 10 estudantes Xakriabá		

CVN - CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA – 2015/2019		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	2	Laura, Lindaúra
Brejo Mata Fome	1	Maria da Paixão
Riacho do Brejo	3	Marilza, Mailson e Genilson
Barreiro Preto	2	Laurizaura e Maria José
Sumaré I	4	Edneia, Marilene, Luciano e Erick
Sapé	2	Janaine e José Aparecido
Imbaúba	1	Beatriz
Total geral 15 estudantes Xakriabá		

LAL - LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA – 2016/2020		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	2	Eliane e Maria Xavier
Riachinho	1	Roseli
Brejo Mata Fome	4	Valderina, Valneci, Maemes e Zezuel
Itapicuru	1	Marlene
Barreiro Preto	2	Clebio e Izabel
Pindaiba	1	Liliane
Várzea Grande	1	Sandra
Tenda/Rancharia	1	Djonata
Santa Cruz	1	Daiane
Riacho do Brejo	3	Edna, Chayane e Célia
Total geral 17 estudantes Xakriabá		

CSH - CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES – 2017/2021		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	1	Mauricio
Sumaré I	1	Valdiney
Itapicuru	1	Edvan
Brejo Mata Fome	1	Ranikeri
Barreiro Preto	1	Viviane
Tenda/Rancharia	1	Macleisson
Total geral 6 estudantes Xakriabá		

MATEMÁTICA – 2018/2022		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	1	Valdirene
Brejo Mata Fome	3	Leia, Eliezer e Moisés
Sumaré I	5	Rosimeire, Solange, Ednaldo, Deusivan e Luana
Sumaré II	2	Silene Costa e Ana Claudia
Imbaúba	1	Daiane Gonçalves
São Domingos	1	Charles
Total geral 13 estudantes Xakriabá		

CVN - CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA – 2019/2023		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	2	Regina e Luciene
Imbaúba	4	Andreia, Leires, Cristiana e Rosilene
Tenda/Rancharia	1	Carlos Eduardo
Brejo Mata Fome	1	Nemerson Gonçalves
Sapé	1	Robismar Ferreira
Pindaíbas	1	Raquel Lopes
Olhos d'águaõ	1	Nayara Paula
Sumaré II	3	Celma, Fabiana e Ednalva
Itacarambuzinho	1	Jaqueleine Fiúza
Barreiro Preto	1	Ailton Nunes
Total geral 16 estudantes Xakriabá		

LAL - LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA – 2020/2024		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	3	Jocelma, Antônio e Vanessa
Imbaúba	4	Adeilza, Cleonice, Edvânia e Dalene
Sumaré I	1	Francimar
Sumaré II	1	Darlene Alkmim
Sapé	1	Euselia
Riacho do Brejo	1	Elenice
Brejo Mata Fome	1	Edilson
Barreiro Preto	1	Ivanir
Total geral 13 estudantes Xakriabá		

CSH - CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES – 2021/2025		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	3	Sandy, Maria Aparecida e Diego
Morro Vermelho	1	Marcel Nunes
Brejo Mata Fome	2	José Ailson e Vilma
Riachinho	1	Ivonete
Santa Cruz	1	Selma Silva
Sumaré I	5	Suemia, Mariele, Graciele, Donizete e Ednei
Sumaré II	1	Elizangela
Olhos d'água	1	Guilherme de Souza
Barreiro Preto	1	Dulce da Mota
Riacho do Brejo	1	Neiva Gomes
Vargem	1	Reide Bezerra
Itapicuru	1	Duciano
Tenda/Rancharia	1	Cristina Nunes
Total geral 20 estudantes Xakriabá		

MATEMÁTICA – 2022/2026		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	1	Claudineia Mota
Brejo Mata Fome	5	Joelma, Ivanete, Kesiane, Darlene e Rai
Sumaré I	3	Lucilene, Gesllaine e Adilson
Sumaré II	4	Elen, Hedenilson, Adriana

		e Erica
Caatinguinha	1	Valdirene Ferro
Imbaúba	2	Adriel e Rosileide
Barra do Sumaré	1	Kamily dos Santos
Morro Vermelho	1	Aziel Lopes
Várzea Grande	1	Roberto Fagundes
Total geral 19 estudantes Xakriabá		

CVN - CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA – 2023/2027		
ALDEIA	NUMERO DE ESTUDANTES	NOMES DOS ESTUDANTES
Prata	1	Ana Paula Rodrigues
Morro Vermelho	1	Adriana Lopo
Sumaré I	2	Maria Aparecida Araujo e Darlei Moreira
Sumaré II	1	Rafael Pinheiro
Barreiro Preto	2	Gean e Valdineia
Barra do Sumaré	1	Elaine Fernandes
Tenda/Rancharia	1	Reginaldo Gomes
Itapicuru	1	Carlismara da Silva
Riachão	1	Diana Ferreira
Riacho Comprido	1	Cleiton Lopo
Total geral 12 estudantes Xakriabá		

APÊNDICE 3 - ORGANIZAÇÃO E ANALISE DESES ESTUDANTES POR HABILITAÇÃO E POR SEXO (HOMENS E MULHERES)

CSH – Ciências Sociais e Humanidades

CSH 2009 a 2025	
HOMENS	MULHERES
19	41

REFLEXÃO GERAL: Minha observação geral é que nessa habilitação da CSH desses anos de 2009, 2013, 2017 e 2021 a quantidade de estudantes do sexo feminino é bem maior num total de 40 mulheres e quanto o sexo masculino é 19, uma soma geral de 59 estudantes que concluiu e que ainda está em processo de conclusão.

Matemática

MATEMÁTICA 2010 a 2026	
HOMENS	MULHERES
25	38

REFLEXÃO GERAL: Uma observação geral é que essa habilitação da Matemática dos anos de 2010, 2014, 2018 e 2022 há uma quantidade bem menor do sexo masculino, num total de 23 estudantes e sendo assim a maioria dos estudantes são do sexo feminino com 37 mulheres, e a soma geral é de 60 estudantes, na qual 42 já concluíram essa habilitação e 19 estão em processo de conclusão.

CVN – Ciências da Vida e da Natureza

CVN 2011 a 2027	
HOMENS	MULHERES
19	45

REFLEXÃO GERAL: Minha observação em relação a essas turmas e que ao analisar vejo que as mulheres sempre vem ganhando espaço em relação aos homens, pois durante os trajetos de curso no decorrer de cada quatro anos sempre tem mais mulheres no Fiei, além dessa observação vejo também que em nosso território as aldeias sempre aparece com números significativos de estudantes Xakriabá, além de notarmos diferentes aldeias como no caso do Riacho comprido que surgiu pela primeira vez no qual aparece com um estudante CVN -ano de 2023 a se formar em 2027, isso para nós é uma conquista pois cada vez vamos trazendo nossas aldeias para marcar território na grande UFMG.

LAL - Línguas Arte e Literatura

LAL 2012 a 2024	
HOMENS	MULHERES
9	30

REFLEXÃO GERAL: Ao fazer essa análise dessas turmas de 2012, 2016 e 2020, pude observar semelhanças diferentes, que no caso da turma de 2012 não houve nenhum estudante

egresso da aldeia Prata e foi uma das turmas com um número menor de estudantes Xakriabá em relação as turmas de 2016 e 2020 dessa habilitação de Línguas, Arte e Literatura, a mesma possui no geral uma quantidade de 39 estudantes Xakriabá, sendo 30 estudantes do sexo feminino e 9 do sexo masculino, incluindo todos os estudantes dessa habilitação tanto os que já concluíram, quanto aos que estão em promoção de conclusão.

CSH – Ciências Sociais e Humanidades / 2009 a 2013		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	-	1
Brejo Mata Fome	1	1
Tenda/Rancharia	-	2
Barreiro Preto	1	5
Riacho dos Buritis	1	1
Sumaré I	-	1
Total	3	11

REFLEXÃO: Ao terminar essa analise observei que a quantidade de estudantes do sexo feminino é bem maior com um total de 11 estudantes do sexo feminino e quanto o masculino é de 3 estudantes e pude observar que a aldeia com maior número de estudantes egresso foi o Barreiro Preto e o menor número foi a aldeia Prata e Sumaré I.

Matemática / 2010 a 2014		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	-	3
Barreiro Preto	2	3
Brejo Mata Fome	2	1
Riacho dos Buritis	1	1
Tenda/Rancharia	1	-
Riacho do Brejo	1	-
Morro Vermelho	-	1
Sumaré I	-	1
Sumaré II	-	2
Sumaré III	1	1
Total	8	13

REFLEXÃO: Nessa turma pude observar que num total de 21 estudantes Xakriabá 13 são do sexo feminino e 8 do sexo masculino e a aldeia com maior número de estudantes é o Barreiro Preto e as demais com o menor número de estudantes foram Tenda/Rancharia, Riacho do Brejo, Morro Vermelho e Sumaré I, II e III.

CVN – Ciências da Vida e da Natureza / 2011 a 2015		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES

Prata	1	1
Tenda/Rancharia	-	6
Imbaúba	-	1
Olhos d'água	-	1
Brejo Mata Fome	1	-
Sumaré I	-	2
Sumaré II	-	1
Barreiro Preto	-	1
Vargem	-	1
Pedrinhas	-	1
Morro Vermelho	-	1
Riachinho	-	1
Riacho dos Buritis	1	-
Caatinguinha	1	-
Total	4	17

REFLEXÃO: Observei que nessa turma tem um grande número de estudante e de aldeias diferentes, além disso vejo que nessa turma as mulheres estão liderando em relação a quantidade do sexo masculino, notei também que a aldeia Tenda Rancharia teve uma participação grande de mulheres e nenhum homem.

LAL – Línguas, Arte e Literatura / 2012 a 2016		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Imbaúba	-	1
Itacarambuzinho	-	3
Sumaré II	-	1
Brejo Mata Fome	3	-
Barreiro Preto	-	1
total	3	6

REFLEXÃO: Ao analisar e observar essa turma notei que a aldeia Prata não teve nenhum estudante e assim como as turmas já analisada, a quantidade de mulheres são bem maiores que em relação aos homens. Observei também que foram só cinco aldeias que teve estudantes aprovados, sendo duas aldeias com maiores números de estudantes.

CSH – Ciências Sociais e Humanidades / 2013 a 2017		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	1	-
Tenda/Rancharia	2	5
Barra do Sumaré	-	2
Morro Falhado	-	2
Barreiro Preto	1	2
Forjes	1	2
Caatinguinha	-	1

Sumaré II	-	1
Total	5	15

REFLEXÃO: Nessa turma assim como na turma anterior da CSH a presença feminina é bem maior do que a masculina e a aldeia com número de estudantes aprovados foi a Tenda/Rancharia e as menores foi Prata e Sumaré II.

Matemática – 2014 a 2018		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	-	1
Sumaré I	-	1
Imbaúba	-	1
Dizemeiro	-	1
Barreiro Preto	3	-
Brejo Mata Fome	1	-
Vargem	1	-
Forjes	1	-
Total	6	4

REFLEXÃO: Observei que nessa turma há um número maior do sexo masculino do que o sexo feminino e mais uma vez a aldeia Barreiro aparece com um número maior de estudante egresso e as demais tem um número menor.

CVN – Ciências da Vida e da Natureza / 2015 a 2019		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	-	2
Brejo Mata Fome	-	1
Riacho do Brejo	2	1
Barreiro Preto	-	2
Sumaré I	2	2
Sapé	1	1
Imbaúba	-	1
Total	5	10

REFLEXÃO: Nessa turma de 2015 a 2019 vejo que aparece apenas sete aldeias, sendo que três delas tem um número maior de estudantes, na qual a maioria são mulheres.

LAL – Línguas, Arte e Literatura / 2016 a 2020		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	-	2
Riachinho	-	1
Brejo Mata Fome	1	3
Itapicuru	-	1
Barreiro Preto	1	1
Riacho dos Buritis	-	1
Várzea Grande	-	1

Tenda/Rancharia	1	-
Santa Cruz	-	1
Riacho do Brejo	-	3
Total	3	14

REFLEXÃO: Nessa turma de 2016 a 2020 observei que foi uma turma com participação bem maior de estudantes Xakriabá em relação a primeira turma da LAL, e mais uma vez a participação feminina é bem superior ao sexo masculina e as aldeias com maior número de estudante é a aldeia Brejo Mata Fome, seguida do Riacho do Brejo e as demais aparece com dois e um participante por aldeia.

CSH – Ciências Sociais e Humanidades / 2017 a 2021		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	1	-
Sumaré I	1	-
Itapicuru	1	-
Brejo Mata Fome	-	1
Barreiro Preto	-	1
Tenda/Rancharia	1	-
Total	4	2

REFLEXÃO: Essa é uma turma com número de estudantes Xakriabá, sendo um estudante por aldeia e com um número maior de estudante do sexo masculino.

Matemática – 2018 a 2022		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	-	1
Sumaré I	2	3
Sumaré II	-	2
Brejo Mata Fome	2	1
Imbaúba	-	1
São Domingo	1	-
Total	5	8

REFLEXÃO: Pude observar que nessa turma a maioria são mulheres e a aldeia que teve maior número de estudantes foi o Sumaré I e as aldeias Prata, Imbaúba e São Domingos aparece com apenas 1 estudante em cada.

CVN – Ciências da Vida e da Natureza / 2019 a 2023		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	-	2
Imbaúba	1	3

Tenda/Rancharia	1	-
Brejo Mata Fome	1	-
Sapé	1	-
Pindaíbas	-	1
Olhos d'água	-	1
Sumaré II	-	3
Itacarambixinho	-	1
Barreiro Preto	1	-
Total	5	11

REFLEXÃO: Ao analisar essa turma da CVN – 2019, eu observei que as mulheres vêm destacando em relação a quantidade masculina. Além disso pude observar que em relação aos números de estudantes por aldeias estão quase iguais, sendo que apenas três aldeias tiveram maior número de estudantes.

LAL – Línguas, Arte e Literatura / 2020 a 2024		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	1	2
Imbaúba	-	4
Sumaré I	1	-
Sumaré II	-	1
Sapé	-	1
Riacho do Brejo	-	1
Brejo Mata Fome	1	-
Barreiro Preto	-	1
Total	3	10

REFLEXÃO: Na turma com início em 2020/2, que é a minha turma, cuja finaliza em setembro de 2024, devido ter ingressado no período da pandemia do Covid 19, por isso cursou quase a metade do curso de forma remota, a mesma possui uma quantidade bem maior do sexo feminino e as aldeias com maior número de estudantes é a Imbaúba, seguido da Prata e as demais tem apenas um estudante egresso por aldeia.

CSH – Ciências Sociais e Humanidades / 2021 a 2025		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	1	2
Morro Vermelho	1	-
Brejo Mata Fome	1	1
Riachinho	-	1
Santa Cruz	-	1
Sumaré I	2	3
Sumaré II	-	1

Olhos d'água	1	-
Barreiro Preto	-	1
Riacho do Brejo	-	1
Vargem	-	1
Itapicuru	1	-
Tenda/Rancharia	-	1
Total	7	13

REFLEXÃO: Ao analisar os nomes desses estudantes, notei mais uma vez a presença feminina é maior que a feminina e a aldeia com maior número de estudantes é o Sumaré I.

Matemática – 2022 a 2026		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	-	1
Brejo Mata Fome	1	4
Sumaré I	1	2
Sumaré II	1	3
Caatinguinha	-	1
Imbaúba	1	1
Barra do Sumaré	-	1
Morro Vermelho	1	-
Várzea Grande	1	-
Total	6	13

REFLEXÃO: Ao fazer a análise dessa turma observei mais uma vez que a maioria são mulheres e as aldeias com menor número de estudantes é Prata, Morro Vermelho e Várzea Grande e o maior número de estudante está na aldeia Brejo Mata Fome.

CVN – Ciências da Vida e da Natureza / 2023 a 2027		
ALDEIA	HOMENS	MULHERES
Prata	-	1
Morro Vermelho	-	1
Sumaré I	1	1
Sumaré II	1	-
Barreiro Preto	1	1
Barra do Sumaré	-	1
Tenda/Rancharia	1	-
Riacho Comprido	1	-
Itapicuru	-	1
Riachão	-	1
total	5	7

REFLEXÃO: Analisando essa turma da CVN de 2023, pude identificar que os números de estudantes estão quase se igualando, porém, as mulheres estão mais uma vez se superando. Vejo também que nesse curso aparece umas aldeias que ainda não tinha estudante no FIEI na UFMG.